

N.º 74

COMPRÁ

1940

# SERÕES

AGOSTO 1911



CARLOS REIS — Retrato a crayon do dr. B.

## Summario

### MAGAZINE

	PAG.
RETRATO A CRAYON DO DR. B. — CARLOS REIS ( <i>Frontispicio</i> ) . . . . .	82
FLORENÇA A AMOROSA ( <i>5 illustrações e 2 vinhetas</i> ) por JUSTINO DE MONTALVÃO . . . . .	83
D. JOÃO I ( <i>6 illustrações</i> ) por DAMIÃO PERES . . . . .	93
ONDE EDUCAR AS NOSSAS FILHAS? ( <i>9 illustrações</i> ) por AGOSTINHO DE CAMPOS . . . . .	102
O ESTRATAGEMA DE ROSA ( <i>4 illustrações e 1 vinheta</i> ) . . . . .	115
UM DIA EM S. JULIÃO DA BARRA ( <i>8 illustrações</i> ) por MAXIMILIANO DE AZEVEDO . . . . .	125
ARTE PORTUGUÊSA ( <i>Illustrações</i> ) Retrato de Silva Porto — VELLOSO SALGADO . . . . .	135
Feira no Minho — SILVA PORTO . . . . .	139
UMA CAÇADA NOCTURNA . . . . .	136
RESENHA PORTUGUEZA ( <i>5 illustrações</i> ) por PORTUGAL DA SILVA . . . . .	141
THEATROS . . . . .	147
PELO MUNDO FORA ( <i>9 illustrações</i> ) . . . . .	150
SERÕES DAS SENHORAS ( <i>4 illustrações</i> ) . . . . .	157



# Diccionario Prático Illustrado

---

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portugêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquisas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

## Diccionario Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionario verdadeiramente **prático**, isto é, um diccionario em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna sollicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquisas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

**Lingua portugêsa**

**Locuções latinas e estrangeiras**

**Historia e geographia**

### **O Texto**

apresenta o mais copioso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionario d'esta natureza, abrangendo a **lingua**, as **letras**, as **sciencias**, as **artes**, acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, apoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos**, **antónomos**, **proverbios** e **locuções proverbias**,

**pronúncia figurada** (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenas de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

**Locuções latinas e estrangeiras**, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia**. Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

**Noticias biográficas**, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portuguesa e brasileira;

**Monographias de obras de arte famosas**: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

**Personagens e typos** symbolicos, literários, sociaes.

---

## **ILLUSTRAÇÕES**

---

**6:000 gravuras** distribuidas no texto.

**110 quadros encyclopedicos**, 3 dos quaes a côres.

**1:000 retratos** de individualidades celebres, portuguesas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

**90 mappas geographicos**, 8 dos quaes a côres.

---

### **Preço da obra completa**

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

**3\$000 RÉIS**

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prazos que o comprador indicar:

**CADA TOMO, 500 RÉIS.**

# Serões



Historia —  
— Sciencia  
Romance —  
— Arte  
Actualidades —  
— etc. —

Magazine Mensal Ilustrado

PROPRIEDADE DA

LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritores  
e artistas portugueses e brasileiros.

*Assignatura annual, 2\$200 réis*

*Semestre, 1\$200 réis*

*Numero avulso, 200 réis.*

**Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados**

---

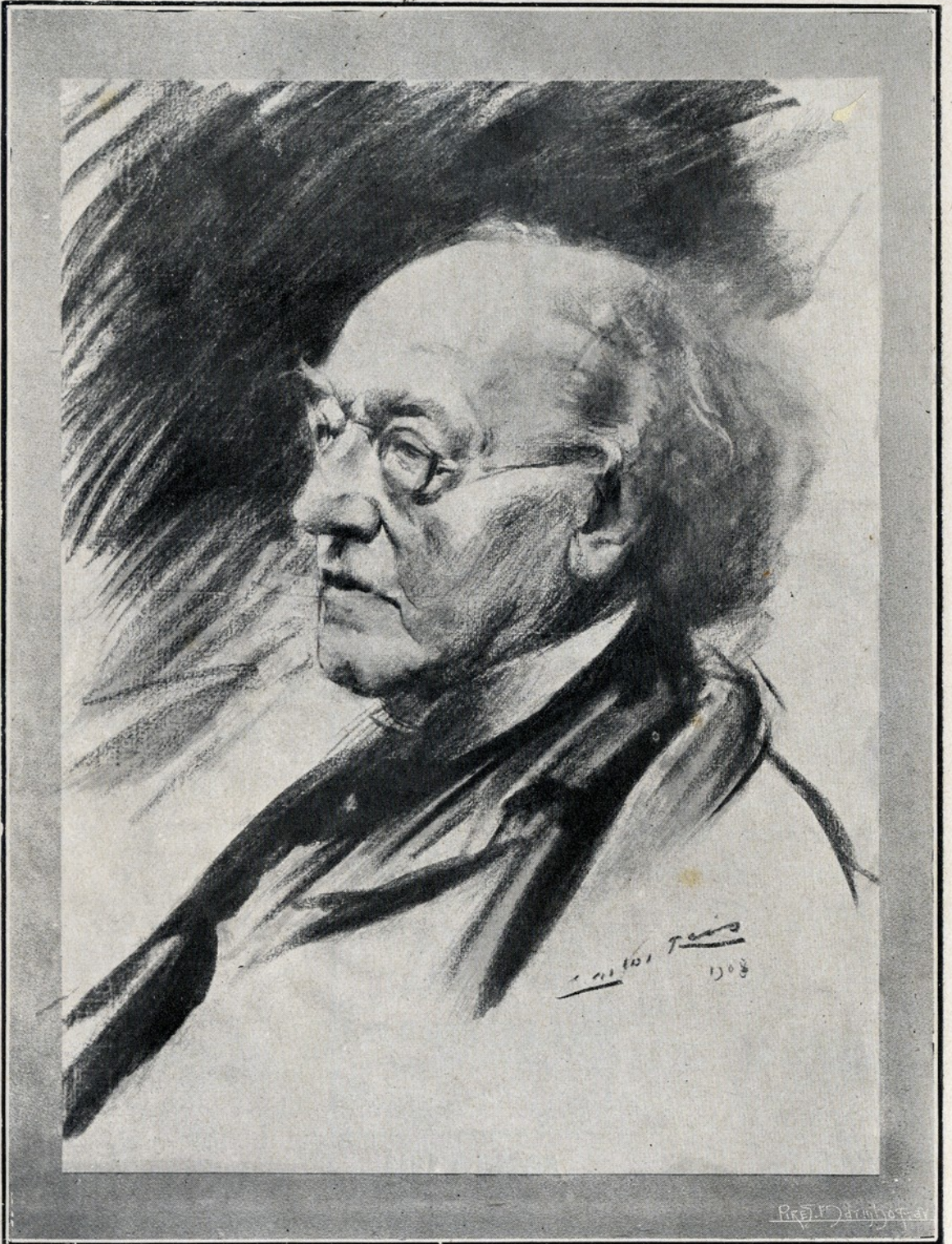
**Atenção:** Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier**. Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao **DICCIONARIO**.

N.º 74

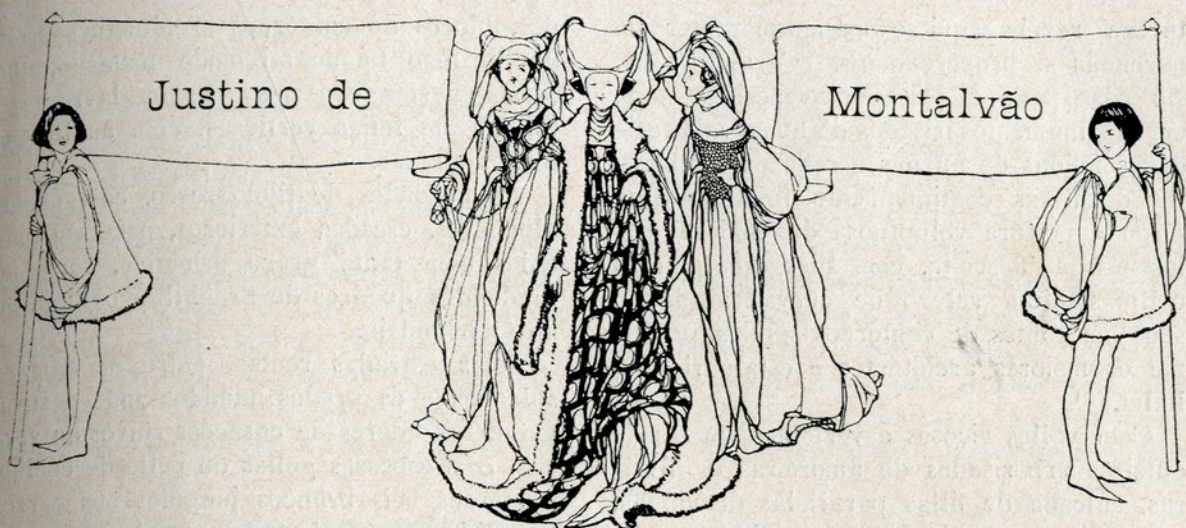


AGOSTO 1911

Arte portuguesa



CARLOS REIS — RETRATO A CRAYON DO DR. B.



# Florença a amorosa

## A paisagem toscana

O genio esthetico e a ethnologia singular do povo que creou a mais requintada civilização do mundo antigo, depois do grego, comprehendem-se melhor ainda que nos museus, no meio meio da paisagem de encanto sob cuja influencia directa ella germinou e floriu.

Pelas condições especiaes de solo e clima, a Toscana representou sempre um papel autonomo, na historia da Italia. A' graça ambiente da natureza devem os toscanos a superioridade do gosto, o sentimento attico da belleza, a finura da imaginação creadora, o culto das nobres formas e das linhas harmoniosas.

O impulso mais generoso e a melhor herança da Italia veio deste povo admiravel, que dois mil annos já antes do christianismo attingira o predominio da intelligencia.

Quando a acção centralisadora e absorvente de Roma, depois da tomada de Veies, começou a latinisar a primitiva confederação etrusca, a sua fisionomia ethnica não se transfigurou.

O poder de assimilação d'este povo excepcionalmente cultivado exerceu-se sempre sobre os estrangeiros que o dominaram. Duques godos e lombardos, ou condes francos, foram-se tornando successivamente toscanos, pela acção mysteriosa d'esta terra incomparavel.

Emquanto o resto da Italia era dilacerado pelas ambições dos *condottieri* que a mutilaram, na edade-media, as republicas toscanas illustravam-se de monumentos. Assim, sob a dynastia magnifica dos Medices, favorecendo com a mais sabia administração o bem estar do povo, animando os artistas, os sabios, os poetas e os humanistas, a hegemonia de Florença estava assegurada. E a Renascença brotava naturalmente, como a floração expontanea d'este solo privilegiado.

A partir de Pisa, a região que o Arno banha tem a fertilidade d'um pomar e a elegancia d'um parque.

Mais graciosa do que exuberante, a na-



tureza revela aqui o mesmo character de harmonia e proporção que a arte toscana. Ao passo que a paisagem venesiana, toda em espelhamentos irisados d'aguas, vapores fluidas de nuvens e reflexos cambiantes de tintas continuamente fundidas, inspirou a pintura voluptuosa dos maiores coloristas, a Toscana, com suas esculpturaes collinas d'um relevo de curvas nitidas e seus horizontes de contornos solidos, produziu os maiores architectos e estatuarios da Italia.

Com valles viçosos e vertentes suaves de outeiros arborizados de amoreiras e oliveiras, sulcada de fillas parallelas de vinhas, esta paisagem mais fresca e unida que no resto da península, lembra um pouco, pela patriarchal abundancia, a do Minho idylico. Mas ha n'esta alguma coisa de mais fino, de mais estylisado, com os pinheiros abertos em paleo, e os cyprestes esbeltos que se perfilam, em tão hieratica delicadeza, nos terraços das villas elegantes e nas ruinas dos castellos cheios d'heras e de lendas.

Plano e fertil, avivado d'aguas, azulado d'hortas, emoldurado de arvores em cujos ramos, agora desfolhados, se enroscam as videiras que no outono as engrinaldarão de corymbos de rubis e d'ambar, entre os pampans viridentes, o valle desenrola ao longo da linha ferrea a sua doçura pacifica e rissonha.

Apesar de ser inverno, está tudo verde, d'um verde limpido, claro e tenro como na primavera. Nem um retalho que não dê amplamente ao lavrador o preço do seu trabalho. A terra é aqui tão generosa, que no mesmo campo fructificam a seara, a vinha e o olival.

Como na vespera choveu, a natureza inteira parece lavada, envernizada de fresco. Sob o ceu de aço pallido, as hervas dos prados reluzem, as arestas dos montes apparecem recortadas em metal, as folhagens finas das oliveiras fremem como rendas de prata brunida.

A esquerda, deliciosos de curva, suavemente arredondados, os Montes Pisanos dirse-iam, na nitidez da atmosfera, modelados no mesmo bronze de que foram feitas as estatuas de Donatello.

Altas medas, a espaços, erguem pyrami-

des, blocos de contornos architecturaes em que o fêno foi de tal modo acamado, que forma pastas espessas que os lavradores talham em fatias verticaes, com as longas fouces afiadas.

As herdades de tijolo roseo, com arcos, alpendres, escadas exteriores, parecem pintadas com tanta graça primitiva, como no fundo dos quadros de Fra Fillippo Lippi ou do Ghirlandaio.

Pelas estradas rectas, entre os campos sulcados e os prados humidos onde pasta o gado, lavradores de casacões ruivos ou verdes, com espessas gollas de pelle de coelho, guiam os bois brancos jungidos aos carros de feitio ancestral. Ou, curvados sobre as estreitas carrozellas d'altas rodas, chicoteiam os cavallos galopantes, ajaezados de campainhas, abrigados por mantos de lã amarella contra o frio vivo e fino.

Os signaes da prosperidade e do bem estar são por toda a parte visiveis, tanto nos campos bem lavrados, como nas casas das aldeias e nas granjas que se avistam ao passar. Porque nada mais falso do que a ideia tão espalhada de considerar os italianos como camponezes d'opereta, travestidos de trapos coloridos, estendendo a mão á *mangia* do forasteiro, e vivendo na indolencia lyrica dos lazzaroni, entre uma canção e um bailado.

A Toscana é uma das provincias mais activas da Italia. Ao contrario do que se dá no sul, não é roida pela miseria e pela emigração. A fertilidade da terra, a liberdade relativa sob que viveu sempre, favoreceram o desenvolvimento d'esta população laboriosa. O seu character pacifico contrasta com o das meridionaes, onde o solo accidentado, as florestas densas, os campos incultos e o ardor do clima já africano determinam a insubmissão e a revolta.

Emquanto o lavrador da Lombardia e do Veneto se alimenta quasi exclusivamente de polenta, n'um regimen de vegetarianismo forçado, na mesa do toscano ha sempre pão alvo, vinho e carne.

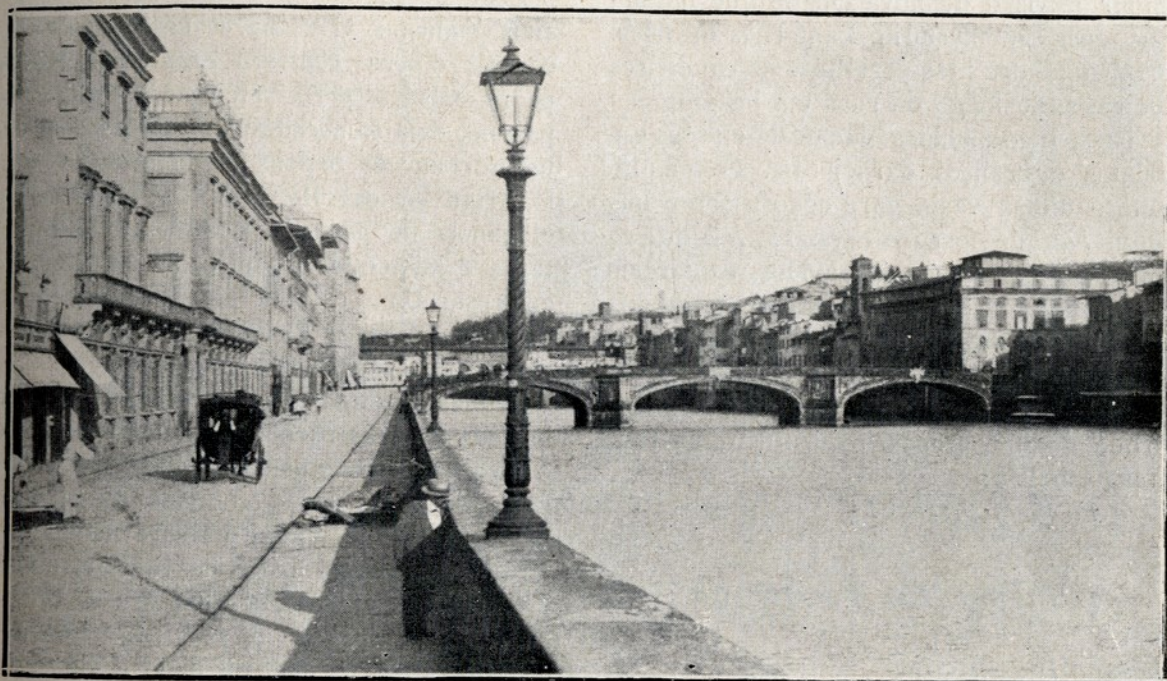
Toda divida em pequenas propriedades, cultivadas por familias submettidas á auctoridade do pater, de geração em geração, como os arias primitivos, a Toscana vive ainda na serenidade patriarchal que Virgilio cantou nas Georgicas.

Esta terra de fertilidade e de graça feliz foi no entanto, outr'ora, a mais revolvida pelas luctas dos homens.

Depois do campo romano, nenhum mais cheio de recordações historicas. Todas estas paisagens d'ecloga, onde só se evocam as suavidades d'uma existencia placidamente monotona, estão impregnadas da memoria tragica das mais sangrentas carnagens da idade-media. Todas estas povoações, tão pittorescas de mancha, ao longe, no alto dos

veres rolaram, trucidados, entre o fero tumulto dos gritos de guerra e o choque barbaro das lanças.

Sobre a alta torre medieval de San Miniato al Tedesco, que foi a residencia do vigario do imperador Frederico II, as pombas fazem ninho onde fluctuava o estandarte de combate e onde o *vigia* soltava o seu brado d'alarme, ao avistar ao longe, as flamulas e gonfalões das hostes inimigas, avançando n'uma nuvem de poeira. E essa erma Empoli, em cuja gare os carros aguardam em vão os viajantes que não descem, teria sido



FLORENÇA — PONTE DE S. TRINITA E LUNGARNO

montes, d'uma silhueta tão poetica com seus campanarios roseos e suas calmas ruasinhas sinuosas que se apercebem ao passar, com seus castellos romanticos dominando o valle, foram marcadas a fogo por alguma estrofe de Dante. E é talvez por ter sido tão profundamente regado de sangue, que este humus é tão fecundo.

N'este bucolio valle de Cascine, que agora o comboio atravessa, o sombrio poeta do capuz vermelho tomou parte na batalha em que os pisanos foram derrotados pelos florentinos. E nas aguas do Arno, que hoje corre tão liso e sereno, banhando os prados onde pastam as ovelhas, milhares de cada-

de certo a Athenas latina, tão animada e rica de monumentos como Florença, se a energia heroica de Farinata degli Uberti se não tivesse opposto ao projecto dos gibelinos que para ella queriam mudar a séde da republica, depois de arrazar os muros e palacios da cidade do lyrio vermelho.

Para além do rio Pesa, elevava-se na melancolia da tarde a molle negra do castello de Montelupo, que os florentinos fortificaram para combater Capraia. O comboio entrou no desfiladeiro sombrio da Gonfalina onde o Arno cachoa, entre ravinas eriçadas de pinheiros esgalhados. A aldeia de Signa, pouco depois, surgiu com as muralhas amea-

das que a sombra esculpia já em negro no ceu onde a luz bruxoleava.

E, rapidamente, a noite desceu quasi sem a transição do crepusculo, como uma mancha de tinta alastrando sobre o valle que de novo se dilata, plantado de vinhas e amoreiras.

Vidraças começaram a reluzir nas villas mais numerosas, annunciando a approximação d'um grande centro populoso. Uma immensa nuvem lactea de claridade fluctuou na penumbra. Cada vez mais, os pontos d'oiro se multiplicaram, enxames flamejantes na sombra informe onde em vão tentei distinguir a visão da nova cidade que me atraia com seu mysterio. Lanternas de trens correram, entre filas parâllelas de candieiros electricos, ao longo de ruas um instante entrevistas, logo sumidas. Jactos de clarões escarlates e brancos dardejaram. O tumulto confuso d'uma vasta gare echoou sob o immenso hall de ferro e crystal... E de repente, cantaram-me nos ouvidos, cantaram-me na alma, as syllabas d'este nome de doçura e d'encanto, que nunca ouço sem a suggestão d'aroma, de brilho, de luz e de voluptuosidade elegante d'um claro e nobre parque da Renascença, todo illustrado d'estatuas esbeltas:

— Firenze! Firenze!

## A alma de Florença

Toda a reluzir da chuva da noite, sob os raios louros do sol matinal, Florença appareceu-me, ao abrir a janella, com a graça rejuvenescida d'um rosto de mulher que sorri, atravez das lagrimas.

No ar fresco e ligeiro, a luz resplandecia sobre os telhados roseos e as vidraças limpidas das casas amarellas da Piazza Madonna, com uma doçura desconhecida dos invernos do norte.

E na alegria facil e no calor suave que pairava sobre a cidade, era deliciosa a sensação de contraste entre o lustro azul d'aquelle ceu de primavera precoce e o fulgor branco da neve coroadando as collinas que a circundam, como uma taça burilada.

N'alguma das torres onde outr'ora os sinos tocavam a rebate, nos seculos heroicos, oito horas vibraram, com um som que me

pareceu mais musical na pureza da atmosfera que envolve a cidade feliz, em que as flores dos jardins e as ideias dos homens desabroçam mais expontaneas que em nenhuma outra.

Ao fundo da praça, a Sagrestia Nuova de San Lorenzo elevava a cupula aureolada de reflexos, com a harmonia que Miguel Angelo lhe deu para abrigar nobremente a Noite, que com tão divina melancolia sonha sobre o mausoleu do *Penseroso*. N'um terrço, sobre a typographia d'um jornal, duas estatuas velhas brilhavam ao sol como remoçadas. Os cartazes illustrados d'uma exposição de pintura e d'uma-opera nova faziam manchas vivas na esquina d'um palacio côr d'ocre, com seu grande brazão de pedra sobre o portal esculpido. Parados no passeio, dois namorados, um adolescente esbelto como os pagens de Masaccio e uma rapariga em cabelo, fallavam, riam, com a elegancia de gestos e attitudes, a expansão terna e instinctiva d'esta raça naturalmente amorosa. Uma carreta alongada em forma de barco, pintada de vermelho, passou carregada de laranjas e de flores...

E n'esse estado de plenitude em que uma immediata concordancia se estabelece entre o nosso espirito e as coisas ambientes, todas estas pequenas notas colhidas de relance, na claridade da minha primeira manhã florentina, bastaram para me revelar, n'uma instantanea synthese, a alma d'esta cidade que atravez dos seculos christãos permaneceu alegremente pagã, e onde a vida teve sempre um sabor mais intellectual e voluptuoso.

Saí. E demorando insensivelmente os passos, detendo-me a cada instante deante d'um novo aspecto, flanando ao acaso pelas ruas lageadas de largas pedras polidas, e que de repente se entreabem sobre a delicada curva d'um monte com uma igreja no alto, entre finos cyprestes, compreendi o encanto que a Athenas latina exerce inevitavelmente sobre as almas artistas.

Como uma nympha da Hellenia resuscitada no solo itallico, ella canta a alegria de viver n'uma atmosphaera dyonisiaca d'arte e de belleza creadora.

Nenhuma outra cidade mostra tanto como

Florença o culto da fôrma. Por toda a parte o passado apparece ligado ao presente, quasi sem lacunas, sem que o nosso sentimento estetico seja chocado por violentas desharmonias.

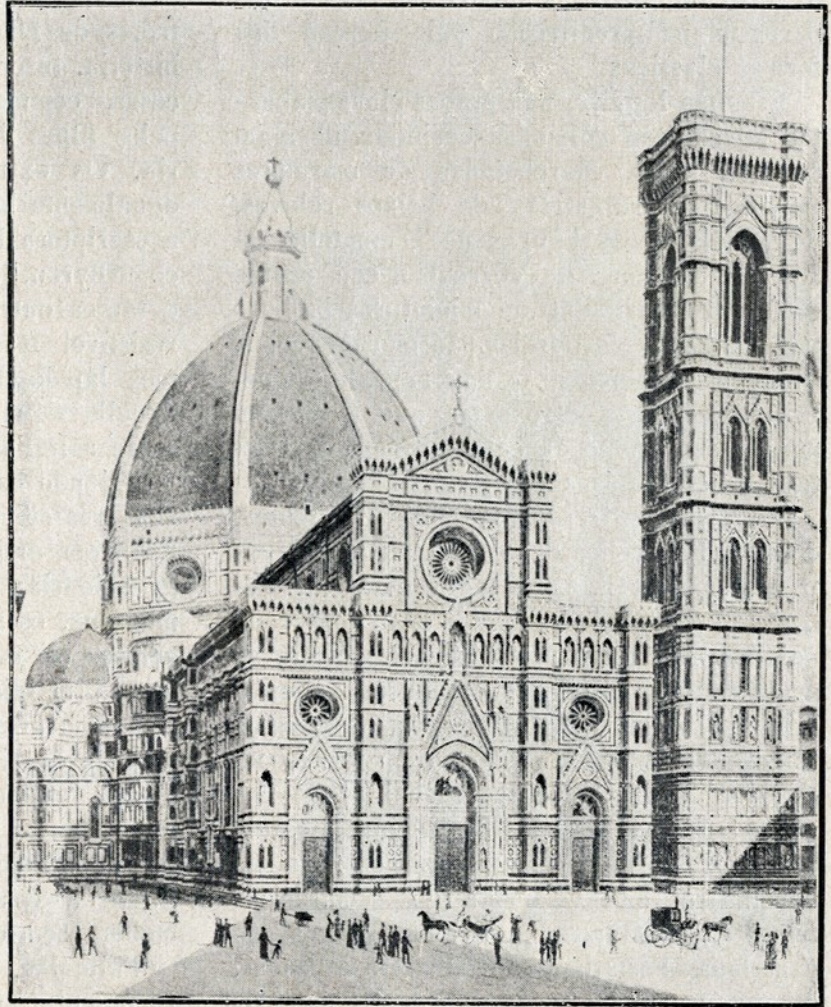
Emquanto as cidades toscanas que ella combateu e aniquilou, offerecem o aspecto de necropoles inertes, Florença conserva como outr'ora o aspecto de uma grande cidade viva.

Apesar de não ter já o movimento e a população da capital do reino que foi de 1864 a 1870, é das mais animadas da Italia. Pelos monumentos, pelos muzeus em que o genio dos seculos reuniu em maior numero as obras primas da pintura e da esculptura, é das primeiras do mundo.

O contraste entre a architectura antiga e a moderna é aqui menor que nas outras, onde o mau gosto das construcções destaca, como nos bairros da Roma nova, com tão brutal insolencia. O gosto natural dos florentinos, alliado a um exemplar orgulho civico, não deixou que os seus palacios caissem em ruina e fossem demolidos, ou deploravelmente modernizados. Muito são habitados pelas familias senhoriaes que os herdaram, ou foram transformados em muzeus. E nas edificações novas, os architectos visaram a manter a tradição de elegante e solida simplicidade que caracteriza o estylode Brunelleschi, de Michelozzo, e de todos os seus grandes continuadores.

Mesmo nos mais antigos, como o Bargello, o Pallazzo Vecchio, o Pitti, o Spini, construidos á moda etrusca, com rudes blocos de granito mal esquadriado, que lhes dão o aspecto de fortalezas inabalaveis, se revela esta harmonia perfeita de proporções. A'

medida que o gosto se foi polindo, a arte mais fina do renascimento ornamentou as frontarias com uma fantasia mais graciosa, decorando-as de pilastras e janellas esculpidas, coroando-as de cornijas, como no palacio Riccardi, em que Michelozzo começou a modificar a ordem rustica nos andares superiores, e no Strozzi, o mais expressivo



FLORENÇA — FACHADA DO DOMO

typo da architectura florentina. Alguns conservam as torres macissas, de solidas janellas gradeadas, onde nas eras feudaes se entrincheiravam as familias guelfas ou gibelinas para as longas defezas, quando as ruas eram fechadas por cadeias de ferro. Nas fachadas de pedra a que o tempo deu tons trigueiros, vêem-se ainda chumbadas as argolas de bronze que nas noites de festa sustentavam os archotes ou as lanternas maravilhosamente forjadas de seculo quinze,

E nos pateos vastos, sob as galerias de columnatas, estão expostos os mausoleus de marmore ancestraes.

Por toda a parte, os vestigios da vida artistica d'este povo em que a pratica dos negocios e da politica nunca fez degenerar o gosto do prazer e das coisas bellas, apparecem na predilecção pela pureza das formas classicas.

Esbeltas loggias, nas praças claras, abertas ao sol sob columnas corintias, abrigam estatuas nuas. Marchetadas de marmores polycromos, revestidas de baixos relevos, de majolicas, de figuras de Donnatello, de João de Bolonha, de Verrochio, com portas de bronze buriladas de miniaturas biblicas por Ghiberti, as egrejas são enormes joias, illuminuras de missal, d'uma riqueza e d'um brilho de côres e ornatos que exprimem mais o sentimento da belleza que o da tristeza do cristianismo.

Pinturas a fresco, mosaicos rutilantes, cobrem as paredes das capellas e dos claustros cheios de flores. A agua canta nas taças dos chafarizes rodeados de tritões e de naiades. Nos tympanos das portas, sobre as arcarias dos hospitaes, ceramicas azues e brancas, as lindas Virgens e os santos que os Lucca del Robbia modelaram em terra cota esmaltada, sorriem entre grinaldas de flores e fructos. Ladeadas de officinas d'escultores, de lojas de bric-a-brac, as ruas são verdadeiros muzeus ao ar livre, com as vitrines recheadas de gravuras antigas, de camafeus, d'estatuetas de alabastro e bronze, deante das quaes se passam horas maravilhadadas. A photographia, mesmo, é aqui uma arte nobre. Em vez dos retratos pornograficos das grues e *gommeuses* de café concerto, mostrando as coxas e os seios, que as montras dos boulevards parisienses ostentam, as de Florença expõem reproduções de quadros dos grandes mestres. Em vez da Otero, da Gaby, ou da Arlette, a Fornarina de Raphael, a Simoneta de Botticelli, a Venus do Ticiano. Em vez do cantor Mayol, rebolando os quadris equivocados, Petrarcha ou Dante. E como a civilização não anda em atrazo nesta cidade tão ecletica e cosmopolita, ao lado do *Fuoco* e do *Piaccere*,

de Gabriel d'Annunzio, o *Humano, demasiado humano*, de Nietzche, e as *Claudines*, de Willy, esse Epicuro da *blague* e do *calembourg*, que é a personificação mais typica da philosophia archimoderna. Nas livrarias, edições de luxo de todos os autores celebres, italianos ou estrangeiros, exprimem a vida intellectual d'um centro cosmopolita.

Como paginas de pedra do maior poema, as paredes de Florença estão cheias de estrofes de Dante evocando episodios da sua historia. Inscricções de marmore, em muitas casas, commemoram a religião da cidade pelos filhos illustres que fizeram a sua gloria. Os estrangeiros que a amaram são igualmente lembrados. Na casa onde morou a escriptora Elisabeth Barret Browning, que como Byron, Schelley, Keats, Rossetti, Ruskin, e tantos outros da sua raça, celebrou a irresistivel fascinação d'esta terra suprema, uma lapide diz a gratidão de Florença por aquella «que fez da poesia um aureo annel entre a Italia e a Inglaterra».

E lendo os jornaes, alguns dos quaes fazem tres edições quotidianas, e todos os dias publicam artigos de litteratura, de critica, de sciencia; visitando as exposições d'arte moderna, os salões de conferencias, os concertos, os teatros, onde são representados com prestigio os maiores dramaturgos e comediografos contemporaneos; ou mesmo atravez da simples conversa, n'um café, com algum florentino, a impressão que se tem é a de que a Florença d'hoje continua a do passado. Pela paixão da cultura e da intelligencia, é ainda uma verdadeira capital, embora sem o fausto que a magnificava.

Falta-lhe, certamente, o movimento, a turbulenta animação de Napoles, que é a cidade mais populosa e alegre da Italia. Ao cair da noite, a vida extingue-se, concentra-se apenas nos teatros, nos salões, nos cinematografos, e n'um ou n'outro café da Praça Victor Manuel, sob as arcadas.

Aos que tiverem a nostalgia da multidão, á hora vertiginosa em que nas terrasses rutilantes dos boulevards parisienses guincham as czardas tziganas, entre o tumulto aboiante dos automoveis, o rolar interminavel dos fiacres, os riso das cocottes e os pregões dos camelots, Florença parecerá desoladamente monotona e triste como uma cidade d'exilio.

Nostalgicamente, as almas inquietas dos noctambulos, n'esses desolados corredores das ruas, onde apenas flamejam tristes *bars* honestos e burguezes, em que os retardarios se embebedam de café com leite, a dois soldos, evocarão Montmartre, a *butte sacrée* da Luxuria, á hora hysterica em que Paris, maquilhada e decotada até á cintura, ergue nos dedos chammejantes de anneis a taça de champagne, n'um brinde em *argot* a Lilith, deusa das nevroses, sacerdotiza dos ricos impuros.

Mas durante as horas de sol, uma onda humana povoa a via Calzaioli, da piazza del Duomo á della Signoria; a Tornabuoni, onde os tea-rooms são o *namoradoiro* elegante das norte-americanas e inglezas que aqui vêm passar o inverno; os muzeus, as egrejas, o jardim Boboli, cheio de murtas, de estatuas, de rosas e de fontes; o Lungarno que como uma nobre avenida orlada de hoteis monumentaes margina o rio doirado; e o parque das Cascine, onde ás tardes, na esplanada do Piazzone as damas da aristocracia florentina recebem as visitas e as homenagens dos sigisbeus, reclinadas nas carruagens floridas, como n'um salão sem par, ao ar livre, entre a moldura d'essas colinas que a Natureza esculpiu com arte mais perfeita que as do resto do mundo.

## A voluptuosidade florentina

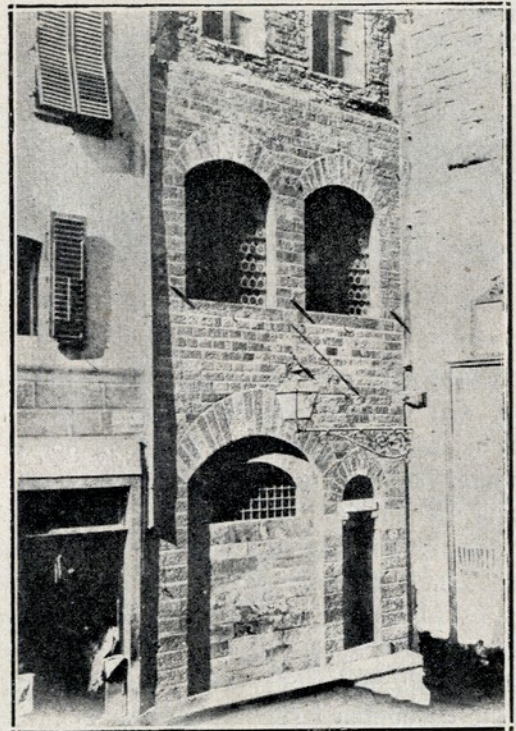
N'esta luminosa Florença em que o amor da intelligencia se não esterilizou nunca, e os olhos são atraídos a cada instante por imagens de belleza, a alma dos habitantes lê-se claramente como n'um livro aberto.

Na confusão dos grandes centros cosmopolitas, como Paris ou Londres, a fisionomia e os costumes do povo não se distinguem logo. Só decorrido longo tempo é possível ao viajante analysal-os. Aqui não. Desde o primeiro dia, é-se immediatamente conquistado, seduzido por esta cidade que nos sorri e abre os braços, sem hypocrysia, sem mysterio, como uma bella mulher que ama o prazer, e não se envergonha de o confessar.

Mais ainda que em Veneza, a que a nostalgia da gloria morta dá uma poesia feita de sonho e tristeza, ha na doce Florença não sei que feminino encanto, que allicia.

Uma voluptuosidade esparsa fluctua n'esta atmosphaera, n'esta luz subtil e ligeira, que alegra o céu e as almas. O Oriente começa aqui. Qualquer coisa assignala já o seu contagio peturbante, no aspecto das casas brancas e amarellas, nas verduras vivas que destacam sobre os muros dos jardins fechados, na abundancia das flôres, no aspecto de certas ruas, na indolente elegancia das mulheres, nos costumes e nos typos d'esta terra, que não é exclusivamente latina.

Como nos seculos quinze e dezeseis, a concepção dominante da vida é a d'uma sensualidade delicada e finamente pagã.



FLORENÇA — CASA DE DANTE

Todas as noites, os teatros numerosos se enchem d'um publico avido de vêr bellas mulheres decotadas, flamejantes de joias, ao esplendor das luzes, e de ouvir os largos periodos sonoros, constellados de imagens raras de d'Annunzio, ou as musicas apaixonadas e ardentes de Verdi, de Puccini, de Leoncavallo, de Mascagni, de todos os interpretes d'esta raça essencialmente amorosa, para a qual a melodia e o canto são as expressões supremas.

Mesmo durante o dia, cinematografos

inumeraveis attraem o povo incessantemente desejoso de divertir-se. Ao domingo e ás quintas feiras, em que os museus se abrem gratuitamente, diante dos quadros e das estatuas, os devotos desfilam. Em qualquer parte onde se vejam mulheres ou se expõnha uma obra d'arte, os florentinos accodem.



FLORENÇA — PRAÇA MIGUEL ANGELO

Por este gosto innato da belleza e do prazer, são bem os descendentes directos dos epicuristas que não acreditavam no outro mundo, sabiam que a existencia n'este é curta, e queriam gosal-a o mais possivel, poetando, amando, dissertando sobre filosofia e arte, na cõrte academica e nos banquetes platonicos de Lourenço o Magnifico; ou sob os arvoredos da villa Palmieri, durante a peste, escutavam para esquecer a morte os contos lascivos de Boccacio.

A tolerancia foi sempre aqui extrema na voluptuosidade, na expansão do instinto, alliada ao culto pelas manifestações do espirito.

O amor do prazer sincero e consciente é uma prova de superioridade dos povos bem organizados, uma faculdade caracteristica das raças eleitas. A alegria é a expressão viva da força e da saude, tanto nas nações como nos individuos. Só as decaidas são tristes, as que agonisam, ou se resignam á humilhação da miseria, porque perderam a fé e a esperanza. Quando os homens se

desinteressam da natureza e da arte, e se preocupam só com a politica e o negocio, a vida social decae. Os que pensam em coisas bellas e sãs tem a alegria de viver. O gosto natural do prazer dá-lhes uma facilidade de comprehensão superior. As intelligencias são mais ricas e brilhantes.

Sempre que abria o «Janeiro» que todas as manhãs, como um velho amigo cheio de amargurá, vinha contar-me n'estas terras alheias o triste fado de Portugal, que bandos de politicos (que n'outro paiz não passariam de traficantes vulgares ou de fantoches grotescos) andavam explorando como uma pobre terra de escravos, a impressão que tinha era

a do desalento. E ao ler em seguida os jornaes da Italia, em que via o reflexo d'uma intensa vida intellectual, a expressão de interesses mais elevados que os da *mediocrazia* deprimente que nos estava corrompendo, reconheço a verdade d'estas palavras de Taine: «Ha raças tão finas que não podem decair completamente. O espirito é n'ellas innato, pódem ser corrompidas, mas não aniquiladas; produzirão dilletantes ou sofistas, mas não mudos ou imbecis.»

A alma do homem é quasi sempre analogá, de resto, á terra em que nasceu. A alacridade da luz e a graça da paysagem de Florença revelam-se na idyosincrasia dos habitantes. Depois do grego, nenhum povo foi mais favorecido pela natureza. As ideias offerecem-se ao seu espirito com o relevo e a nitidez das fórmás que os rodeiam, n'este horisonte circunscripto por collinas elegantes.

No dominio psychico, ignoraram sempre as obsessões espiritualistas do *au-dela*. A alma italiana não comprehende o mysterio e o fanatismo. Mesmo na edade-media, as convulsões mysticas determinadas pelo chris-

tianismo, não destruíram n'ella a serenidade classica.

A tendencia natural para a realidade, para a belleza do mundo visivel, isola-a das divagações idealistas dos povos do norte.

O amor da vida e da natureza predominou sempre na sua imaginação. E' por isso que este povo se manifesta em tudo artista: na filosofia como na sciencia, na vida publica como na intima, na religião como no amor.

\*

Nas ruas, nos teatros, nos cafés, entre a multidão, o typo florentino destaca por não sei que de mais puro de linhas e attitudes, pela expressão eminentemente impressionavel do olhar e do sorriso, que caracteriza estas cabeças de raça. Vestidos á moda dos grandes seculos, poderiam figurar ao lado dos que se vêem retratados por Andréa del Sarto e Bronzino, nas tellas dos muzeus, nos frescos dos clautros.

Nenhum espectáculo mais nobre que o d'estas intelligencias sempre em vibração.

D'uma urbanidade e polidez extremas com os estrangeiros, poem na conversa a seducção, o desejo instintivo de agradar.

— *Permesso! grazia! favorisca!* são palavras que a cada momento se ouvem. Ao segundo aperto de mão, o desconhecido d'hontem chamar-vos-ha *carissimo* com a familiaridade comunicativa e expontanea que é um dos grandes encantos da vida italiana.

E' verdade que esse mesmo «*carissimo amico*» não hesitará em pedir-vos, com igual cordealidade effusiva, o quadruplo do legitimo valor pela copia d'um quadro, invo-

cando descaradamente todas as *Madone del cielo* para lhe afirmar a originalidade autentica. Mas a ternura cariciosa do gesto e da voz com que vos dará as suas *lire* falsas em troco dos vossos *luigi* verdadeiros será tão encantadora, que ninguem poderá preferir-lhe a bronca e austera seccura do saxão mais escrupuloso.

A predilecção pelas phrases bem buriladas e empoladas, pelo luxo da linguagem e pelas methaphoras cheias de emphase, mesmo entre a gente do povo, dá a sensação singular de nos imaginarmos n'uma cidade onde todos fossem igualmente latinistas cultos.

A multidão dos que se nos apresentam como *preffessori* e *avocati* é de resto tão extraordinaria como em Roma a dos *principi*, e em Napoles a dos *cavallieri*... geralmente de Industria.

A doçura do dialecto toscano, o mais harmonioso da Italia, e aquelle que o ex-



FLORENÇA — PALACIO VELHO E PRAÇA DA SENHORIA

trangeiro logo comprehende sem difficuldade, por ser o que mais se assemelha á lingua escripta moderna, augmenta ainda o prazer (ás vezes demasiado caro) de os ouvir.

A elegancia do espirito é n'elles completada pela do corpo. Com os cabellos negros alisados e frisados, anneis antigos nas



mãos finas de prestimanos ou de violinistas, as lapellas floridas, de rostos glabros como os moços patricios retratados pelos pintores do Cinquecento, os adolescentes florentinos mostram no vestir uma selecção de gosto superior aos das outras cidades.

Nos grandes capotes azues claros, que lhes modelam os bustos e as cintas, os officiaes são impecaveis de garbo militar, sem a rigidez automatica dos allemães.

Mesmo entre o povo se nota o instincto da elegancia. Logo de manhã cedo bem penteadas, as mulheres que se veem passar têm a ligeireza de movimentos que vem do habito de caminhar sobre as lages polidas das ruas planas, sem esforço, sem o ar desengonçado de pégas saltitantes que as calçadas de pedras meudas dão ás que nascem nas cidades ingremes.

A Toscana é a provincia italiana onde o typo da familia etrusca que povoou a parte meridional da Europa, desde a Grecia á Hespanha, se manteve quasi puro.

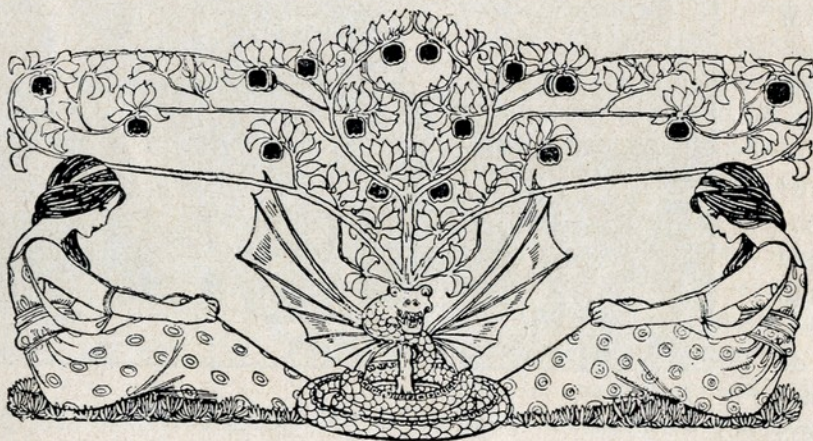
De cabellos e olhos pretos, com carna-

ções firmes, d'um moreno roseo, as florentinas não têm a estatura um pouco macissa das louras mulheres da Lombardia, onde o cruzamento do sangue germanico com o celta produziu uma raça de talhe mais elevado; nem o aristocratico elançamento das venezianas, tão esbeltas nos longos chales ondulantes que fazem lembrar já o féredgé das orientaes.

O seu character distinctivo está mais na expressão que na regularidade e na pureza dos perfis. Instintivas, sentimentaes, d'uma indolente morbidez, as suas attitudes encantam inolvidavelmente, quando a aura lyrica das operas, á noite, na «Pérgola», lhes vela de amoroso extase os olhos sonhantes.

Pela graça, essa melodia dos gestos; pelo nimbo de ternura intima e pensativa; pela nervosa e espiritual formosura, algumas figuras de grandes damas florentinas ficaram-me na memoria, como os mais puros modelos da raça que deu ao mundo a *Beatrice*, a *Simonetta*, a *Mulher velada* e a *Venus deitada*.

(Continúa.)





# D. João I

## I

### O homem

Individualidade complexa, o Mestre de Avís tem sido apreciado por formas varias, algumas diametralmente oppostas, desde a admiração maxima até á maxima depreciação. Um exame imparcial, se exclue a apreciação em absoluto deprimente, não repelle menos o elogio quasi incondicional; mais talvez que a de qualquer outro monarca português a actividade de D. João I foi consequencia do seu meio. Creio que a febril vitalidade nacional emprestou de si alguma cousa ao valor do imperante e o intenso brilho da época offuscou algum tanto os criticos do monarca.

Tres traços fundamentaes caracterizam esta tão curiosa quão importante personagem, traços tão profundamente vincados que, encontrando-se já nas primeiras manifestações da sua personalidade, o acompanham até o tumulo. Essas tres características, ligadas pelos laços de uma successiva dependencia, são: o espirito de prudente previsão, o animo conciliador, e a hesitação prolongada sobretudo tratando-se de factos graves.

Este espirito de cautelosa previsão, que o fazia pensar longamente as consequencias possiveis dos seus actos, é o traço mais profundo e mais caracteristico da sua psychologia, por elle se explicam e d'elle dependem todos os outros, elle lhe deu, durante a vida de D. Fernando, todo o aspecto de um fidalgo de côrte em muito pouco, ou em nada talvez, diverso dos restantes, elle explica como o Mestre foi durante o periodo revolucionario um perfeito *meneur de*

*foules*, e como durante toda a sua vida publica o Mestre foi joguete de influencias de varia origem cujo embate explica nos seus multiplices aspectos o caracter do reinado do primeiro rei de Avís.

Lendo uma descripção minuciosa dos feitos do Mestre, como a que nos deixou Fernão Lopes, a impressão que se tem é a de que se está em frente de uma creatura dotada de uma prudencia extrema, exagerada até por vezes.

Esta prudencia trouxe para o caracter do Mestre varias consequencias e, levada ao excesso, deu-lhe em algumas ocasiões a côr da covardia. No ataque a Coria, o rei, visivelmente descontente com os seus e, portanto, com intuito offensivo, lamentava-se de que allí tivessem faltado os bons cavalleiros da Tavola Redonda; Mem Rodrigues de Vasconcellos, o da Ala dos Namorados, homem indubitavelmente valoroso, sentindo-se melindrado por esta apreciação, replicou logo que o que faltara fôra o bom Rei Arthur, senhor delles. D. João, attingido directamente, retirou logo prudentemente, explicando que não tinha excluido o proprio Rei Arthur que era, como os outros, companheiro da Tavola Redonda. De outra vez, indo em marcha com o duque de Lencastre e Nun'alvares, declarou o rei ao seu condestavel *que lhe apraxia e tinha em talante* que o duque commandasse a vanguarda, vista a sua qualidade de pessoa mais qualificada abaixo do Rei; o Condestavel replicou que era sua vontade *nunca leixar a vanguarda a nenhua pessoa* e D. João, prudentemente, cedeu de sua vontade.

Contudo, ás vezes, — muito raramente —, dava-lhe para mostrar firmeza de resolução e não ceder a pedido algum: certa era en-

tão a tolice. Durante o cerco de Villalobos faltou certo dia a herva no acampamento e, como se tivesse espalhado infundadamente o boato de que a povoação se renderia no dia seguinte, varios dos do Mestre foram apanhar quanta herva encontraram nas proximidades. Quando o soube, o Mestre ficou

que prendessem os culpados e que lh'os trouxessem. Apresentaram-lhe seis rapazes: sem hesitação, mandou que os degolassem.

Debalde, as lagrimas a bailarem-lhe nas palpebras, o Condestavel busca movê-lo á piedade; debalde, tacitamente invocando os seus serviços, um Escudeiro, que sempre o acompanhára e servira bem, lhe pede misericórdia para um dos condemnados, seu irmão; o Mestre, frio, impassivel, inabalavel, não cede. A sentença é executada.

O Condestavel satisfez-se chorando, de braços sobre o leito, por *tal justiça como aquella*, mas o Escudeiro, irritado com o Mestre, ferido por uma crueza tamanha, fez alguma coisa mais: abandonou aquelle que sempre acompanhára e que mostrava agora não merecer os seus serviços, passou a Castella e, pondo-se ao serviço do rei castelhano, para sempre ficou adversario de D. João I. Fazendo-o, buscava, por ventura, que os acasos da guerra lhe

deparassem ainda ocasião asada para vingar a morte do irmão, vingando-se a si proprio.

Nas sessões do seu Conselho, como em muitas outras ocasiões, o Mestre revelou um cuidado constante em tudo conciliar e em conciliar-se com todos.

Este espirito de conciliação póde considerar-se consequencia da prudencia extrema de que acaba de ser feita menção, visto que



O MESTRE D'AVIZ

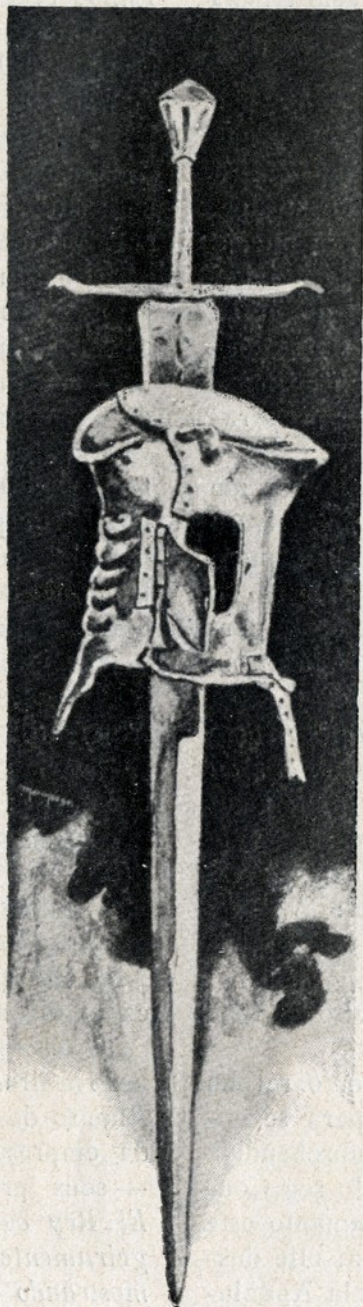
irritadissimo porque suppunha, não sem razão, que os cercados, sabendo-o em dificuldades para alimentar o gado, se não rendessem tão depressa. Os factos desmentiram esta supposição, visto a povoação se ter rendido poucos dias depois, mas ella não deixava de ser até certo ponto logica. O Mestre, irado, sem attender a que a culpa fora impensada, e olhando só ás consequencias della, que suppunha pessimas, ordenou

no desejo de conciliação vai implicito o de evitar consequências más que de um des-acordo poderiam resultar.

O desejo de ver tudo e todos conciliados deu ao Mestre a possibilidade de ser o excellento politico que foi, não no sentido largo e grande do termo, como homem que organizasse e procurasse executar largos planos de administração, na significação mais lata do termo, mas no sentido rasteiro e comezinho do homem que procura agradar a todos para sobre essa estima geral cimentar uma gloria e um poder pessoaes.

Faltava ao Mestre, ás vezes, a energia necessaria para se oppôr a actos violentos ou criminosos — e como tal por elle reputados —, se a execução da sua vontade pudesse ter como consequencia a alienação de algum alliado. Contemporizava logo. Esta contemporização excessiva é, como facilmente se vê, uma affirmação sob nova côr do seu fundamental desejo de conciliar tudo e todos. Um caso bem typico della é o do assassinato do bispo D. Martinho pelas turbas allucinadas de Lisboa. Morto o Andeiro, dirigira-se o Mestre a casa do conde João Affonso Tello, irmão da Rainha, para jantar, quando vieram dar-lhe a noticia do perigo que corria a vida do bispo e pedir-lhe que lhe acudisse; o primeiro impulso do Mestre foi de generoso desinteresse: quiz ir salva-lo; do lado, porém, o Conde acudiu: «*não pense nisso, Senhor, se elle morrer não se perde grande cousa, haverá muito quem o substitúa!*» e tanto bastou para que o Mestre, pensando talvez então já a frio que a vida de um homem não valia o incommodo da indisposição com o povo, a qual

podia tirar-lhe as esperanças de mandar, se aquietasse. — São um libello terrivel as palavras friamente simples de Fernão Lopes: *E estando elle por sse asseentar aa mesa disseron ao Mestre como os da çidade queriam matar o Bispo, e que faria bem de lhe hir acorrer; e o Mestre quizera allo hir. Disse estomce o Comde: nom curees disso, Senhor, se o matarem, quer o matem quer nom, ca posto que elle moira, nom mingoará outro Bispo portuguees que vos serva melhor que elle. Ao dito do Conde cessou o Meestre de sua boa voontade e o Bispo foi morto desta guisa que se segue...*



ELMO E ESPADA DO MESTRE D'AVIZ

Antes de tomar uma resolução qualquer, o Mestre pesava bem o pro e o contra: de aqui uma hesitação mais ou menos prolongada, que sobretudo se accentuava se o facto revestia um caracter de gravidade.

Tres factos, como nucleos de actividade, dominaram de alto a vida do Mestre. Um introduziu-o no tumultuar da vida publica, outro garantiu-lhe o throno, outro collocou-o na galeria dos iniciadores do imperio ultramarino portugês. Em um jogou a vida: morte do Andeiro; em outro jogou a corôa e talvez a liberdade: Aljubarrota; no terceiro jogou o descanso de uma velhice gloriosa: Ceuta.

Porém, uma hesitação prolongada antecedeu cada uma destas arriscadas provas; resoluções contradictorias precederam a resolução final.

E' de notar ainda uma certa analogia na evolução de cada um destes tres casos.

Na morte do Andeiro vê-se uma hesitação profunda que se manifesta por resoluções contradictorias alternadamente:

a) aceita o encargo de matar o Andeiro;

- b) hesita;
- c) aceita;
- d) nega-se a cumprir o promettido;
- e) fazem-lhe segunda proposta;
- f) hesita de novo;
- g) torna a aceitar;
- h) parte para o Alemtejo já sem tenção de cumprir a promessa;
- i) volta e cumpre-a.

A primeira proposta foi-lhe feita por Nun'alvares indirectamente. O futuro Condestavel contou o seu plano a Ruy Pereira que, por seu turno, o participou ao Mestre, o qual antes de aceitar fez notar que já se não falava tanto no adulterio da Rainha. Comtudo, encarregou Nun'alvares de juntar gente de guerra, mas quando este se dispunha a fazê-lo chegou-lhe ordem do Mestre para sustar por então todos os preparativos.

A segunda proposta foi-lhe feita por um burguês muito importante de Lisboa, Alvaro Paes. O Mestre mostrou difficuldades que o seu interlocutor reduziu a nada; aceitou o encargo, mas, nomeado fronteiro do Algarve, partiu *sem levando já nenhuma teemcom de matar o Conde*.

No caminho, porém, *tornou a cuidar como esta cousa fora fallada com tantos... da quall cousa descoberta se seguia a elle e aos seus gram cajom e perda*. Voltou e só então levou a cabo o emprehendimento.

Em Aljubarrota a evolução foi:

- a) resolve dar batalha;
- b) resolve não a dar;
- c) arrisca o lance sob o impulso da vontade energica do Condestavel.

Estando, em meados de julho, o rei em Abrantes concentrando forças para se oppor á marcha sobre Lisboa emprehendida pelo monarcha castelhano, os do seu Conselho foram de opinião que, enquanto este entrava em Portugal pela Beira, elle descesse ao Alemtejo e entrasse pela Andaluzia, obrigando assim o rei castelhano a retirar-se de Portugal para ir defender a sua propria terra e desviando assim, de uma maneira indirecta, de Lisboa o perigo que a ameaçava; o alvitre foi aceite.

Acceitando-o, D. João voltava atraz com a resolução tomada de dar batalha ao rei de Castella.

Chegou, porém, o facto ao conhecimento

do Condestavel que se indignou: fazer semelhante cousa era, além de mostrar covardia, provocar o perigo de deixar perder Lisboa, se o rei de Castella proseguisse, apesar de tudo, na marcha sobre esta cidade e *perdida Lisboa, perdido era todo o reino*; procurando ferir a nota da dignidade, lembrou ainda que o rei promettera por escripto a Lisboa impedir a todo o transe a marcha de forças castelhanas e não devia faltar agora á sua promessa.

D. João I ficou indeciso; os do Conselho não mudaram de parecer. Exaltado como era, o Condestavel retirou-se bruscamente para o seu acampamento e no dia seguinte pôs-se em marcha com os seus a caminho de Thomar, ao encontro do exercito inimigo.

O rei, em quem tinham calado as razões do Condestavel, mandou-o chamar por duas vezes para terem nova conferencia; elle, porém, negou-se abertamente a tal e mandou-lhe participar que levava tenção de ir dar batalha ao inimigo e que, se elle quizesse fazer-lhe companhia, se dirigisse a Thomar, onde o esperava.

Vencido, D. João I logo no dia immediato emprehendeu a marcha no encalço de Nun'alvares.

Na empresa de Ceuta os estadios da questão fôram:

- a) desconhecimento do alcance da empresa, real ou simulado;
- b) apposição de difficuldades;
- c) acceitação do alvitre;
- d) interposição de prolongadas e complicadas difficuldades;
- e) organização e effectivação da empresa.

Primeiro, quando o seu conselheiro João Affonso de Azambuja lhe apresentou o plano da empresa e quando — por conselho deste — seus proprios filhos lh'o apresentaram, *El Rey cujo coração não se movia assi ligeiramente começou de se rir contra elles mostrando que tinha em jogo suas palavras (Azurara)*.

Mas os Infantes não desanimaram; voltaram á carga uma e mais vezes; fôram combatendo vigorosamente os argumentos que o pae, então já a serio, lhes oppunha. Por fim o rei cedeu depois de consultar os letrados e os confesores que o aconselharam a accommetter a empresa.

Não cessaram, comtudo, as difficuldades,

e só depois de obtido o voto favoravel da Rainha e do Condestavel se começaram systematicamente os preparatorios para a tomada de Ceuta.

A hypocrisia adornou tambem o caracter do Mestre. Revela-se em muitos dos seus actos e nomeadamente nas suas relações com Leonor Telles.

Antes, porém, de proseguir, porque este termo *hypocrisia* sôa mal e porque desejo prevenir a justificação, tantas vezes allegada, de que é preciso ver as cousas com o espirito da epoca e não com o moderno, e apezar de que se deve notar que a epoca tratada avista já o pleno desabrochar do Renascimento, direi que não se procura aqui senão mostrar que o Mestre teve tambem um traço especial característico a que hoje se dá o nome de *hypocrisia*.

Pedindo perdão a Leonor Telles por ter dado morte nos seus paços ao Conde de Ourem, o Mestre não podia ser sincero. Se realmente o arrependimento, não da morte do Andeiro, que elle proprio declarava não ter, mas da fórmula como fôra feito, o tocava, não se comprehende que ficasse indifferente á phrase sincerissima, talvez a unica completamente sincera, que Leonor Telles soltou quando elle e os que o acompanhavam saíam: «*Que crueldade tamanha! Nem terdes agora dô desse homem que ahí jaz, morto tão deshonradamente!*»

Pouco depois, sabendo que a rainha já nenhum poder tinha no povo de Lisboa, quando os judeus ricos, vendo-se prestes a ser roubados, lhe fôram pedir protecção, considerando-o — como todos — o unico chefe da cidade, o Mestre aconselhou-os a recorrerem á rainha, sendo necessario que Affonso Tello e Alvaro Peres lhe pedissem que lhes acudisse para elle o fazer.

Mais tarde — já depois de Leonor Telles ter sido encerrada no mosteiro de Tordesillas, quando o Mestre havia muito já que era regente — tendo-lhe os moradores de Alemquer participado que desejavam seguir o seu partido com a condição de elle entregar a villa a Leonor Telles logo que esta readquirisse a liberdade e o poder, o Mestre respondeu que *desi como elle tiinha a Rainha em logo de madre pera a honrar... prazia-lhe de lhe otorgar o que pediam*. O Mestre honrando Leonor Telles...

Por ocasião da aclamação o Mestre que desejava ardentemente ser eleito rei e que, vendo a opposição pertinaz de Martim Vasques da Cunha, chegara a pedir contra esta um novo esforço a João das Regras, de-



RETRATO DE NUN'ALVARES.  
DA «CHRONICA DO CONDESTABRE», ED. DE 1526

pois que se resolveu acclama-lo rei é que se lembrou de oppôr difficuldades, recordando os seus votos religiosos na Ordem de Avis, que o impediam de casar, e outras substanciaes razões de equivalente peso.

## II

### O chefe militar

Como soldado, pessoalmente, o Mestre era um optimo elemento: em combate, quando era preciso jogar a vida, afastado o politico,

reaparecia o monge-cavalleiro, o chefe de uma das mais poderosas ordens monastico-militares, e, confiada a parte technica e scientifica da batalha ao genio de Nun'alvares, a personalidade combativa do Mestre de Avis desenrolava-se em toda a sua inexcedivel pujança. O clamor surdo do combate; os gritos de guerra; o estertor dos que agonizam num mar de sangue; aqui um elmo aberto á machadada; além um arnez que lançadas formidaveis impiedosamente despedaçaram; acolá um moribundo sobre o qual, debruçando-se, um sacerdote faz á pressa um derradeiro signal da Cruz; tudo o que de sanguinolento e brutalmente épico tinha um combate á arma branca, parecia encher de febre e de louco entusiasmo o Mestre de Aviz que entre tantos rasgos de rara altivez e de sublime loucura se guindam a uma altura difficilmente attingivel.

O que lhe sobrava, porém, em valor pessoal, faltava-lhe como dirigente. O Mestre, sendo um valente, nunca foi um audacioso, e não o foi por ser extremamente prudente — é obvio que audacia característica e prudencia até o excesso são cousas que se excluem.

Por isso, correndo a lista dos feitos do Mestre, nós vê-mo-lo constantemente cercando ou assaltando villas e castellos, tomando umas e outras por assaltos violentos, por preitezia, por assedio, ou utilizando traições; nunca, porém, o encontramos entrando á frente de um corpo de tropas maior ou menor pelo territorio inimigo e talando-o, como constantemente fazia Nun'alvares.

Mas não necessitamos de comprovações indirectas desde que Fernão Lopes nos deixou archivado o modo de pensar do Mestre sobre o assumpto, referindo uma polemica havida entre elle e o Condestavel. Aquelle, á mingua de razões mais fortes, escudava-se com a honra que de tal processo de combate advinha aos que o usavam, este combatia com numerosos e bem mais solidos argumentos:

a) necessidade de maior material e conseqüente agravamento financeiro;

b) desenvolvimento de doenças perigosas no local do cerco;

c) tornarem-se muitas vezes as terras, depois de tomadas á custa de esforços de toda a ordem, aos seus primitivos senhores;

d) terem as batalhas alcance mais largo e influencia mais duradoura;

e) serem os cercos, ás vezes, de resultados contraproducentes, como fôra o de Chaves, do qual o rei castelhano dizia que lhe servira ás mil maravilhas porque emquanto o rei português lá estivera detido não lhe fizera o mal que lhe poderia ter feito se lhe entrasse pelo reino.

A estes argumentos de peso não encontrou resposta o monarcha, mas não cedeu. Não podia evidentemente lutar comigo mesmo.

O arrojo das batalhas campaes nunca o seduziu, proferiu-lhes sem hesitação o processo mais terra a terra, sempre identico e sempre mais seguro, da tomada successiva de castellos e povoações, e, se algumas raras vezes em uma larga vida de guerra nellas se encontrou, foi arrastado por Nun'alvares; assim succedeu em Aljubarrota.

### III

#### O chefe de estado

O character do Mestre, que de uma maneira geral, mas quanto possivel exacta, atraz fica esboçado, revela-se como alguma cousa que estava bem longe de ser larga, franca, nobre e desinteressada; mas foi justamente esse character assim que o fez ser um bom governante, permittindo-lhe evitar questões, sempre más, e, naquellas circumstancias, altamente perigosas. A sua prudencia levou-o até a escolher para mulher D. Filippa só porque, sendo filha do primeiro matrimonio do duque de Lencastre, nada tinha que ver com a questão de Castella.

Foi bem pequena a iniciativa propria do Mestre nos actos grandes da sua vida politica; jámais se lhe deveu um destes rasgos que immortalizam um homem ou ao menos uma destas medidas que destacam um nome. Este facto é perfeitamente explicavel por duas ordens de motivos qualquer dellas capaz, por si só, de o provocar: a constituição propria do Mestre e as circumstancias occorrentes.

O character do Mestre, que nunca se revelou um audacioso, mas antes e sempre um

harmonizador, já por si lhe não consentiria largos vôos de imaginação, largos planos, em materia politica.

Mas mesmo que assim não fosse, não lhe permittiria grandes liberdades o seu *meio*. E' preciso não esquecer que o rodeava um grupo de homens que não seriam facilmente excedidos ou dominados, e que a crise nacional tinha um fito, um rumo certo.

Producto do seu meio, D. João I nunca poderia ter sido o que foi sem essa pleiade brilhante cuja diversidade de elementos — a audacia de Nun'alvares levando aos quatro cantos do país o credo patriótico symbolizado no Mestre de Avis, a argucia de João das Regras escavando na sombra os alicerces da monarchia absoluta, e o senso burquêsmente pratico de Alvaro Paes, — completando-se uns aos outros, contribuiu para a tornar ainda mais preciosa.

Sem aquelle brilhante grupo de homens a que mais tarde se substituiu outro não menos illustre — o dos Infantes — e sem a intensissima actividade nacional e os sacrificios do povo, nunca D. João I poderia ter sido sequer um pallido reflexo desse monarcha feliz, que os proprios adversarios ajudavam (o rei de Castella, quebrando as condições dos tratados permittiu e justificou a illegalidade da eleição do Mestre para

rei; Nun'alvares, doando terras aos seus companheiros d'armas, abriu o caminho da reversão para a coroa de muitos bens por esta alienados), desse monarcha feliz que conseguiu ver amplamente realizado tudo quanto a sua restricta ambição lhe fez dese-



NUN'ALVARES QUANDO ESTAVA EM RELIGIÃO NO CARMO.  
(DA «CHRONICA DO CONDESTABRE», ED. DE 1526)

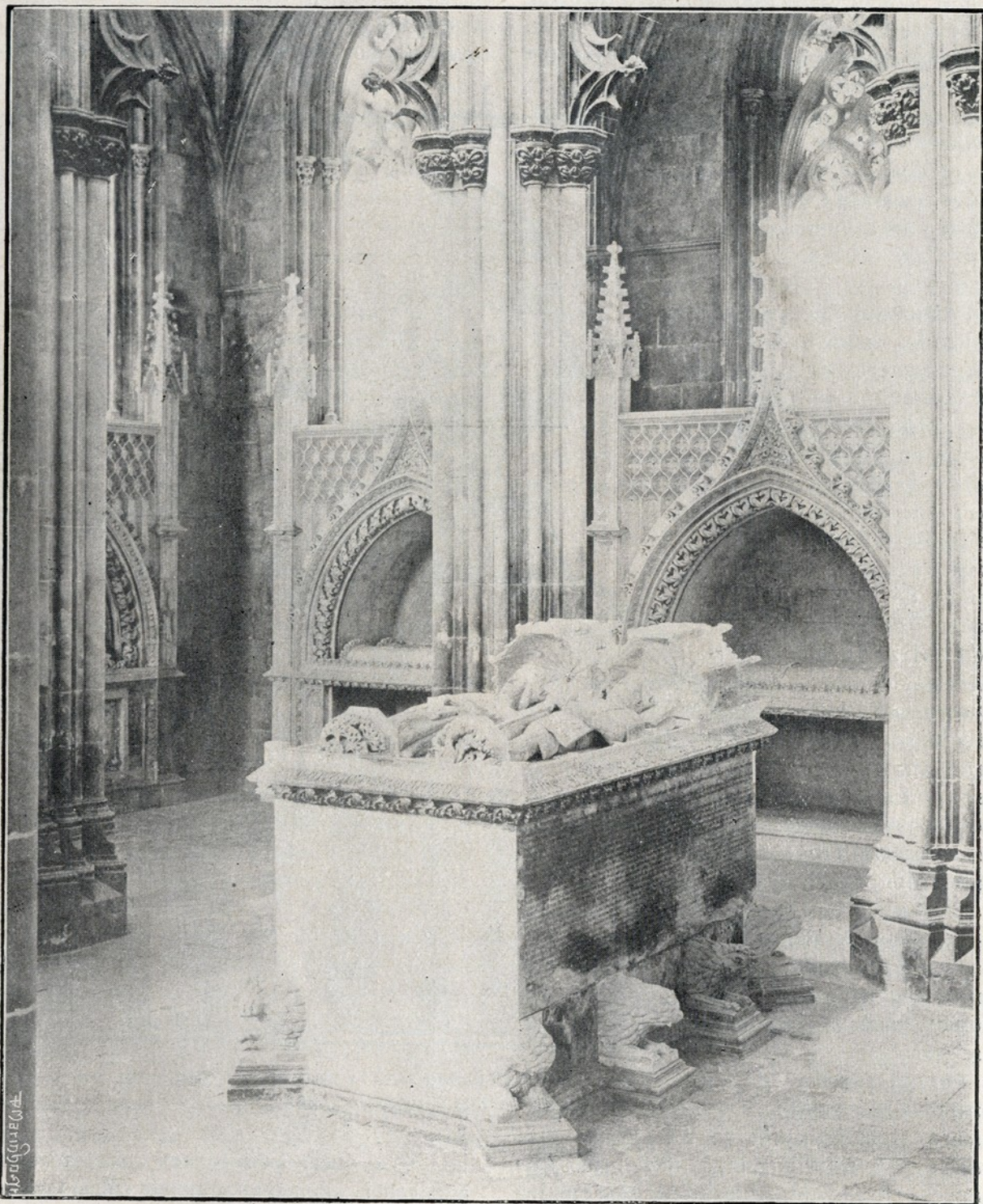
jar, e a quem entregaram uma nação na apparencia agonizante e pode cobrir-se com a gloria de a deixar florescentissima, pres-tes a tomar entre as demais o logar primacial que occupou bem antes de volvido um seculo.

O inicio da organização systematica do poder real sem restricções ha-de ir buscar-se ao seu reinado, e nelle não á iniciativa



do monarca mas aos trabalhos dos juriscôn-  
sultos das escolas de Italia, que as côrtes

rei e a permittir o estabelecimento da mo-  
narchia absoluta, centralizada.



TUMULO DE D. JOÃO I E D. FILIPPA

de 1385 lhe collocaram no Conselho, e que sobre a indole do direito romano jizaram um plano de providencias conducentes a abater os poderes que limitavam a acção do

Os chefes de Estado não teem um valor absoluto. Valem evidentemente o que a contingencia do momento permite. O seu valor maior ou menor depende da fórmula melhor

ou peor por que souberam consubstanciar em si as aspirações da nação que dirigem, unificando-as, coordenando-as e transformando-as de desordenadas, vagas e inconscientes, como em geral são, em um corpo de aspirações ordenado e coerente.

Foi esse o papel reservado ao Mestre na scena politica e desempenhou-o cabalmente.

Quando os ideadores da Revolução buscaram alguém que sentassem no throno, em substituição dos que punham de lá para fóra, e pensáram no Mestre de Avís, tiveram um achado precioso; ninguem melhor do que elle estava, pelo seu caracter,

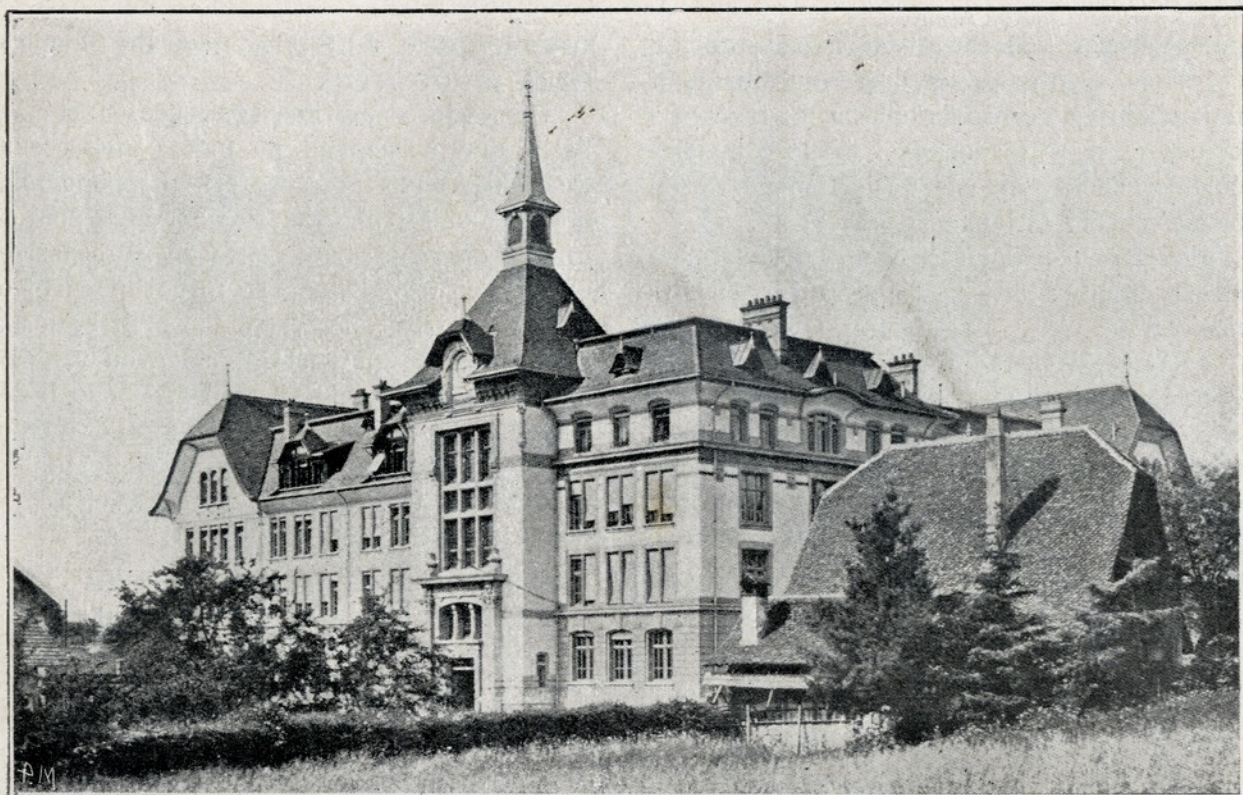
armado para a tarefa que lhe incumbiam.

Tornando-se fito das aspirações nacionalistas que irrompiam de todo o país e seu guia, descendo ao contacto da população, desfazendo attritos, harmonizando e conjugando energias não concordes, o Mestre não pouco trabalhou para tornar possível o definitivo triumpho da causa portugêsa, triumpho que ainda em vida logrou ver alcançado completo no dia em que João II de Castella, assignando em Medina del Campo o tratado de paz perpetua com Portugal, reconhecia, em nome da sua nação, a dynastia de Avís.

DAMIÃO PERES.



RETRATO DE D. JOÃO I, PELO GRAVADOR HARREWIN (1730)



UMA ESCOLA PRIMARIA SUÍSSA (BRUNNMATTSCHULE, BERNA)

## Onde educar as nossas filhas?



PARECERÁ decerto razoavel que um professor, escrevendo para esta revista, cujo titulo suggere ou presuppõe a vida de familia, escolha para tarefa de um serão lançar sobre o papel algumas impressões, quando não algumas ideias, acerca da educação feminina.

Creio bem que assim é; e creio mais que o momento é essencialmente asado para que os paes e as mães cuidadosos da sua missão de formar homens e mulheres, reflectam um pouco sobre as perspectivas abertas diante de si pelos acontecimentos de natureza politica que abalaram o paiz e que não deixarão de resentir-se profundamente no dominio da educação e do ensino nacional.

Providencias de energia revolucionaria trouxeram o encerramento brusco de dezenas de collegios que as classes medias preferiam para a educação das suas filhas e que não estão ainda substituidos, nem parece que o sejam tão cedo; leis civis innovadoras, bulindo com a propria organização da familia, deram n'esta á mulher uma situação que já se não compadece com a velha educação feminina de prendas e bugigangas, pois que a facilidade do divorcio e a influencia d'elle no regime financeiro do casamento obrigarão a preparar as raparigas para responsabilidades, prevenções e defezas, que a lei até aqui tomava a seu cuidado e d'ora avante ficarão principalmente confiadas ao juizo das proprias interessadas.

Pelo que respeita aos rapazes, tenhamos

presente que um diploma da dictadura revolucionaria, dos mais educativos, nos approximou juridicamente da liberdade plena de testar, elevando a metade a antiga terça disponivel, e trazendo assim comsigo o germe de reformas de ensino inevitaveis, e concordes com a necessidade que dentro em pouco se imporá aos filhos, de contarem na vida mais com o proprio esforço do que com a herança dos paes. Outras leis, tornando em certo sentido verdadeiramente superior o que d'antes não passava de ensino secundario para homens feitos, instituiram nas Universidades a liberdade de frequencia, o que torna indispensavel que os rapazes saiam dos lyceus para as Faculdades verdadeiramente *sui juris*, isto é, capazes de comprehender a liberdade de que vão dispor, e de fazer d'ella um uso mais fecundo que o de esbanjar o tempo e a saude, a paciencia dos paes e o seu dinheiro.

Tambem não constituirá decerto surpresa para os burgueses intelligentes e reflectidos a opinião, que julgo defensavel, de que as correntes de electricidade social d'onde resultou a reviravolta de outubro ultimo constituiram um movimento de deslocação de forças collectivas, religioso na forma e no fundo economico, analogo ao que ha dezenas de annos se vem desenhando e accentuando por todo o mundo civilizado, e tendente a dar ás classes chamadas trabalhadoras ou proletarias, soberanas pelo numero, a effectividade cada vez maior da soberania politica. Christianismo ha dois mil annos, socialismo na França e na Allemanha, republicanismo na Peninsula — são formas e nomes diversos da mesma eterna lucta do homem contra o homem, na mesma ancia tragica de ascender da fome e da desgraça ao Paraizo das illusões religiosas ou politicas (1). E a lucta será mais feroz e mais longa nos países em que uma instrucção collectiva imperfeita ou viciada contribua para acirrar a desorganização, impedindo o desenvolvimento de riqueza, diminuindo a capacidade administrativa ou dirigente, e prolongando assim o quadro tristemente grotesco da casa onde nem sequer ha pão e onde todos reclamam perdizes trufadas. . .

(1) Leia-se Gustave Le Bon, *La psychologie politique et la défense sociale*, Flammarion, Paris, 1910.

Já sabemos que um terramoto legislativo, com o seu epicentro no ministerio do Interior, revolucionou por completo a instrucção primaria e a superior. Pelo que respeita á primeira, embalemo nos todos na esperança de que dentro em pouco o país inteiro saberá ler e escrever, e dos antigos 70 0/0 de analphabetos restará apenas um casal para estudo, que o regulamento em projecto mandará decerto installar n'uma gaiola do Jardim Zoologico, ao lado daquella onde hoje vemos os animaes limitrophes, Faustino e Catharina. Quanto ao ensino superior, foi todo reorganizado na fé official de vir a produzir-se d'ora ávante em Portugal a verdadeira sciencia. Para isso os lentes cathedraicos passaram a chamar-se *profesores ordinarios*, á moda da Allemanha — o que não é talvez formidavel como revolução; mas consignou-se, por felicidade, em todas essas leis, embora ainda timidamente e com variantes inexplicaveis de Faculdade para Faculdade, o principio que em 1903 defendiamos por estas palavras:

«Deverá pôr-se termo á pratica injustificavel de prover as cathedras do ensino superior em estudantes da vespera, deixando assim conquistar de assalto e no verdor dos annos, uma posição que só merecem o longo estudo e um nome scientifico feito á custa d'elle (1).»

Pena é que, para inspirar aos jovens sabios o amor exclusivo da sciencia, a lei nova lhes dê apenas, com o titulo de assistentes, tresentos mil réis por anno, isto é, metade do que recebe um amanuense do ministerio das Finanças; e ainda com a differença de que o assistente pode ser posto na rua ao cabo de dois annos, ao passo que o amanuense tem segura a sua promoção a segundo official, com vencimentos superiores ao ordenado de categoria de um professor ordinario de qualquer universidade portuguesa! Desde que esta iniquidade seja reparada e que na execução da lei não vamos importar os tristissimos costumes franceses, revelados agora brutalmente por uma

(1) *Educação e Ensino*, do Autor, Porto, Magalhães e Moniz, vol. I, cap. I, pag. 47.

testemunha ocular (1), é de esperar que vejamos o nosso amor á sciencia elevar a sua temperatura um pouco acima do zero em que ha centenas de annos congelou.

blicos portuguezes, forçados a procurarem no Estrangeiro o ensino de mestras... religiosas.

E' pois indispensavel que a educação



ESCOLA FEMININA DE HIRSCHENGRABEN, ZURICH

A educação secundaria official, masculina ou feminina, não foi ainda reformada, se bem que a segunda tenha verdadeiramente de ser criada, pois o que existe é pouco e pessimo — e apesar da urgencia que o encerramento das casas religiosas de instrução impunha, moral e politicamente, ao governo que as encerrou. Urgencia que nada melhor define do que este facto entre comico e triste: officiaes do exercito, aquartelados em Valença, mandavam diariamente as filhas a Tuy, acompanhadas por impedidos, com o fim de receberem lição nos conventos de freiras da cidade gallega. Não pode haver maior vexame para o Estado laico, nem mais risonha desforra para os seus irreductiveis adversarios, do que este espectaculo inesperado de funcionarios pu-

secundaria feminina seja organizada devidamente, mas apenas para servir de guia e incentivo ás criações da iniciativa particular, e *nunca com o intuito de dar n'este ponto ao Estado o mais largo papel.*

A elevação recente de alguns lyceus nacionaes masculinos da provincia a lyceus centraes, com a clausula *sine qua non* do estabelecimento de internatos annexos, é particularmente assustadora para quem conhece a triste eloquencia do exemplo alheio. De todos os países civilizados da Europa, a França é o unico que se deixou adoecer quasi incuravelmente da molestia terrivel do internato escolar official generalizado. D'esse erro gravissimo soffre ella as duras consequencias, que são geralmente conhecidas, para que seja necessario insistir na vantagem nacional de as evitarmos aqui. A praga entra com pés de lã, e um bello dia, tornada endemica, já não ha forças

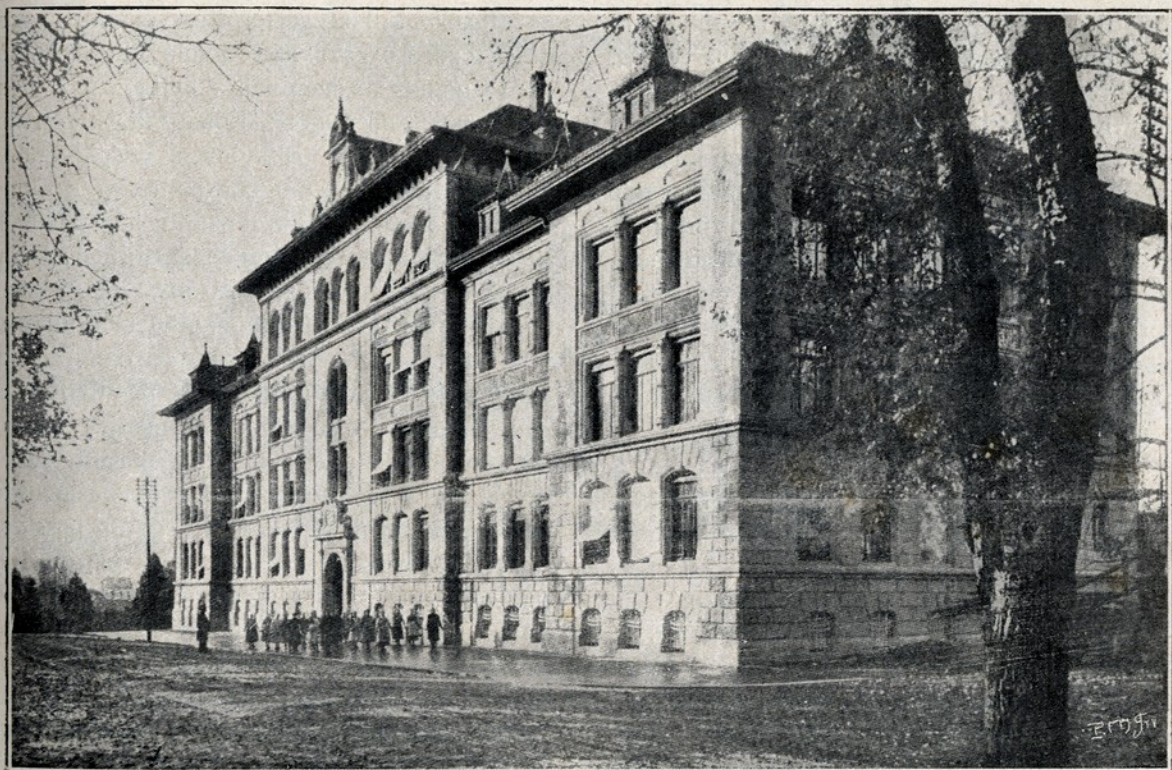
(1) H. Bouasse. *Bachot et Bachotage*, Paris, P. Lethielleux, pag. 64 e seguintes.

humanas capazes de a expellir. E se, como regime educativo de rapazes, o internato official está absolutamente contra-indicado, inutil accrescentar que não ha palavras de sufficiente energia para o condemnar, tratando-se do outro sexo. E' tão evidente a inadmissibilidade do systema, que nenhuma cabeça de dirigente, por mais ôca, se lembrará de o adoptar; mas o bom instincto das familias conjuraria o perigo, se elle, por disparate, viesse a dar-se.

Voltemos, pois, as costas a esse phantasma e encaremos a hypothese do lyceu feminino official no regime de externato ou de semi-internato, unica susceptivel, nas condições actuaes, de transformar-se proxima-mente em realidade.

Em 1905 dizia eu, em conversa com D. Anna de Castro Osorio, que por essa epocha dera á estampa um livro sobre educação feminina: «Não confie ao Estado

negação de toda sinceridade e de toda a moral. Nas suas escolas, de alto a baixo, elle não tem feito senão desmoralizar e inutilizar os nossos filhos. Deixemo-lo entregue, já que assim é preciso, a essa meritoria tarefa, mas não o encarreguemos tambem de polluir-nos as filhas (1).» Seis annos volvidos, tendo eu sido, e deixado de ser director geral da instrucção publica, e havendo-se dado na governação do paiz uma mudança radical, o meu sentimento de descrença relativamente á efficacia da acção do Estado centralista na educação secundaria feminina é ainda o mesmo que ditou aquellas crueis e desconsoladas palavras. Os lyceus femininos que o governo crie, organize e administre á semelhança dos masculinos, poderão povoar-se de raparigas de familias pobres, das classes operarias ou da mais pequenina burguesia, sobretudo se a matricula fór gratuita ou muito módica, e se



ESCOLA SECUNDARIA FEMININA MONBIJOU, EM BERNA

a missão de educar a mulher portuguesa. O Estado, educador mediocre em toda a parte, é em Portugal absolutamente incapaz de educar, porque é, elle proprio, a

lhês acenarem, como é costume indigena, com a vantagem final de qualquer colloca-

(1) *Diario Illustrado*, de 23 de outubro de 1905.

ção, mais ou menos parasitaria ou burocrática. A clientela burguesa mais elevada, a das *melhores familias*, como é de uso dizer-se, isto é, aquella que ao Estado democratico mais convem n'este momento atrahir para uma educação moderna e laica que elle oriente e vigie de alto — é inutil contar com ella, porque fatalmente preferirá tudo, á contingencia de entregar as filhas a educadores que não escolheu e em que, por bom instincto, não confia. Ora ás classes pobres o que convem não são lyceus, mas escolas de typo mais modesto e de teitio accentuadamente profissional, onde as raparigas possam habilitar-se a exercer, sobretudo no commercio de escriptorio ou retalho e em algumas industrias, empregos que hoje são entre nós, ao contrario do que acontece em quasi todo o mundo civilizado e com grave damno da nossa economia geral, occupados ainda por homens.

Quanto á educação secundaria feminina, destinada a dar á menina burguesa uma preparação geral parallela á que recebem, ou devem receber, os rapazes da mesma classe, equilibrando, como necessario é, a cultura dois dois sexos e habilitando a mulher a conhecer-se, a valorizar-se e a defender-se — quanto a essa, ha duas maneiras de resolver o problema: ha a maneira *politica*, isto é, espectacular, consoante com o meio em que vivemos, viciosa desde a origem, e portanto errada e contraproducente; e ha a maneira *sincera*, que é a unica efficaz, mas que é ao mesmo tempo impopular, impolitica, e por isso mesmo se não adoptará.

\*  
\*  
\*

Vejamos primeiro a maneira politica.

O Ministro da Instrucção, X, chega ao seu gabinete uma bella manhã, e, depois de ter mandado sentar o Collaborador convocado, diz:

— Fulaninho: vamos a essa coisa dos lyceus femininos. Preciso do projecto, sem falta, depois de amanhã. Não esqueça a Historia das Religiões, por causa do Comité do Livre Pensamento. E leve estas cartas dos governadores civis de Oliveira, de Freixeneda e de Rio Torto, que pedem lyceus femininos nas sédes dos tres districtos, como

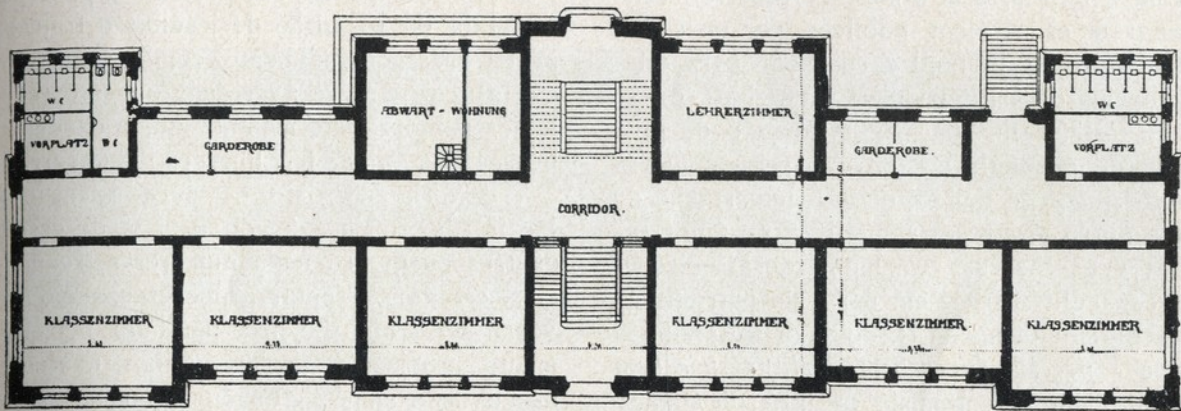
compensação de se lhes não terem dado divisões militares, universidades e portos artificiaes. Não ha remedio. Adeus, e faça-me isso bonitinho!

O Collaborador, o homem de genio, o algibebe incomparavel de leis bonitinhas, conhecido entre os intimos por não ter absolutamente nada dentro da cabeça, vae para casa, e tira logo da cabeça um longo relatório e uma enfiada de artigos e paragraphos. Criam-se lyceus femininos em todos os districtos do país, não esquecendo Oliveira, Freixeneda e Rio Torto. Manda-se estudar tudo quanto préga a ultima pedagogia de cartaz: lá vem a Historia das Religiões, a moral pratica, a economia domestica, a jardinagem, a gymnastica, esgrima, modelação, pintura, gravura, musica, canto coral, a hygiene, a culinaria, a escripturação, a physiologia, o direito usual, a instrucção civica... O ensino ha de ser muito pratico, todo pratico, incrivelmente pratico, com excursões, campos de experiencia, laboratorios, aulas-escriptorios, officinas, jardins, torreões para astronomia, docas e caes para ensinar as meninas a embarcar e desembarcar sem enjôo; linhas de electricos para as habituar a subir e descer com o carro a andar, tudo consoante as regiões, havendo annexos um oceano privativo do lyceu na zona maritima e cordilheiras com amostras de todas as altitudes imaginaveis nos parques lyceaes da região montanhosa. Um paragrapho explicará — ó candido paragrapho! — que todas estas maravilhas se irão pondo em execução á medida que os recursos do thesouro o forem permittindo, e outro ha de estatuir que, provisoriamente, os lyceus se installarão onde fôr possivel, aproveitando-se os edificios do Estado disponiveis, como os conventos encerrados, os paços episcopaes vazios, os quarteis condemnados pela nova estrategia, as penitenciarias abandonadas em obsequio ás mais lyricas, pastoris ou bucolicas escolas criminalistas.

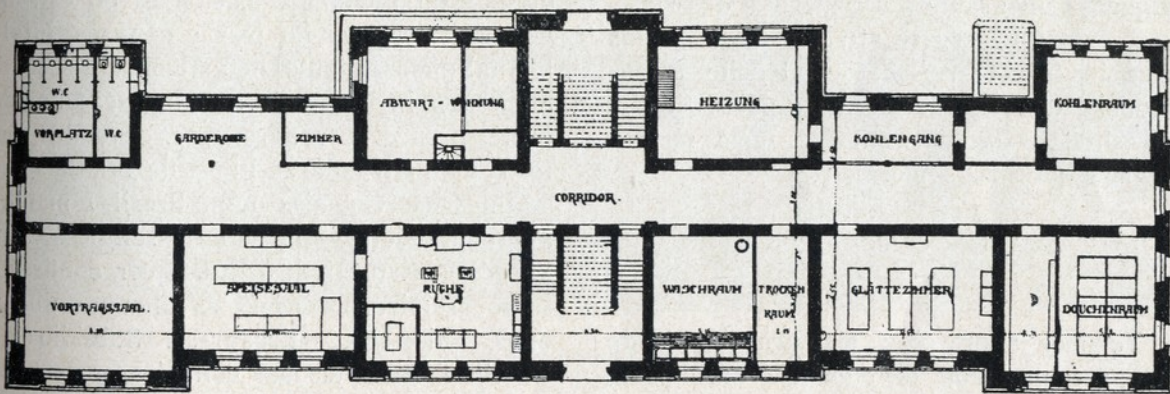
Para ensinar nos novos lyceus, determinar-se-ha que haja um pessoal macho e femea, escolhido de entre os diplomados para os magisterios primario e secundario, e nomeado, promovido e pago pelo governo, nas mesmas condições vigentes para os mestres e mestras das escolas primarias supe-

riores e dos lyceus. E como a verdade se impõe e infiltra atravez de todas as muralhas com que procuram tapá-la as conveniências inconfessadas mas soberanas da Política, haverá na lei ou no projecto uma disposição sincera, perdida no areal das hypocrisias e das mentiras: será permittido ao governo contratar no estrangeiro professores ou professoras de tal ou tal disciplina, claramente impossivel de ser bem regida com a prata da casa. Mas tal disposição

diverso do outro no aspecto e nas maneiras, mas levará o país, por analogas vias, aos mesmos tristes efeitos de desgoverno. O velho caciquismo tinha as grossas raizes na inercia do povo campesino e na sua ignorancia total; o outro vae bustar seiva ao fanatismo politico, á effervescencia revolucionaria e ao semi-analphabetismo das populações dos grandes centros. O antigo encarnava facilmente em senhores feudaes de districto ou concelho, habeis na arte rudi-



2.º PAVIMENTO



1.º PAVIMENTO

PLANTAS DE UMA ESCOLA FEMININA SUÍÇA (JULGENECKSTRASSE, BERNA)

nunca ou difficilmente se cumprirá; e assim o pequenino oasis de sinceridade ficará tão esteril como o deserto enorme que o rodeia.

A Monarchia, pseudo-representativa e pseudo-democratica, tinha o seu caciquismo rural, que criava e sustentava os politicos, tornando-os ao mesmo tempo prisioneiros das suas estreitas conveniências e vaidades. A Republica, terá que contar tambem, por sua vez, com o caciquismo urbano, que é

mentar de conduzir á urna o gado eleitoral, apascentando-o com a palha chilra dos pequeninos favores e jornas materiaes; o moderno alimentará os rebanhos civicos com o pasto mais nobre das ideias, ingerido em discursos, artigos de jornal, conferencias, cortejos, festas e protestos, manifestações e saudações. Mas diffuso e amorpho, é no entanto pessoal como o outro, apesar de o não parecer. Bachareis sem emprego, professo-



res sem alumnos, medicos sem doentes, envenenadores de grande e pequena circulação, jornalistas a dias, proletarios e especuladores intellectuaes de todas as origens e feitos, com todas as fomes e todas as audacias, constituem, com muitos ingenuos bem intencionados, o estado maior do caciquismo urbano; e são os peiores d'elles quem governará os governos, governando as turbas gritadoras e movediças, tão soberana e tão facilmente, como os caciques ruraes disputam das multidões estagnadas e mudas. Uns e outros, sem differença sensível, consideram os serviços publicos, por mais melindrosos, asylo facil e commodo para elles proprios ou para os seus protegidos, e não um instrumento da organização e do progresso nacional. E contra o pequenino artigo sincero e timido, onde a importação de um outro mestre estrangeiro ficou autorizada, erguer-se-ha a celeuma de associações e cenaculos varios, em nome do patriotismo, da dignidade nacional, do amor á Republica *que é preciso fazer bem portuguesa e bem nossa*, isto é, em nome da falta de comida e de consciencia, que improvisa e impõe as competencias onde quer que haja ordenados, pequenos ou grandes, a comer e a digerir...

... Não se espere attrahir para escolas organizadas e dirigidas de tal geito, a frequencia das raparigas cujos paes estejam em situação de garantir-lhes uma melhor hygiene physica e moral.

\*  
\* \* \*

Vejamos agora uma maneira sincera de atacar o problema da educação secundaria feminina. Póde ser boa, póde ser má, mas é uma. Outras pessoas sinceras apresentarão outros alvitres, decerto melhores. O essencial é que cada um diga de sua justiça e o diga com boa fé.

A acção inicial e immediata do novo regime, destinada por um lado a preparar desde logo em bases serias a solução definitiva do problema, e, por outro, a preencher de modo transitorio, mas rapido, a lacuna resultante do encerramento dos collegios religiosos, — poderia ter sido a seguinte:

Dia 8 de outubro — Decreto dictatorial

autorizando o Governo a contrahir um emprestimo especial de 600 contos de réis e a mandar construir em cada uma das tres cidades de Lisboa, Porto e Coimbra um edificio destinado a lyceu feminino, no meio de um terreno amplo e tendo annexo um outro edificio destinado a internato;

— Convocação e reunião de architectos, professores, governadores civis e presidentes dos municipios interessados, para estudarem o meio de dar a mais rapida e mais economica execução á autorização anterior;

— No dia 10 ou 12, passada a primeira lufa-lufa da expulsão de jesuitas e freiras-professoras, entendimento com o ministerio da Justiça, para se averiguar quaes os collegios religiosos de meninas que a execução brusca das velhas leis liberaes fez encerrar;

— Averiguado isto e apurado em que localidades teriam ficado orphãs de escola as tres ou quatro mais numerosas frequencias, estudar, assentar e decretar que o governo seria autorizado a pôr em funcionamento provisorio por dois annos, nas mesmas casas, com pessoal nacional ou estrangeiro, os collegios encerrados;

— Convocação e escolha de pessoas, masculinas ou femininas, nacionaes ou estrangeiras, existentes no paiz e capazes, intellectual e moralmente, de assumir a direcção, tendo ampla liberdade quanto á escolha de professores e de programmas, devendo preferir na matricula as filhas de familias residentes nas Colonias ou no Brasil, e manter a escola neutral em materia religiosa, sem impedir das praticas de qualquer confissão, salvo prejuizo do ensino, as alumnas que a ellas quisessem entregar-se. Subsidio do Estado a cada um dos collegios, nunca superior á quarta parte da despesa respectiva.

— Encontrava o ministro estes directores necessarios com os requisitos indiscutivelmente sufficientes para assumirem o encargo? Ou tinha apenas, no Porto, a veneranda viuva de Rodrigues de Freitas, e via se em dificuldades para acudir do mesmo modo a outros pontos? Conferencia immediata com o Ministro de Inglaterra, e pedido instante para auxiliar o Governo Português a contratar sem demora duas ou tres professoras inglesas, protestantes, que viessem, por dois annos, encarregar-se de dirigir outros tantos collegios.

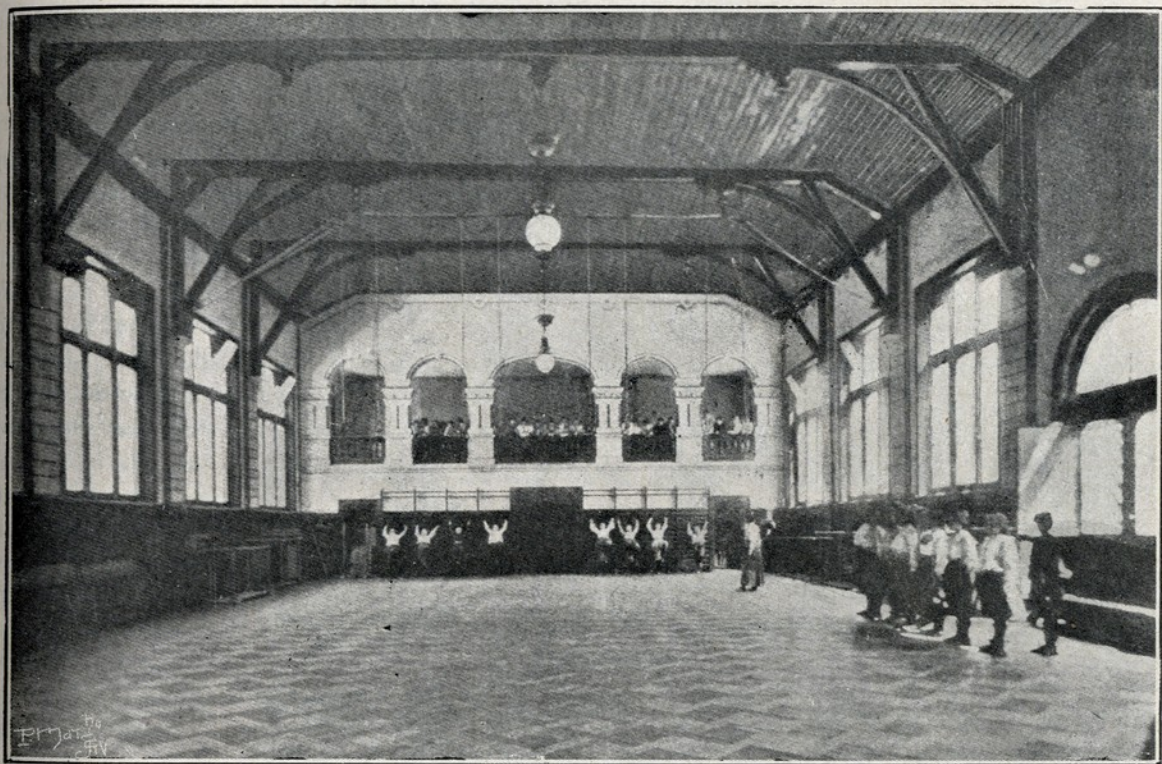
D'esta maneira se acudiria á urgencia de preencher os maiores vazios deixados pela expulsão das freiras e se ia preparando em socego a installação definitiva do ensino secundario feminino entre nós.

Dentro de dois annos poderiam e deveriam estar construidos os tres lyceus e internatos-typos de Lisboa, Porto e Coimbra. Escolas sem casas são verdadeiras burlas: ou ficam no papel, e é ainda o melhor serviço que pódem prestar aos seus ex-futuros alumnos; ou são açougues de pupillos, of-

delar e perfeito, melhor então, infinitamente, é que não faça nada.

Ha trinta annos, ou quasi, o dr. Manuel d'Arriaga, discutindo no Parlamento o projecto governamental de reforma da lei secundaria de 80, exclamava: «Se todos os lyceus do país, se encontram no estado do de Lisboa, não serei eu quem aconselhe já-mais os chefes de familia a mandarem alli os seus filhos!»

E, depois de referir-se *àquelles immundos corredores* e a *scenas que não dão lustre a*



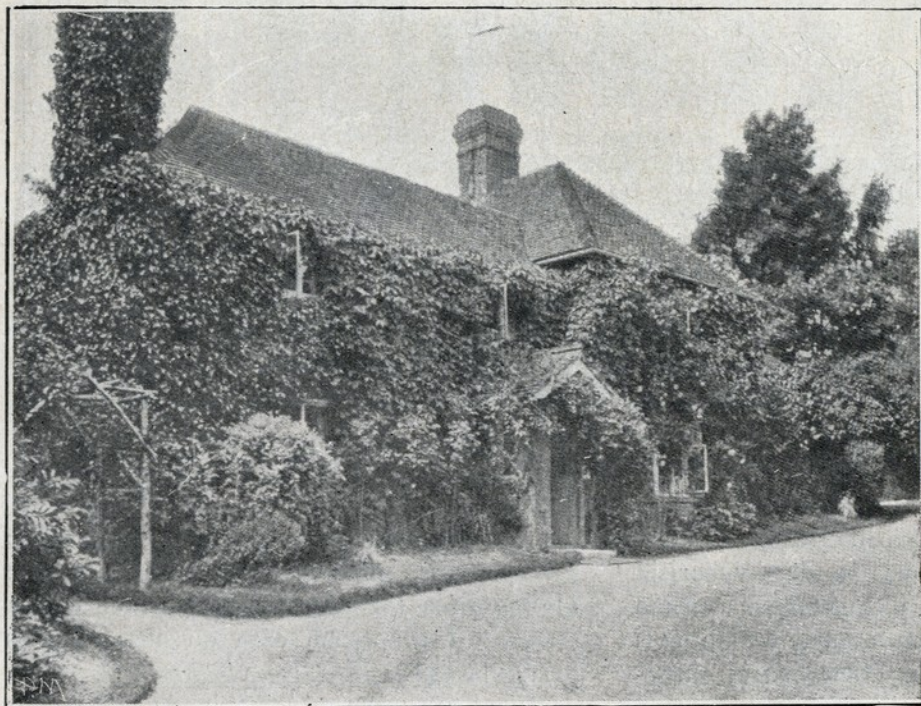
GINNASIO DA ESCOLA SECUNDARIA DE MONBIJOU (BERNA)

ficinas de desmoralização d'elles e dos mestres, padrões da incuria e da hypocrisia dos governos. E para um genero de ensino como este, que, por toda a parte e aqui mais que em parte alguma, melhor ficaria entregue á iniciativa particular que á direcção e cuidado do poder central, importa que o Estado tenha autoridade para inspecionar e nortear as criações da actividade privada, e essa autoridade só póde vir-lhe de mostrar, pelas suas proprias obras, que tem categoria para vigiar e corrigir as alheias. Se está disposto a não fazer alguma cousa de mo-

*um estabelecimento do Estado*, prosegua: «E' por esse motivo, além de outros, que alguns paes fazem enormes sacrificios para educar os filhos em casa ou nos collegios particulares.»

Egual recepção está destinada aos lyceus femininos officiaes — e com muito mais fortes razões — se elles não forem, de principio, organizados com o mais judicioso cuidado, convencendo os paes de que não será preferivel dar ás filhas, a par de uma instrução menos acabada, uma educação moral feita sob as suas vistas directas.

A organização do ensino popular, recentemente decretada, estabeleceu o ensino primario superior, transformando em escolas d'esse typo. e de co-educação dos sexos, as escolas normaes e de habilitação para o professorado primario, existentes no paiz, e promettendo a criação de outras em todas as povoações de população aglomerada superior a 10:000 habitantes. Isto quer dizer que teremos no país, — desde que a lei entre em execução n'esta parte — vinte e tres estabelecimentos officiaes onde as raparigas poderão receber um ensino geral, de cuja extensão deverá fazer-se ideia pela simples enumeração das materias professadas: — portugês, francês, inglês; historia e geographia; moral, instrucção civica, direito usual, economia; arithmetica, geometria, algebra, agrimensura, contabilidade; sciencias physico-chimicas e historico-naturaes e suas



ENTRADA DA ESCOLA FEMININA INGLESA DE SPANGE HOWE, SURREY

aplicações; hygiene, desenho, pratica em aulas-escriptorios, stenographia, officinas, campos experimentaes; exercicios militares, gymnastica, jogos physicos, natação, remagem, etc.; musica e canto coral.

Basta ler esta extensa e minuciosa lista, para se perceber que o legislador se esqueceu, no momento em que a considerou completa, de que estava organizando escolas não só para rapazes, mas tambem para raparigas, e destinadas principalmente, como elle proprio diz, a estimular, desenvolver e educar, por uma aprendizagem conveniente, nos alumnos que as frequentem, *as aptidões naturaes que possuam e que desejem valorizar para a vida*. Umas das aptidões mais naturaes da mulher, e das mais valorizaveis para a vida da mulher pobre, é, como o leitor terá talvez notado, a da costura, que não vem mencionada, como disciplina, no aliás já bem abarrotado e encyclopedico elenco acima transcripto. Mas este, como outros muitos esquecimentos e erros da lei, explicaveis pela precipitação, velocidade e fecundidade com que se legislou, será facilmente emendado; e, se o não fósse, teriamos em breve uma geração de donas de casa incapazes de pregar um botão, visto que a absorpção escolar lhes não

haveria permitido sequer, quando meninas, aprender isso em casa, com as mães.

Pelo seu conteúdo e desenvolvimento, o ensino primario superior representa já, como se vê, uma somma de conhecimentos e um grau e intensidade de educação, muito sufficientes para a generalidade das meninas burguesas de um país onde ellas teem sido até aqui tão pouco ou tão mal instruidas. E assim é possível que

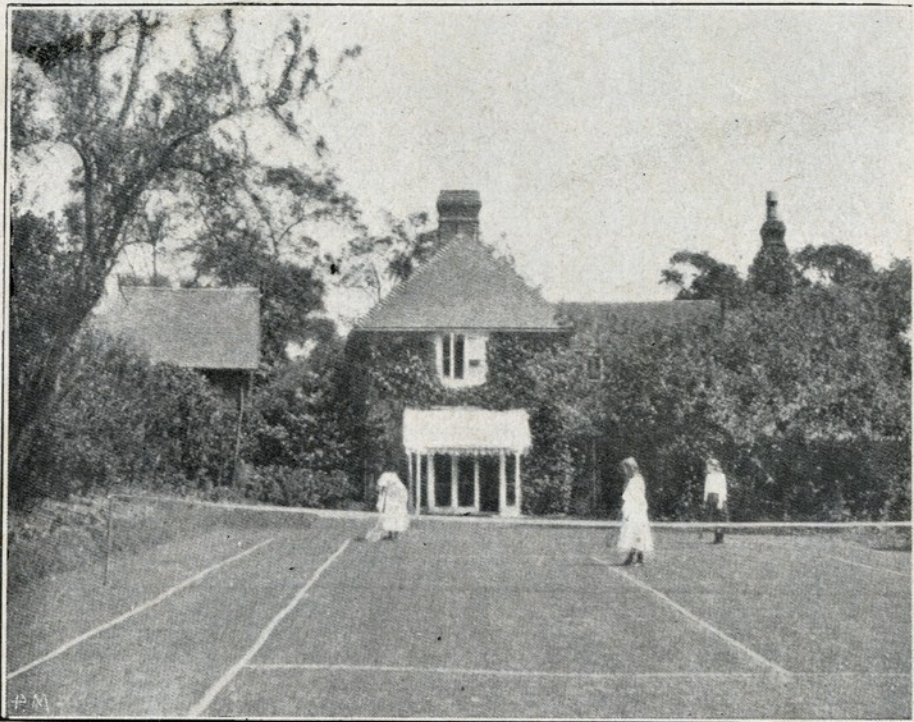
o leitor de boa-fé, convencido da vantagem de que a mulher se eduque, mas impregnado tambem da conveniencia de que o país se não arruine, pergunte a si proprio se não poderemos contentar-nos, emquanto

se não descobre outra vez a Índia, com o ensino primario superior floreado que acima lhe deixámos entrever, e addiar para muito mais tarde o *luxo* da educação secundaria feminina, organizada como deve ser.

Em primeiro lugar, Portugal não se arruina facilmente, como o teem provado os esforços n'esse sentido baldadamente feitos pela Monarchia em oito seculos, e em oito meses pela Republica.

Em segundo lugar, é preciso não esquecer: — que o ensino primario superior corre dos 12 aos 15 annos, ao passo que o ensino secundario terá de começar aos 9 ou 10 para acabar aos 16 ou 17, sob pena de não ser ensino secundario; que o regime de co-educação dos sexos a que aquelle ensino primario superior fica submettido contribuirá para afastar das respectivas escolas a clientela feminina que justamente se trata de servir e attrahir, isto é, a das meninas da mais graduada burguesia; que, por isso mesmo e por outros motivos de psychologia nacional, que não é opportuno desenvolver agora, o destino proximo e fatal d'essas escolas é, ou serem extinctas, ou reintegradas na sua anterior categoria de escolas normaes, ou pouco a pouco transformadas, de facto ou de direito, em outros tantos lyceus ou prelyceus, exclusiva ou predominantemente masculinos, se o não fôrem em institutos de character professional accentuado; que, por ultimo, o ensino que n'ellas se vae ministrar terá de ser por varios annos ainda, e por mais phantasmagorias e maravilhas que no papel official se promettam e desenrolem, deficiente e mal feito, viciosa a educação

ministrada, e muito suspeitas a disciplina, a hygiene e a moral internas dos respectivos pardieiros. O sr. dr. Manuel de Arriaga não permittirá que em qualquer d'elles se matricule nenhuma das suas netinhas.



ESCOLA DE SPANGE HOWE, CAMPO DE LAWN-TENNIS

\*  
\* \* \*

Portanto o governo da Republica vae, mesmo antes de descobrir outra vez a Índia ou de reconquistar o Brasil, decretar a organização do verdadeiro ensino secundario feminino. Mas como n'elle ha homens que sabem o que é educação secundaria de meninas, que discernem a grandeza da responsabilidade que o Estado assume encarregan-se d'ella, e amam a nova fórma de governo com sufficiente intelligencia para saberem evitar que as instituições actuaes caminhem em assumpto tão grave para um inevitavel e estrondosissimo fiasco — o Governo da Republica procederá decerto mais ou menos da seguinte maneira, ou então benzer-se-ha, acção ritual que no Estado laico equivale precisamente a quebrar os narizes:

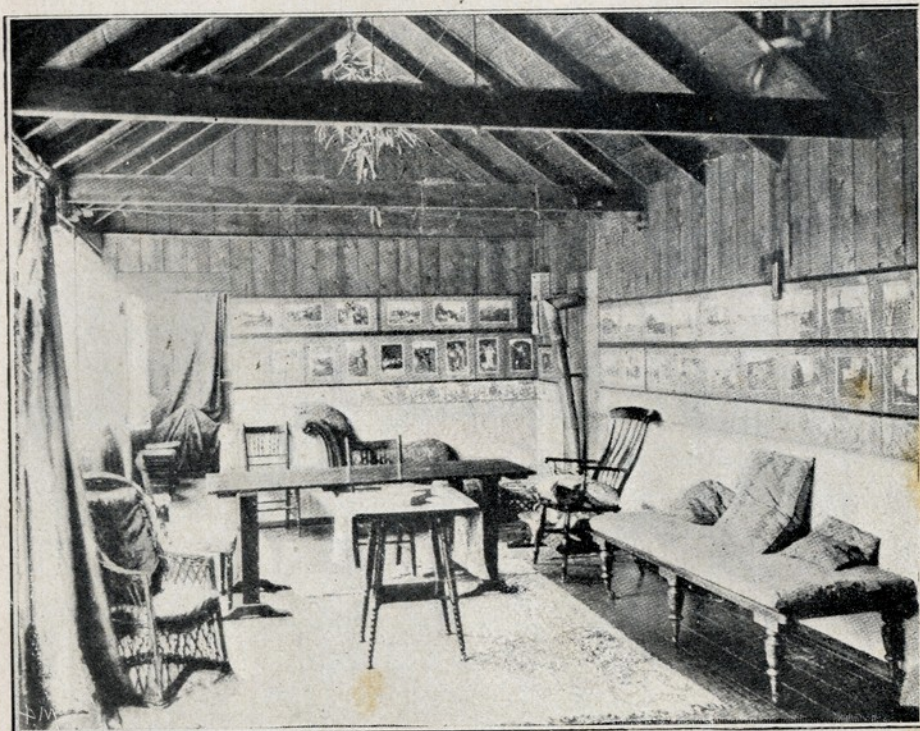
Primeiro mandará construir dois ou tres edificios *comm'il faut*, e como acima ficou

dito. Enquanto os pedreiros trabalham, o Governo, de seu vagar, medita e estabelece o plano dos estudos e da educação, se o não fez já ao projectar os edificios; e quando a conclusão das obras se avizinha, escolhe, em

geral e complementar, organizados pelo systema de classes.

O curso geral tem por base o ensino primario elementar completo e reparte-se por quatro annos ou classes, comprehendendo a lingua e litteratura portuguesa, a lingua franceza, a inglesa ou allemã, a historia, o direito usual e a instrucção civica, a mathematica, a geographia, as sciencias physico-chimicas e historico-naturaes, a hygiene, a psychologia infantil e pedagogia, os trabalhos domesticos, o desenho, os trabalhos manuaes, a musica e o canto choral, a gymnastica e os jogos physicos.

O curso complementar tem por base o curso



UMA AULA NA ESCOLA DE SPANGE HOWE

Portugal ou no Estrangeiro, por convite, contrato ou concurso, os directores ou directoras. E' preferivel que sejam mulheres, mas o que é acima de tudo indispensavel é que a sua respeitabilidade seja indiscutivel e o seu *savoir-faire* absolutamente comprovado. Se não, não, e não!

Providas as direcções, o Governo diz ás directoras por melhores palavras do que as que vão ler-se, mas com o tom conselheiral inevitavel, mesmo em Republica, o que é que quer.

Fala o Governo, salvo a redacção e um ou outro algarismo:

A instrucção secundaria feminina tem por fim ministrar ás meninas portuguesas uma educação geral conforme ao seu sexo e á sua missão na familia e na sociedade, secundando-lhes o desenvolvimento physico normal, formando-lhes o coração e o caracter, cultivando-lhes o espirito.

Esta educação ministra-se em dois cursos,

geral, reparte-se por dois annos ou classes, e comprehende as mesmas disciplinas, com o devido desenvolvimento, accrescendo á instrucção civica noções de assistencia social á mulher e á criança, especializando-se a hygiene no sentido da hygiene infantil, juntando-se ao desenho as noções de esthetica e de historia da arte, ficando facultativa a educação physica e permittida a escolha entre as mathematicas e o latim.

O ensino de trabalhos domesticos comprehende theoria e pratica da culinaria, da economia e previdencia, e da limpeza e ornamentação domestica. O ensino e a educação secundaria feminina dirigem-se acima de tudo a desenvolver as qualidades moraes da mulher e da boa dona de casa, e devem por isso evitar cuidadosamente os perigos da educação luxuosa, a tendencia para as carreiras liberaes e todos os processos ou praticas que possam desviar as alumnas da modestia e da simplicidade.

São obrigatorios em todas as classes os trabalhos praticos e o ensino objectivo e experimental, as excursões e visitas pedagogicas, as festas escolares educativas, os concursos de floricultura e congeneres, as iniciativas beneficentes, e á medida que a idade das alumnas assim o indique, a participação d'estas nos serviços administrativos da escola, como ensinamento pratico da contabilidade, da economia domestica, da pedagogia e da hygiene da habitação e da infancia.

Para este effeito a escola dispõe de jardins, gymnasio e parque de jogos, officinas de costura, locais de trabalhos domesticos (cosinha, copa, despensa, casa de jantar, lavanderia, quarto de engommar, quarto de banhos) colleções de historia natural, laboratorios, ambulancia, bibliotheca das alumnas, etc. — e deverá relacionar-se com as instituições de ensino e assistencia da vizinhança — escola infantil, lactario, crèche, dispensario, asylo, cosinha economica e congeneres, para que todas as alumnas do curso complementar, por turnos e com a necessaria effectividade, pratiquem n'esses estabelecimentos, recebendo a lição utilissima que elles podem fornecer.

O regime normal de frequencia é o semi-internato, isto é, a população discente conserva-se no edificio do lyceu de principio a fim dos trabalhos escolares internos do dia, confiada á guarda do professorado, ou, pelo que respeita ás alumnas das primeiras classes, á das discipulas das classes mais avançadas, e nunca á de quaesquer subalternos.

O trabalho lectivo caseiro deve ser reduzido ao minimo, e o horario dos exercicios escolares organizado por fórma que o nu-

mero semanal de lições, propriamente ditas, diminua no curso complementar, para que as alumnas possam dedicar-se aos exercicios praticos externos e aos deveres de familia.

O ensino secundario feminino official é, no ponto de vista religioso, absolutamente neutral, isto é, não adopta por si, nem procura abalar no espirito das alumnas, qualquer crença ou confissão religiosa.

Não ha desdobramento de turmas. A lotação do lyceu é de 400 alumnas, a do internato de 100. Acima d'estes numeros serão recusadas as admissões, estabelecendo-se, quando necessario, um concurso para a entrada no primeiro anno.

A directora admite ou rejeita as candidatas á matricula e afasta as alumnas que perturbem a boa ordem do estabelecimento. N'este caso deve proceder discretamente, se não houver factos de character criminal, e escudar-se com o voto de quatro professores, pelo menos.

A direcção estabelecerá o regime interno



COSINHA DA ESCOLA FEMININA DE WOLFBACH, ZURICH

de exames, que não pódem ser mais de dois. O Governo, em diploma especial, decretará as condições em que as alumnas habilitadas com os cursos geral ou complementar poderão transitar para outras escolas officiaes.

O professorado deve ser, na sua grande maioria, do sexo feminino.

Todo o pessoal, docente ou auxiliar, é livremente escolhido e demittido pela directora.

Os programmas são submettidos por esta á approvação do Governo, assim como a organização do quadro de professores, pelo que respeita ao seu numero e horas de serviço.

A directora tem residencia no proprio edificio do lyceu ou no do internato.

E' ella quem fixa as propinas de matricula e as mensalidades do internato. Administra como entende o respectivo producto, bem como o subsidio annual de 10:000.000 que o Governo lhe entrega, e da somma de todas essas receitas faz todas as despesas de pessoal e material, sem obrigação de prestar contas.

O regime financeiro estabelecido não poderá ser alterado pelo Governo antes de tres annos, findos os quaes toda a organização será revista e modificada como o Estado entenda conveniente.

O Governo reserva-se o direito de fazer inspecionar permanentemente, sob o ponto de vista medico e pedagogico, e por pessoal de sua confiança, o funcionamento do lyceu e do internato.

Junto de cada um dos tres lyceus femininos funcionará um conselho de protecção e garantia, composto de sete vogaes, dois dos quaes eleitos pela collectividade dos paes das alumnas, dois escolhidos pela respectiva camara municipal e tres nomeados pelo Governo. Um dos vogaes, pelo menos, dos designados por cada uma d'estas tres entidades, deverá ser uma senhora, escolhida entre as mais respeitaveis e consideradas da localidade.

O conselho de protecção e garantia, cujas funcções são gratuitas, vigia pela boa ordem e eficiencia da educação ministrada no Instituto, pondera á direcção o que entenda conveniente para tal effeito, e representa ao Governo, sempre que o julgue necessario aos interesses da educação e do ensino, podendo dar publicidade ás suas representações.

O Governo poderá demittir e substituir a

directora, se o conselho de protecção, por maioria de votos, o aconselhar n'esse sentido, em parecer fundamentado.

Tal deveria ser estabelecida, em pleno regime republicano, a monarchia absoluta do lyceu feminino.

Chamo-lhe assim, prevendo que á critica nacional não escaparia este simile, e que ella não deixaria de arregalar o olho sobretudo á lista civil dos dez contos. O nosso systema administrativo está paradoxalmente organizado por fórma que a uma fiscalização e regulamentação apertadissima no papel, corresponde, nos serviços públicos, a liberdade de cada um fazer de mau o que quiser, e a impossibilidade de fazer qualquer coisa de bom.

Por outro lado, e pelo que respeita ao numero de estabelecimentos officiaes de ensino feminino que convém criar, nunca é de mais insistir: quanto menos, melhor. Se o poder central se limitar, como deve, a dar o exemplo e o estímulo á iniciativa particular, é possivel que esta desperte; se quiser substituir-se a ella, a sua acção será a um tempo ruinosa e suffocadora.

E aqui o perigo é evidente, seja qual fôr o poder do Estado que no futuro venha a dominar. Se fôr o executivo, como até agora, a pressão dos letrados sem emprego forçar-lhe-ha a mão, como sempre, para que os asyle no Orçamento; se o poder legislativo tomar o lugar áquelle, a sua composição actual, com perto de 90 0/0 de bachareis, de medicos, de jornalistas e de funcionarios, é sufficientemente promettedora do mesmo mal.

Portanto, se a iniciativa particular se mantiver no seu somno de pedra, e o Estado continuar a revelar-se incapaz de despertá-la — é facil responder, concluindo, á pergunta que intitidou este artigo: as meninas da burguesia continuarão a receber em casa ou em collegios maus uma instrucção deficiente, ou serão educadas no Estrangeiro, e muitas d'ellas talvez pelas mesmas professoras que a Revolução expulsou de Portugal...



NO CAMARIM, DEFRONTE DO ESPELHO ...

## O estratagemma de Rosa



ROSA MELVILLE ia representar o principal papel na proxima peça, mas queria um reclame maior para a sua pessoa do que o vulgar em taes casos. Escolhêra a primeira personagem feminina em vez do *travesti*, pensando que uma brilhante *toilette*, com um rapido mostrar de meias arrendadas, faria bem maior *successo*, e seria bem mais fascinadôra do que o garbo convencional do Principe encantado.

Era o seu primeiro contracto na capital, e tendo prcduzido grande exito na provincia, anciava por conseguir qualquer coisa que excitasse a curiosidade e o seu prestigio no publico, rodeando de uma certa aureola a sua estreia.

D'ahi a sua decisão de se servir de qualquer diplomatica mentira para conseguir o fim ambicionado.

Ora, que mais atractiva circumstancia para uma actriz do que serem-lhe roubados os seus brilhantes? Era um expediente ba-

nal talvez, mas uma carta a jogar sem risco. Para muitas das suas colegas tinham sido as joias o trunfo, e ella decidiu-se a seguir-lhes as pisadas. A unica dificuldade no seu caso era que ella não possuia diamantes de que pudesse sér roubada.

Comtudo, para uma mulher esperta, e principalmente para uma actriz dos recursos de Rosa Melville, não constituia essa circumstancia uma dificuldade insuperavel.

Sentada no camarim defronte do espelho discutia com a sua bonita pessoa a maneira de executar esse desejo. Um sorriso lhe encovava as faces e descobria a fiada de pérolas dos seus dentes, quando lhe acudiu a maneira de conseguir o seu fim.

«Sim», disse para a sua gracil figurinha reflectida no espelho: «mãos á obra; ninguem poderá descobrir, e darei um salto de primeira ordem».

E porisso aconteceu que na tarde seguinte o sr. Barclay Blake, o famoso *private detective*, teve a felicidade de recebêr a visita da recémchegada *estrella*.



Os trabalhos e a experiencia de Barclay Blake tinham sido até ahí relacionados com tramas de investigação criminal commum, e tratára sómente com individuos completamente ordinários. Nunca a elle, impressionavel criatura, a sorte proporcionára occasião de tratar com tão resplendente beldade como Miss Rosa Melville.

Quando a rapariga, tendo-lhe enviado o seu bilhete, entrou no escritório, a formosa apparição quasi lhe tirou o fôlego.

E a falar verdade, estava ali uma filha de Eva realmente encantadôra.

Alta e loira como uma seara ondulante, de olhos azues, com o frescôr da saude nas faces róseas, era uma figura muitissimo fascinadôra, — e antes de lhe ouvir uma palavra, já Barclay Blake era seu devoto admiradôr.

Trazia um vestido de veludo castanho, orlado de peles, um pequenino chapéu sobre o cabello ondeado, e as pequeninas mãos perdidas num grande regalo.

Blake sacudiu o pó da grande poltrona estofada, rolou-a para junto do fogão indicando-a á visitante, e voltando-se na cadeira perguntou-lhe em que poderia têr o prazêr — e a accentuação d'esta palavra foi bem pronunciada — de lhe sêr util.

Depois de uma pausa momentanea replicou ella:

— «Ouvi dizêr que o senhôr é um homem muito hábil, sr. Blake.

Este esboçou um gesto de modestia.

— . . . e porisso venho têr comsigo. Preciso do seu auxilio.»

— «Com a maior bôa vontade e satisfação, minha senhôra», — respondeu num tom de profunda sinceridade.

— Estava certa já de que assim seria, disse ella, com a confiança de uma mulher bonita consciente da impressão que faz. Preciso de que o senhôr me encontre os meus diamantes.

Quasi escapou a Blake um sorriso involuntario, logo reprimido. Assim a mais encantadôra das mulheres se saía agora com o mesmo gastissimo *truc* das actrizes para adquirir notabilidade. Tinham-lhe roubado os brilhantes. Já via, com os olhos da imaginação, as noticias sensacionaes nos periodicos da noite.

— «O collar, continuou ella com perfeita

simulação, vale approximadamente mil libras. Guardava-o num cofresinho em minha casa, e foi-me hontem roubado quando eu estava no ensaio.

— Quando deu pelo furto?

— Quando hontem á noite voltei para casa fui ao cofre por uns papeis que precisava, e dei então pela falta do collar.

— «Deixou o cofre aberto?» perguntou elle esforçando-se por achar alguma coisa a dizêr á rapariga, que estava certo de não têr sido roubada de joia alguma.

— «Oh! não! Fechei-o logo antes de sair para o teatro, e abri-o com a chave quando cheguei. Era esta». E pousou uma chave sobre a meza.

— E tem só esta chave o seu cofre?

— Sim; só essa.

— Quem ficou em casa durante a sua ausencia?

— Só a criada.

— Tem confiança nella?

— Absoluta.

— Pois eu não, decidi eu pela necessidade de dizêr qualquer coisa.

— Oh, por amôr de Deus, sr. Blake, a Celestina é a honestidade em pessoa.

— Não tem outra criada?

— Não senhôr.

— Só ella ficou em casa?

— Só ella.

— Toda a noite?

— Quasi toda.

— Que significa esse «quasi toda»?

— Saiu durante cêrca de meia hora. Veiu um telegrama para mim depois de eu têr saído para o teatro, e pensando que poderia sêr urgente ella trouxe-m'o.

— Poderia o telegrama têr alguma relação com o furto?

Rosa quasi córou. O telegrama tinha uma relação perfeita com o ficticio roubo: enviara-o ella a si mesma para que Celestina saísse e deixasse a casa por uns momentos, dando assim uma circumstancia de possibilidade á historia.

— Não, de maneira alguma, retrucou ella ligeiramente atrapalhada, atrapalhação que Blake notou sem commentar. «Só tratava de negocios particulares.»

— Tem toda a confiança na rapariga?

— Absoluta. Certamente não suspeita d'ella, não, sr. Blake?

— «Deve-se suspeitar de todos em casos d'esta ordem», redarguiu elle evasivamente. «Gostaria de vêr a rapariga».

— Pois decerto; chame quem quizer.

— Poderá sêr ámanhan á noite, não?

— Como queira, mas tenho pena de não poder estar em casa para o recebêr; estamos muito occupados agora com os ultimos ensaios.

— Naturalmente, é claro. Mas um encontro com a rapariga é-me a mim indispensavel, e dir-me-ia tudo de que preciso. Posso por exemplo passar por lá e deixar um recado para si, ou escrever em sua casa uma carta, o que me daria tempo de a estudar com cuidado. Póde sêr assim, não é isto?

— Muito obrigado, sr. Blake.

— E diga-me uma coisa, perguntou este, enquanto ella se levantava para sair, deu á policia uma descripção do collar?

— Não, ainda não.

— «Pois não seria mau.

Ainda que não julgo que elles possam fazer grande coisa no assumpto, e depois» — não resistiu á tentação de lh'o dizêr «não lhe poderá fazer mal nenhum — não é verdade isto — como réclame...

— Como réclame? Porquê como réclame? exclamou ella sem pestanejar.

— Pois então? E' um bom réclame para uma actriz o terem-lhe roubado as suas joias. Pelo menos eu sempre cuidei que assim se considerava na profissão.

Por um momento pensou se lhe teria descoberto o jogo, e se a estava desfrutando; mas conservava uma cara tão impassivel, com um ar de solicitude tão aparentemente verdadeiro, que de todo lhe afastou tal idéa.

— E a minha divida, sr. Blake? perguntou ella, encovando num sorriso os cantos da sua bôca.

— Ora, uma bagatela: as despezas que se fizerem, se nada conseguirmos, e se alguma coisa conseguirmos...

— depois veremos.

— «Então adeus.»

E estendeu-lhe a mão. «Fará tudo o possivel, não?»

— Com todá a minha vontade, respondeu elle acompanhando-a á porta.

— Naturalmente não tenho de guardar segredo de que o senhor se occupa do meu caso?

— Para me fazer réclame tambem a mim? perguntou-lhe sorrindo.

— Naturalmente.

la ella entrando no trem, quando Blake exclamou:

— Esquéceu-se da chave do seu cofre. Deixou-a na minha mésa. Um momento, eu vou busca-la.

Correu para o gabinete, rapidamente tomou a impressão num bólo de



E. ESTENDEU-LHE A MÃO

cêra, e num momento estava outra vez á porta da carruagem.

— Muito obrigado. Vamos para o teatro. Bóas tardes.

— «Boas tardes», repetiu elle; — e para si mesmo, quando a carruagem voltou a esquina: «Ora que mentira tão corriqueira...»

Rosa Melville não perdeu tempo sem espalhar e tornar conhecido o supposto roubo de que fôra victima, e o facto de se têr Barclay Blake encarregado das respectivas investigações. Os jornaes da noite transbordavam de pormenores, teorias, condolencias. Os collegas no teatro encheram-na de commiserações. Foi-lhe necessária toda a cautela em si para os ouvir com semblante apropriado ao caso, tanto mais que, não acreditando elles no estratagemma, via Rosa que a suppunham agora possuidôra de joias preciosas que ella jamais tivera.

Barclay Blake suppunha o mesmo. E planeava que quando tivesse uma chave mandada fazer pelo molde que tomára, acharia o collar escondido no cofre quando fosse com o pretexto de vêr a criada. Era muito versado em questões de crime ordinario, mas um neófito em astucias de mulher — e especialmente de uma actriz esperta.

Rosa Melville tinha muitos admiradôres. Celestina, a criada, tinha um. O primeiro e mais assiduo dos admiradôres de Rosa era Filipe Farley, que várias vezes lhe propuzera casamento; mas Rosa, segundo ella dizia, estava casada com o palco, e não se sentia disposta a deixar-se prendêr pelos laços nupciaes.

Filipe Farley conhecêra-a havia annos em Manchester — patria dos dois — onde elle se tornára um prospero joalheiro antes de vir para Londres desenvolvêr os seus negocios e a sua fortuna; e fôra com enorme satisfação que soubera que ella vinha representar em Londres no proximo Natal.

Quisesse Rosa casar com Filipe<sup>o</sup> e teria quantos brilhantes fossem necessarios para a satisfazêr; mas, posto que gostasse d'elle, preferia a sua liberdade, e assim as magnificas joias que a Princesa Rosalina ostentaria na noite da estreia não passavam de vidros teatraes.

Filipe teve um sobresalto quando leu nos jornaes o roubo do collar de Rosa, — cujo

valór o palavrôso jornalista exaggerára naturalmente para duas mil libras — e uma idéa subtil se formou no seu espirito. Estava-se justamente nas vespervas do Natal, época apropriada para presentes.

Achava-se rico, os negocios floresciam, bellas perspectivas se lhe abriam. Ahi estava certamente uma bella occasião de atrair as bóas graças de Rosa. Na verdade, intrigava-o que ella possuísse brilhantes no valór que os papeis lhe attribuiam, e ciumentamente começou a roer-lhe o coração a idéa de que elles indicassem a existencia de um rival mais feliz.

Mas, afinal, quem nunca aventurou não perdeu nem ganhou. Sabia que d'antes Rosa não desgostava d'elle; dêra mesmo a entender que se jamais lhe viesse o desejo de se casar — o que os deuses não permittissem! — certamente elle lhe não desagradaria; e portanto Filipe determinou-se a um grande *coup de théâtre*, compensando-a da perda das suas joias por uma dádiva magnifica.

Deve dizêr-se que, apesar de apaixonado, fez uma pausa, considerando se se não trataria de uma espectacular mistificação, sendo muitissimo possivel que lhe não tivessem roubado cousa alguma. Conhecia um pouco das trapaças do rêclame teatral, e, além d'isso, poderia tratar-se, não de brilhantes, mas de simples vidro.

«Ora, seja como fôr, dar-lh'os-ei», — concluiu elle, — e tendo escolhido um collar na sua provisão, e lançando a um bilhete de visita algumas palavras de condolencia e desejos de bom successo em Londres, rogava-lhe o obsequio de acceitar esse presente de Natal do seu velho amigo, Filipe Farley.

Foi esta a primeira consequencia do estratagemma de Rosa.

Por casualidade, a hora escolhida por Filipe para entregar o seu presente foi a mesma que a de Barclay Blake para a sua visita de investigação, e as duas coincidiram com uma terceira, a de Ricardo Darton, o porteiro de um predio visinho, desesperadamente apaixonado por Celestina, e que lhe fazia visitas clandestinas nas ausencias da patrôa.

Assim, entre as oito e meia e as nove, três pessôas de três differentes direcções dirigiam os seus passos para o andar em

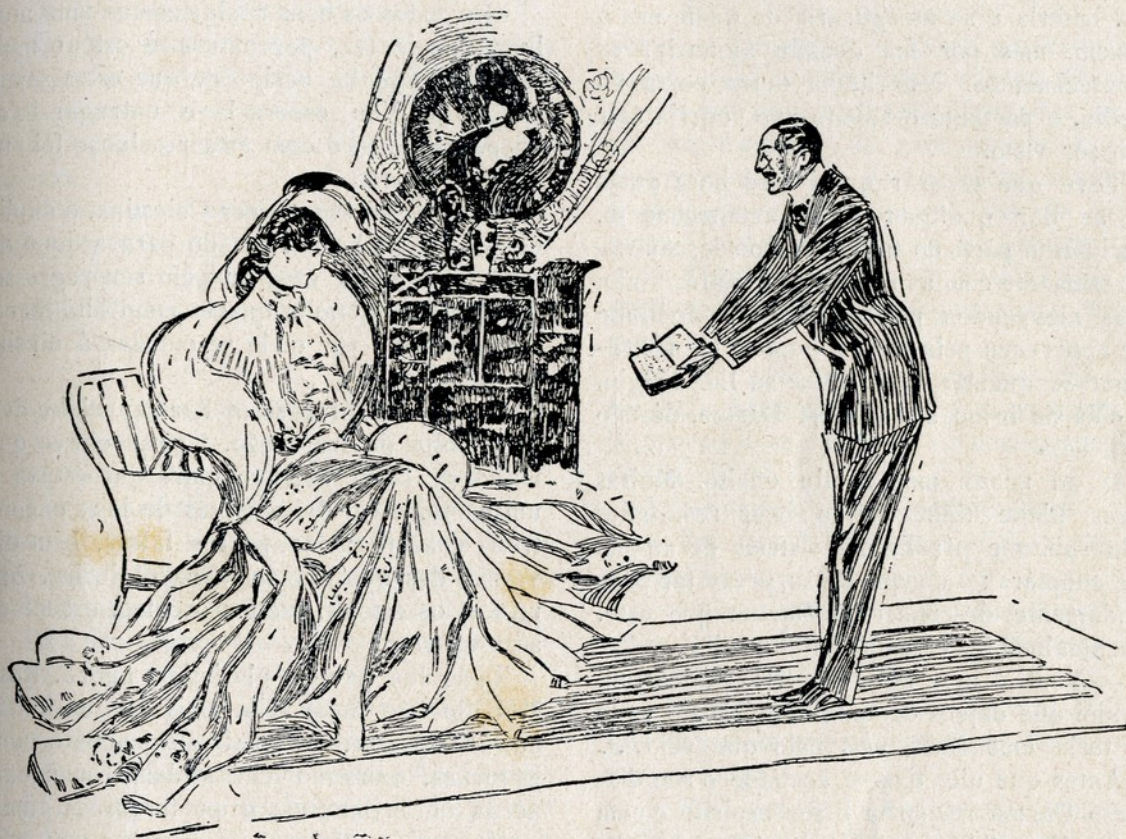
que morava a adorável Rosa Melville que, ignorante da complicação que o seu estratagemma iria causar, estava ensaiando a essa hora o seu papel no teatro.

Ricardo foi o primeiro a chegar, e mal houvera tempo de receber as boas vindas de Celestina, quando uma campainhada os veio interrompêr.

«Olhe, faça favôr, vá lá, Ricardo. E' com certêza o carteiro», — e estendeu a

— Perfeitamente, meu senhôr.

Com uma palavra de agradecimento, Filipe partiu, deixando o seu presente de Natal nas mãos de Ricardo, que, conhecendo de vista o joalheiro, e conjecturando que o embrulho conteria alguma cousa de valôr, promptamente o annexou á sua pessoa, tendo idéas originaes sobre os direitos de propriedade, e não se lhe dando das apoquentações de Celestina no caso.



CAIU NUMA CADEIRA, ATORDOADA

toalha para a sua ceia em *tête-a-tête*, enquanto Ricardo ia á porta.

Abriu-a, e deu com um sujeito bem posto que lhe perguntou:

— Miss Melville?

— E' aqui, sim senhôr, mas não está.

— Foi para o teatro, não é isso?

— Sim senhôr.

— Faz favôr, entrega-lhe este pacotezinho mal ella chegar? pediu Filipe Farley tomando o homem, apumado no seu uniforme, por criado de Rosa.

— Então que era?

— Um sujeito qualquer que se enganou no andar, respondeu sentando-se e dispondo-se a fazer justiça aos petiscos e á boa pinga que se apresentavam diante d'elle.

Barclay Blake, depois de entrar no predio, seguira na esteira de Filipe Farley — e tão de perto que o viu subir ao andar de Rosa e, de um angulo da escada, entregar o embrulho. Ouvira uma voz de homem em conversa com elle, e assistira depois á partida do joalheiro.

Parou intrigado.

«O caso está exquisito» pensou consigo. «Julguei que os brilhantes não tivessem sido roubados. Mas que diacho faz aqui Filippe Farley, e por outro lado quem é este homem em casa, tendo-me ella dito que só tinha uma criada? Teria ella comprado outras joias a Farley, ou teria dado talvez com o ladrão, trazendo-lhe por isso o collar? Vamos a seguir este negocio. Promette sêr mais interessante do que eu esperava.»

Por instantes discutiu consigo se iria acima, bateria e se asseguraria de quem era o homem, mas por fim decidiu aguardar os acontecimentos. Não havia outra porta no predio, e portanto o sujeito não poderia sair sem sêr visto.

Teve que esperar quasi uma hora antes de se dar qualquer novo acontecimento. Abriu-se a porta do andar. Darton desceu vagarosamente com as mãos na algibeira. Tinha quasi alcançado a porta da rua quando Blake lhe appareceu pela frente, o que o fez sobresaltar-se quando o *detective* se lhe dirigiu.

«Vá de brincadeira, Dick Darton, dê-m'o para cá.»

la ao acaso, mas surtiu effeito. Muitas vezes Blake tinha obtido bons resultados pelo subito e paralisante sistema de ataque que adoptára; o choque de surpresa tão profundamente desconcertou Darton que este, machinalmente, estendeu o embrulho.

— Você é uma bella peça, Dick Darton. Cuidei que depois do seu ultimo mau bocado se teria emendado, mas pelo que vejo...

Antes que elle tivesse acabado o seu discurso Darton recobrou o seu espirito e com um movimento rapido e inesperado empurrou Blake, e sem diligenciar apanhar o embrulho precipitou-se para a rua, evitando encontros, e desapareceu.

O *detective*, um tanto abalado pela subitaneidade do ataque, esfregou a espada, que batêra numa quina da hobreira, e attentou no embrulho cuidadosamente feito, dirigido a Miss Rosa Melville.

«Assim, Dick Darton andava mettido no caso. Não me admiro agora de que haja realmente diamantes, e fui injusto com a rapariga.»

Começou pois a ruminar no assumpto e no estranho ponto em que o negocio estava, e essas rumações decidiram-no a abrir o

embrulho, não obstante o facto de elle sêr evidentemente dirigido á actriz.

«Vejamos o que aqui ha» — e arrancou o papel exterior, o interior com o seu cordão de cautchu, descobrindo o estojo de veludo carmesim.

«Cáspité!» exclamou elle quando tocou na mola e a caixa se abriu. «Brilhantes, — reaes, genuinos, de primeira agua!»

Tomou o cartão que no meio estava, leu as linhas escritas por Filippe Farley, e o seu espanto subiu ao cúmulo.

«De todos os bons réclames que uma mulher jámais fez, porventura é este o mais rendoso. Não ha perigo de que estes sejam roubados. Vou espera-la e entregar-lh'os eu proprio», — e com esta resolução foi subindo a escada.

A porta foi aberta por Celestina, e explicando que tinha um recado para a dona da casa, desejando esperar pelo seu regresso, foi introduzido num quarto meio biblioteca, meio *boudoir*, por onde se entrava á direita da porta.

Celestina retirou-se, e Barclay Blake deu uma volta de inspecção. Com a chave que mandára fazer abriu o cofre que estava a um canto, e em duas caixas de joias encontrou sómente umas pedras falsas, bem diversas das que elle tinha na algibeira. Arrumou os estojos, fechou o cofre, e sentou-se a esperar.

Tudo lhe parecia clarissimo agora. Rosa Melville não tinha feito mais do que imitar outras actrizes, tal qual elle primeiro conjecturára, atirando um réclame com uma pêrda de brilhantes; e um fervoroso admirador enviava-lhe, para compensar uma supposta pêrda, o collar que ali guardava, o qual estivera por um triz a sêr verdadeiramente roubado por Dick Darton.

Por longo tempo Blake ali esteve sentado batendo os calcanhares com impaciencia, e subitamente escapou-lhe uma risada: uma idéa lhe occorreu que muito o divertiu. Porque não teria a satisfação de fazer uma pequena partida a Rosa com o seu stratagemma? Ella quizera-o enganar com o roubo dos brilhantes: porque se não divertiria elle vendo a sua cara quando muito seriamente lhe dissesse que dera com o ladrão, de quem recobrára os brilhantes? Riu ainda com a idéa, e abrindo o estojo tirou o bilhete de

Filippe, que guardou num livrinho de algibeira.

Depois examinou os brilhantes á luz electrica. Eram sem duvida verdadeiros e flamejavam vivos e numerosos raios de luz irrisada á medida que elle os voltava para um e outro lado.

«Tem sorte a rapariga» pensou — e nisto o toque da campainha annunciou-lhe o regresso da actriz.

Ella entrou, parecendo um pouco cansada do longo ensaio, mas sempre encantadôra, e deu-lhe amaveis «boas noites».

«Muito prazêr em o vêr aqui», exclamou um pouco nervosa. «Foi muito bondoso da sua parte o têr esperado».

«Esperei porque lhe trago muito boas novas».

«Boas novas? gritou num tom de surprêsa. Boas novas sobre...»

«Sobre os brilhantes».

Ella olhou-o com um espanto que não pôde escondêr.

— Quer dizêr...

— Que consegui, minha senhôra.

— Consegui?

— Sim; consegui apánha-los.

Era demasiado. Mas os seus olhos abriram-se mais e mais quando elle tirou da algibeira o estojo de veludo, carregou a mola, e lhe apresentou o collar flammejante.

Ella simplesmente caiu numa cadeira atordada.

«Bem, eu» — e desatou uma gargalhada irreprimivel á qual se associou Blake.

«Pois na verdade não é magnifico?» conseguiu este dizêr finalmente. Mas ella não lhe podia respondêr, porque o riso entrava agora nos limites do histerismo.

«Diga-me então, pediu Rosa quando acabou, sentando-se com os brilhantes no regaço — diga-me então como os conseguiu encontrar?»

«Isso agora é o meu segredo, bem vê. O que importa é que conseguimos, é que os tem outra vêz, pois não acha?»

Por instantes deixou-se ficar silenciosa e pensativa, e depois, num arranco subito de franquêza, voltou-se para elle:

— «Sr. Blake: supponho que nunca me perdoará o tê-lo enganado, mas tenho agora de lhe dizêr a verdade. Ora eu não perdi brilhantes nenhuns...»

— Sei isso muito bem. Quiz fazêr um réclame, — isso é velho.

— Mas nesse caso — santo Deus! — aonde foi buscar estes?»

— E' o meu segredo, Miss Melville. Digo-lhe que são seus.

— Ah, isso não, protestou ella.

— São-no realmente, se é que os acceita — são um pequeno presente de Natal.

Ella encarou-o como se elle tivesse perdido o juizo, e voltou depois os olhos para o esplendido collar que lhe jazia no regaço.

— Mas, — sim, compreendo. Está a divertir-se commigo; o senhôr percebeu logo que o roubo era fingido — e para me punir trouxe-me estes brilhante falsos para me fazêr envergonhar de mim mesma. E estou envergonhada, sr. Blake, estou realmente envergonhada. Foi decerto feio da minha parte. Terá a bondade de me perdoar?»

— Falsos? gritou elle. Falsos? Isto não são pedras falsas: são genuinissimas, de primeira agua!

— Não, não, por amôr de Deus. Não prolongue a brincadeira. Metta-os na algibeira; já pregou a sua peça, e eu dou-me por ensinada.

E fechando o estojo restituiu-lh'o.

— Pois bem: fique com elles, ainda que sejam falsos.

— Falsos bastam-me os meus, muito obrigada, respondeu Rosa com dignidade. Está esse cofre cheio d'elles.

— Bem; mas se os não acceita, quererá guardar-m'os por alguns dias? Valem mais do que julga.

— Pois sim, tudo que quizer, respondeu petulantemente; e depois, caindo em si: fallo-ei, se o deseja. Devo fazêr alguma cousa para expiar o meu crime de hontem.

— «Obrigado — e então eu vou-me andando. Virei por elles em dois ou três dias; e até lá poderá resolvêr se se decide ou não a ficar com elles. Boa noite.

— Boa noite. E queira perdoar-me.

E Barclay Blake saiu para a rua pensando no que diria Rosa quando no dia seguinte viesse a sabêr que os brilhantes eram verdadeiros.

Mal a porta se fechou, esta abriu outra vêz o estojo. Achou-os a melhor imitação que jámais vira. Depois, por curiosidade, abriu o cofre, tirou os seus ornamentos tea-

traes, e collocou-os ao pé do collar. As suas falsas eram boas imitações, mas as pedras do collar apresentavam um brilho que produziu um estranho e vivo estremecimento no seu coração. E se fossem verdadeiras? Mas não; era impossível. Eram imitações esplendidas. E depois, elle havia de vir buscá-las.

E assim as pedras reaes e as falsas ficaram juntas no cofre. Rosa dormiu um somno agitado, sonhou que se casára com Sinbad o marinheiro, que passavam a lua de mel no Valle dos Diamantes, um sitio maravilhoso...

No dia seguinte contemplou outra vez o collar antes do almoço, e os brilhantes ainda lhe pareceram muito superiores ás suas pedras de palco, fazendo-lhe sentir aquella anciosa espectativa de que afinal poderiam muito bem sêr verdadeiros...

E como têr a certêza? Ponderou por alguns minutos e depois a inspiração surgiu. Iria têr com o seu velho amigo Filipe Farley, e perguntar-lhe-ia se o collar tinha valôr.

Seriam perto de onze horas, e Filipe Farley estava magnificamente disposto. Rosa occupava toda a sua fantasia, cheia de visões encantadas, — quando a grande porta de vidro se abriu e entrou a dama dos seus pensamentos.

Viu-a através a porta do escritorio interior onde estava, e correu a cumprimentá-la.

Ella seguiu-o para o escritorio e sentou-se na poltrona que elle lhe offereceu. Nunca lhe parecêra tão fascinadôra. De repente, olhou para o pequeno pacote na sua mão e o seu esperançado ardôr ficou gelado por uma onda fria de senso-comum.

«Vem restituir-me os brilhantes, pensou. Não os acceita.»

Por mau que fosse o choque para Filipe, algo peor ainda lhe estava destinado.

Ella tirou o elastico ao seu embrulhinho.

— «Venho pedir-lhe um obsequio...»

— «Com todo o prazêr», respondeu elle, apesar de temêr que o obsequio fosse o de sujeitar-se á recusa do presente de Natal.

Rosa abriu o estojo, pôs-lh'o adiante, e deu-lhe o maior choque da sua vida com estas simples palavras:

— Queria pedir-lhe que me dissesse se isto é verdadeiro ou falso.

— Verdadeiro ou falso?! Verdadeiro ou falso?!

— Sim. Quanto valem?

Verdadeiros ou falsos! Se eram verdadeiros ou falsos! E quanto valiam! Esta era unica! Quando tinha acontecido neste mundo vir-se têr com o dadôr de um presente para lhe perguntar quanto elle valia?

E um delirio de desespero frenetico se apoderou d'elle.

Era essa a mulher que tanto amava, a quem tinha enviado, para a consolar da perda que soffrera, um presente de mais de mil libras, e que agora vinha têr com elle para lhe perguntar se o seu presente valia alguma cousa, ou era falso! Que mercenaria criatura! Que formidavel descaramento!

Tomou o estojo e olhou para as pedras com o ar do conhecedôr.

— Então?

— Falsos. São falsos!

— Ora! disse ella rindo. Exactamente o que eu pensei esta noite!

— Pensou então que eram falsos?

— Sim, claro está, apesar de elle me ter dito que eram verdadeiros.

— Elle? Que elle? Quem lhe disse que eram verdadeiros?

— O sujeito que m'os deu.

Filipe encarou-a estupefacto.

Tentou penetrar o misterio, achar palavras de resposta, mas a situação era tão extraordinária que elle ficou mudo e em pasmus. O homem que lh'os dêra dizia que eram verdadeiros. Tudo isso era fantastico, e antes que elle pudesse recobrar os sentidos e dizer uma palavra, Rosa, percebendo a má impressão que lhe fizera, deslisou um agradecimento suave, os cumprimentos do Natal, e partiu com os brilhantes que elle, um perito, declarára falsos.

Por todo o resto do dia remoeu no caso, como num sonho. Rosa foi para o teatro, entreteve-se no ensaio, pensando de vez em quando na partida que Barclay Blake lhe pregára como castigo da sua duplicidade.

Era meia-noite. A estreia da peça fôra um successo brilhantissimo. As principaes personagens tinham sido reunidas para ceiar pelo empregario, que convidára tambem alguns amigos, e entre elles um magnata sul-

africano, mettido em negocios de teatros e mais ainda de minas de diamantes.

Sentava-se elle em frente de Rosa Melville, e no decorrer da conversação, olhando para o collar que ella trazia, felicitou-a por que tivesse conseguido rehaver os seus brilhantes.

— Brilhantes . . . São falsos . . .

— Falsos? Esses não enganam. E eu tambem me não engano facilmente. Se esses são falsos, não sei onde os haverá verdadeiros.

nura feminina a fez sair do embaraço. Não ousava contar a verdadeira maneira por que os brilhantes lhe vieram parar ás mãos, e então decidiu-se a confessar o seu estratagemas, já que um silencio absoluto se fizera na mèsã e todos os olhos se pregavam n'ella.

— Pois bem, disse com um fingido desprendimento que estava longe de sentir — confesso que me não roubaram joia alguma. Estrondeou uma formidavel gargalhada,



CONFESSO QUE ME NÃO ROUBARAM JOIA ALGUMA

Os dedos de Rosa tocaram nervosamente o pescoço e carregaram na mola do collar. Desapertou o circulo flammejante e apresentou-o ao seu visinho:

— Diz isso a serio? Tem a certeza? perguntou ella córando.

O homem pegou no collar e examinou-o cuidadosamente.

— Absolutamente. São mesmo muito boas, muitissimo boas.

Rosa ficou perplexa, mas logo a sua fi-

e levantaram-se de um extremo da mèsã a outro vivas, palmas, batêr de copos.

— Foi um réclame que eu quis fazêr.

E os vivas e palmas redobraram.

— Espero que guardarão segredo . . .

Todos os homens o juraram firmemente, e roeram-se de ciumes todas as mulheres não possuidôras de brilhantes, logo pensando em ir espalhar a mentira aos quatro ventos.

— Vou mandar para os jornaes que Bar-



clay Blake m'os encontrou, declarou ella, entre um estrondear de novas aclamações.

Mas quando Rosa chegou a casa, essa noite, estava-lhe reservada outra surpreza. Encontrou um bilhete que Blake pessoalmente deixára, confessando que lhe fizera uma partida — uma innocente vingança da mentira com que ella o tentára embair, e que elle logo de começo percebêra. Incluso deixava o cartão de Filipe Farley, que acompanhava o collar de brilhantes.

Pobre Rosa! Sentiu-se terrivelmente humilhada. O estratagema fôra logo descoberto por Blake, e da vingança d'este resultára ella iŕ fazêr a figura mais desgraçada para com Filipe Fareley, com quem se portára vergonhosamente. Sentou-se com os bilhetes na mão, o collar ainda ao pescoço, e desatou a chorar.

Que faria agora para remediar o mal? Percebeu que gostava de Filipe, e a fôrma como recebera o seu presente encheu-a de vergonha.

Que pensaria d'ella? E que havia de fazer?

Teve uma temivel insomnia todo o resto da noite, e quando na manhã seguinte se dirigiu ao estabelecimento de Filipe, ia tão palida e cansada, que parecia o fantasma da sua propia pessoa.

Filipe não chegára ainda, e porisso sentou-se esperando-o impacientemente por alguns minutos, martellando com os dedos sobre o estojo de velludo.

Quando elle chegou e a cumprimentou

delicadamente, Rosa simplesmente começou num choro inesperado, e foi aos poucos contando ao admirado joalheiro toda a historia desde a invenção do roubo das joias até á partida que lhe fizera Barclay Blake e ao aclaramento de todo o embroglio que se seguira, acabando por depôr o estojo na mēsa que estava diante d'ella.

— Trago-lh'os agora, Filipe

Era a primeira vez que o tratava pelo nome proprio.

— Agradeço-lhe sinceramente, mas bem vê que não posso usá-las.

— E porque não?

— Porque me portei miseravelmente para com sigo.

Filipe segurou-lhe ambas as mãos.

— Acceite-os, Rosa; acceite-os como um presente de Anno-Bom.

— Não, não. Gostaria muito de os possuir — e um sorriso atravessou-lhe as lagrimas — mas quero sêr castigada da minha maldade. Fique com elles.

— Só com uma condição.

— E qual é?

— Que eu os guarde até lh'os podêr offerecêr como presente de nupcias.

Rosa córou.

— Filipe!

— Acceita?

— Sim.

Elle entregou-lhe o estojo.

— E quando?

— Quando quiser...

E foi essa a final consequencia do estratagema de Rosa.





# Um dia em S. Julião da Barra

(24 de Julho de 1833)

**E**STAVA ferida mortalmente, em Portugal, a causa do despotismo — do despotismo declarado, entende-se. O golpe decisivo dera-lh'o a esquadra de Carlos Napier, ganhando, a 5 de julho de 1833, a batalha do Cabo de S. Vicente.

Não temendo já que os navios inimigos lhe impedissem a passagem do grande fosso aquatico, para além do qual encontraria Lisboa, cobrou alento o duque da Terceira, e sahiu de Loulé a marchas forçadas, com os mil e seiscentos homens apartados da escassa guarnição, que, havia um anno, galhardamente defendia o Porto sitiado.

A' retaguarda tinha deixado as numerosas mas pouco disciplinadas forças do visconde de Molellos, que nenhum damno lhe causaram durante a longa travessia do Alemtejo; pela frente só encontrou inimigos na Cova da Piedade, e facilmente os levou de vencida até o caes de Cacilhas, onde os fugitivos, em medonha confusão, se precipitaram para quantas embarcações lhes deparou a sorte, e onde foram levar aos seus camaradas da guarnição da capital o terror contagioso que os dominava.

Nem toda a força em debandada conseguiu, porém, escapar-se atravessando o Tejo. O brigadeiro Telles Jordão, seu commandante, foi um dos que perderam a vida no instante de embarcar. Reconhecido por um soldado constitucional, choveram-lhe logo para cima cutiladas sem conto, vibradas á porfia pelos que, ha muito, odiavam

de morte o famoso carrasco dos presos politicos de S. Julião da Barra.—Era tamanha a aversão, que nem depois de enterrado teve socego aquelle cadaver, pois que da cova o tiraram, a fim de que novas testemunhas pudessem verificar a morte do façanhudo absolutista, e maiores desprezos se cuspiassem contra seus restos informes e retalhados.

Flagrante contradicção a do procedimento d'este homem nos campos de batalha da Guerra Peninsular, onde heroicamente alcançou mais de um posto por distincção, com os seus actos como governador da fortaleza assente na margem direita do Tejo, á entrada da barra.

A que deve attribuir-se a repugnante selvajaria, com que Telles Jordão, durante os dois periodos em que ali governou (1), consentiu que fossem tratados, e elle mesmo tratou os presos politicos? A' paixão do sectario? A' maidade innata? Ao odio que mostram sempre os apostatas pelos que se mantem firmes na crença que elles renegaram (2)? A' estupidez? A' ignorancia?

(1) Desde janeiro de 1829 até outubro de 1832, e durante o mez de maio de 1833.

(2) Telles Jordão, commandando em 1820 a brigada do 3 e 15 de infantaria, aquartelada em Braga, abraçou em 28 de agosto a causa revolucionaria, por que o Porto soltára o grito em 24, e foi durante o regimen vntista um exaltado constitucional. Muitos outros apaixonados liberaes vieram a tornar-se ferrenhos absolutistas. De mais a mais, Telles Jordão fôra levado talvez a adherir ao movimento de Vinte menos pelo seu amor ás ideias novas, que mal comprehen-

Todas estas causas concorreriam certamente para aquella serie de barbaridades villissimas, que João Baptista da Silva Lopes relata minuciosamente nos quatro volumes da sua *Historia dos presos da Torre*, escripta dia a dia, sob as frias abobadas da velha praça de guerra, e quasi por milagre salva das constantes pesquisas feitas pelos esbirros miguelistas.

Da intelligencia e illustração do *Bachá*, alcunha que os presos davam constantemente ao brigadeiro, faz-se idéa perfeita pelo se-



A TORRE DE S. JULIÃO DA BARRA VISTA DE OESTE

guinte caso, referido pelo visconde de Villa Maior, testemunha presencial, no curioso livro (1) em que prestou carinhosa homenagem a seu tio, o bom e illustre general Antonio José Claudino de Oliveira Pimentel.

Preparava-se em S. Julião da Barra uma grande parada, com que devia solemnizar-se o anniversario de D. Miguel, e, como parecia avisinhar-se temporal, Telles Jordão temia que a festa não pudesse levar-se a effeito.

deria, do que pelo desespero que nas fileiras do nosso exercito lavrava desde o fim da Guerra Peninsular, em virtude de continuarem n'ellas muitos officiaes inglezes, a quem Beresford distribuia os cargos mais ambicionados, em detrimento dos portuguezes.

(1) *Memorial biographico de um militar illustre, o general Claudino Pimentel*. Lisboa, 1884.

Estando, uma manhã, reunidos na secretaria da praça varios officiaes da guarnição, um dos quaes era segundo tenente de artilharia e havia concluido pouco antes o curso da sua arma, o brigadeiro, depois de manifestar as suas inquietações e querendo deixar de sentir duvidas, perguntou ao moço artilheiro se para aquelle dia poderiam contar com bom tempo. E, como o interrogado lhe dissesse que não adivinhava, Telles Jordão, voz em grita e sobreceño carregado, disparou-lhe esta objurgatoria:

— Então para que estudou você mathematica, se não sabe o tempo que ha de fazer em certo dia? Ora ahí está porque eu não quero que o meu filho aprenda mais do que a ler e escrever. E' o bastante para ter religião e servir o Senhor D. Miguel, nosso legitimo rei.

D'este filho de Telles Jordão, como elle chamado Joaquim, garoto de quatorze ou quinze annos em quem a villeza egualava a inconsciencia, e de

um sicario infame, que dava pelo nome de João da Cunha Maia, refere a *Historia dos presos* numerosas façanhas, capazes até de excederem as do brutalissimo governador.

Maia foi quem a todos levou a palma em requintes de malvadez. Antes de sujar a farda praticando na Torre innumeradas prepotencias contra os presos politicos, já a tinha emporcalhado com acções indignas, que os commandantes dos regimentos onde elle servira não occultavam, e até censuravam com severidade nas «informações semestres», a despeito de serem bons realistas. Homens de bem, não antepunham a paixão politica á verdade, nem á justiça.

Um d'elles, Francisco Henriques Teixeira, que era ajudante de ordens do soberano,

opinava, em 1 de janeiro de 1833, que o tenente Maia não merecia accesso por ser caloteiro e incapaz de commandar uma companhia, tendo retido em seu poder dinheiro dos soldados. Tambem o declarava immorigerado, até ao excesso de desprezar esposa e filhos para estar com certa mulher de má vida.

Este homem, cujos conhecimentos não iam além do ler e escrever, o que sabia apenas soffrivelmente, era pouco exacto ainda mesmo quando o vigiavam, e só tinha mediana instrucção a respeito dos regulamentos militares. Consideravam-n'o seus chefes como indigno de se lhe entregar uma companhia, porquanto já fôra convencido, na presença de officiaes, de ter retido em seu poder pret de soldados, e inculcado como distribuidos generos que não entregára aos seus subordinados.

Mas se para commandar tropas lhe faltavam predicados, sobejavam-lhe os que podem exigir-se a um carcereiro despotico e desalmado. Nunca afrouxou na perseguição, nem mesmo para com os homens de alto valor que a intolancia politica lançára nas masmorras de S. Julião, a despeito dos importantes serviços que Portugal lhes devia.

Borges Carneiro, a quem o Maia chamava boçalmente *Bodes Carneiro*, era por elle votado a especial rancor, não obstante o miseravel haver sido, como seu amo Telles Jordão, constitucional exaltado. — O mesmo exaggero inseparavel d'estas apostasias.

Uma vez — é caso referido por Silva Lopes — entrou o tenente na casamata onde jazia encarcerado o fogoso tribuno das côrtes de Vinte, e, depois de lhe dizer mil insolencias e desconchavos, sem conseguir arrancar ao offendido uma palavra, nem um

gesto, foi a um bahu em que o preso guardava os papeis e livros, seu entretenimento de captiveiro, e atirou tudo para cima do lagedo humido e infecto.

Não se julgue que estes dois adjectivos estão aqui postos como redundancia de phrase.

Do que eram as masmorras da Torre faz-se ideia pelo seguinte pormenor: quando, pela manhã, lhes abriam as portas, os officiaes realistas, que assistiam ao acto, davam prudentemente alguns passos para a retaguarda, tão empestado era o bafo que vinha de lá de dentro. Havia claraboias no alto de algumas das abobadas, mas sempre se fechavam antes do entardecer.

O facinora, depois de praticar aquella brutalidade, parece que ainda mais se enfureceu, talvez porque não conseguia exgotar a paciencia da victima, e, crescendo para esta, bradou-lhe:

— Profile-se, una-me bem esses calcanhares, e peça já perdão do que disse contra El-Rei!

O menino Telles Jordão assistia á scena cheio de ineffavel encanto, como se estivesse na Rua dos Condes ouvindo a Marianna Torres ou o Theodorico.

Borges Carneiro respondeu que nunca tinha offendido a D. Miguel, e logo o cobarde o forçou a ajoelhar e a dizer, batendo no peito:

— Peza-me haver offendido a el-rei, e supplico-lhe perdão!

As violencias não foram mais longe, n'aquelle dia, porque interveiu o filho do governador, talvez instigado por uns vislumbres da generosidade natural em gente moça.

Em outras façanhas do nojento persevejo de tarimba, apparece-nos, todavia, como



O BRIGADEIRO TELLES JORDÃO

importante collaborador o *Menino*, producto de uns amores de Telles Jordão com a lavadeira Marianna da Faya, antiga amásia de um tambor. Sempre armado com um cacetesinho, o alabregado moçoilo, tendo certos os amens paternos e anciando por merecer os applausos da soldadesca analphabeta que enxameava na Torre, entretinham os constantes ocios a atormentar os reclusos. A um d'elles chamado Caldeira, que procurou no suicidio o termo dos seus infortunios, tinha o garoto esbofeteado e dado uma sova na vespera do dia em que o infeliz se enforcou com os lençoes da cama (1).

O pae, que dizia frequentemente, enlevado na sua embófia de pascasio: «Todos os liberaes d'este mundo não valem um dedo do Tellès Jordão», rir-se-hia talvez, todo satisfeito, com esta e outras facecias do pimpolho.

A's vezes, fraquejava no meio de uma infamia, receioso de exaggerar o abuso dos poderes que lhe estavam confiados; logo, porém, se abalancava aos actos mais despoticos.

Acaso não lhe viria de cima o estímulo?... O insignificante e truculento ministro João Antonio de Oliveira Leite de Barros, guindado a conde de Basto pela munificencia de D. Miguel, alto e bom som apregoava a necessidade de que os liberaes apodrecessem nas masmorras. — Bem moidos de pancadas, mais depressa apodreceriam, não ha duvida.

Em certo dia, o governador mandou chamar ao seu gabinete o preso Antonio Candido de Miranda, a fim de o castigar por causa de varias queixas que elle fazia á familia n'uma carta, que, segundo a pratica

usual, fôra violada na secretaria da praça. Esbofeteou-o, e já ia dar-lhe com uma bengala, quando Miranda lhe notou que estava, como preso, sob a protecção da lei e que era infamia punivel o espancarem-n'o. Assim conseguiu abrandar as furias do brigadeiro, que o mandou logo embora, mas que d'ali a dois dias lhe deu uma sova, ajudado pelo filho e por alguém mais que estava no gabinete. A victima correu para a janella e gritou:

— Aqui d'el-rei contra o governador d'esta praça, que me quer assassinar!

Applacado o *Bachá* com esta coarctada, Miranda pode lançar-lhe em rosto as incoherencias politicas, e lembrar-lhe que elle, em 1820, era partidario de uma revolução democratica, da qual, no caso de bom exito, sahiria muito mal ferida a soberania de D. João VI.

Respondeu Telles que fôra enganado por homens a quem attribuia excellente coração, mas que se arrependera logo que viu quaes eram as intenções dos «pedreiros livres».

Sabem qual foi o castigo d'aquella audacia? Ser o preso mettido, pelo espaço de oito dias, em uma das casamatas escuras, onde, com o frio e humidade, colheu um rheumatismo, de que teve de ir tratar-se no hospital.

Muitas outras barbaridades se registam na *Historia dos presos da Torre*, escripta por um homem qualificado, que tambem fôra deputado das nossas primeiras côrtes constituintes.

Lê-se a narrativa, prejudicada infelizmente por uma orthographia abstrusa, e ninguem deixará de sentir frémios de repugnancia e indignação. Embora se lance á conta de justo resentimento boa parte do azedume que d'ella resumbrá, ainda sobram motivos para eterno vilipendio dos algozes.

O labeu indelevel que lhes suja a memo-



UM TENENTE-DE INFANTERIA 13,  
EM 1833

(1) Mais feliz do que o progenitor, conseguiu o rapazinho atravessar o Tejo em 23 de julho de 1833, e fugiu de Lisboa em 24 com as tropas do duque do Cadaval. E' o ultimo pormenor de que temos conhecimento a respeito d'aquella creatura tão pouco interessante.

ria, deve recordar-se para escarmento de quem se lembrasse, quando investido em poderes semelhantes áquelles de que os miseráveis tanto abusaram, sentisse tentações de exercer, contra vencidos, crueldades e violencias como as que então se praticaram em S. Julião da Barra.

Felizmente, o regimen em que hoje nos achamos torna improbabilissima uma tal hypothese.

Para se ver que os exemplos de Telles Jordão teem ás vezes encontrado imitadores, pôde servir um facto succedido ha poucos annos — uns dois ou tres — no forte de Caxias.

Chegou ali uma enorme leva de presos, apanhados na vespera, em Lisboa, durante um motim de character politico, e despejados n'aquella obra de fortificação, construida para fim mui diverso. A escolta era constituida por duas companhias da extincta Guarda Municipal, commandadas por um capitão já entrado em annos, de rosto avinçado e farto bigode — um todo de cabo quar-teleiro, com tres ou quatro readmissões em cima das costas.

No meio dos presos, sustinha-se a custo um homem, cujo rosto emaciado e livido trazia agudo soffrimento. Um lenço branco, manchado de vermelho, suspendia do pescoço o braço direito, de onde a espaços cahiam gotas de sangue.

O official superior de artilheria, que governava o forte e que hoje occupa um cargo de confiança da Republica, vê o infeliz e,

voltando-se rapidamente para o capitão da Guarda Municipal, pergunta-lhe cheio de espanto e indignação:

— Pois o capitão traz-me para aqui, e de tão longe, um homem n'este estado?

— Assim m'o entregaram, assim o entrego, redarguiu o outro, atravez da espessa bigodeira, muito satisfeito comsigo mesmo.

— Para fazer isso, bastava um cabo de esquadra! observa-lhe promptamente o artilheiro, virando-lhe as costas e indo em busca do medico em serviço no forte, enquanto o discipulo do *Bachá*, talvez cahindo em si, unia os calcanhares, e tomava instinctivamente a posição de sentido.



O CORREDOR DAS CASAMATAS DE S. JULIÃO DA BARRA

que nos fazem lembrar do que Suetonio attribue a alguns dos doze Cesares cujos reinados historiou; a Caligula, por exemplo, esse degenerado, que, ao fitar os olhos na amante, alardeava o seu poderio, exclamando: «E pensar eu que posso mandar cortar esta linda cabeça!»

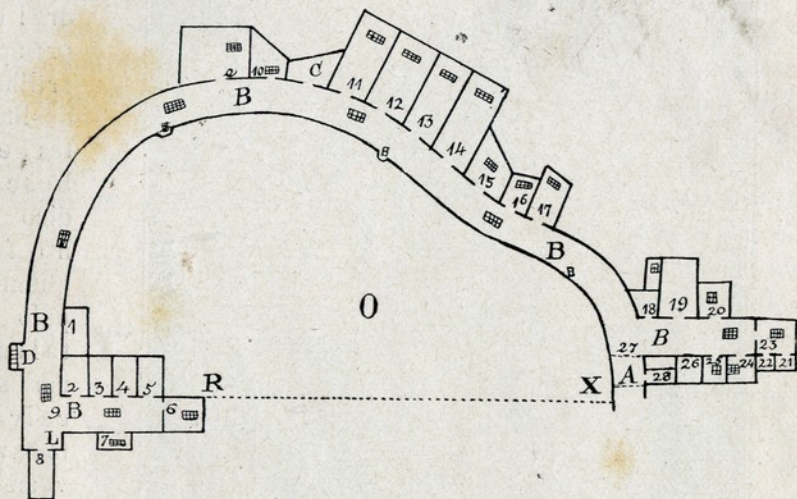
Telles Jordão e os seus compartes, posto que não lhes fosse concedida uma tal faculdade, tambem estariam atacados da mesma nevrose de ferocidade bestial.

E' ver o que faziam padecer ás victimas que, durante aquelle interminavel pesadelo,

só tinham deante dos olhos, quando se abria a porta das casamatas de irrespiravel ambiente, o lampear do aço das espadas e bayonetas, e que ouviam a cada instante o som dos ferrolhos movendo-se nos enferrujados anneis, o ruido das cadeias a arrastarem-se no lagedo, de mistura com os gritos de «Mata-malhados!» e outros. soltados

Quando aos presos politicos se distribuiam os alimentos, não perdia o Maia occasião de mostrar a baixeza do seu character, e com a ponteira da bengala, atolada previamente em immundicie, remexia as vasilhas onde ia a comida, que, por um requinte de maldade, era deixada muito tempo á porta das masmorras, para que arrefecesse de todo e se

### Planta do Subterraneo



Ae 27 Cancellas da entrada

BB Corredor

n - Porta da cisterna por onde se arrombou

Ce 15 Casas desabitadas

D Xaminé

6 Torneiras tapiadas

NB Os quartos que não têm claraboia são de segredos escuros

e Escadas

RX Paredes da igreja

O Massiço que é occupado pelas cisternas

1ate 28 Quartos

Claraboias

ESTA PLANTA É COPIADA DA «HISTORIA DOS PRESOS DA TORRE»  
CONSERVANDO-SE PARTE DA ORTHOGRAPHIA DE SILVA LOPES

pelos carcereiros e sentinellas, cujas espingardas talvez se fizessem prestes para lhes tirar a vida.

Ainda mais: aos perseguidos eram dados por companheiros os peiores facinoras, que passavam os dias espiando-os para os denunciarem, muitas vezes falsamente. Um d'estes criminosos, João dos Reis, famoso entre a ralé da sua laia, espancava-os, ameaçava-os com uma navalha, mas nem por isso chegaram a apartal-o, o que parecia justificar a connivencia de Telles Jordão, apregoada pelo meliante.

tornasse repugnante ao paladar. Por ordem do Maia, o pão era partido em pedaços, sob o pretexto de que podia occultar uma faca, uma lima ou algum papel, e atirado para o humido lagedo, onde á lama se juntavam os escorralhos fétidos dos barris de limpeza. Mais fedorenta ainda a alma do bargante, o qual obrigava os presos a beijar, ao levantarem-n'o, o pão contaminado, que tinham de comer para não morrerem de fome.

Outra brutalidade: quando os encarcerados se barbeavam, o Maia e, ás vezes, o garoto passavam-lhes na cara a extremi-

dade da bengala, indicando ao barbeiro o sitio por onde havia de levar a navalha.

Sujeitos ás humilhações estavam, além de Borges Carneiro, individuos que tinham occupado altas posições sociaes, taes como Pedro de Mello Breyner, membro da regencia no tempo da primeira invasão franceza, o marquez de Niza, o conde de Subserra, o marechal Carlos Frederico de Caula, conselheiro de Estado, o brigadeiro Claudino Pimentel, os desembargadores Pessoa e Manoel Duarte Leitão e muitos outros homens illustres.

Soffriam caladas as victimas, pois entre ellas corria o boato de que Telles Jordão pretendia, com tão cruel pertinacia, arrastal-as a algum acto de desespero, que lhe fornecesse pretexto de mandar fazer descargas de fuzilaria para o interior das prisões.

D'estas eram mais repugnantes e insalubres as das casamatas, cujas portas se abriam para escuros corredores abobadados, até onde a luz exterior a custo penetrava.

Se ainda hoje, quem ali vae na certeza de que sahirá quando quizer, sente o coração opprimido com a afflictiva impressão de que póde ficar longamente sepultado n'aquelles covis medonhos, qual seria então a angustia de quem lá permaneceu annos e annos, torturado pelas mais sinistras apprehensões, quasi convencido de que nunca mais gosaria um instante de liberdade!

Um ministro do partido que se denominou «regenerador liberal» mandou, ha poucos annos, murar, a pedra e cal, as portas de algumas das masmorras, como se não fosse de lição muito mais proveitosa ellas permanecerem expostas ao exame de quem visitasse a Torre, e decoradas com lapides que lembrassem os soffrimentos ali padecidos pelos martyres do despotismo.

As prisões situadas no revelim do forte, em razão de ter mais luz e menos humidade, afiguravam-se aos presos como ceo aberto comparadas com aquellas, onde, em pouco tempo, a roupa se cobria de bolor e apodrecia, mas a que ainda levavam a palma os *segredos*, verdadeiros antros de insalubridade e horror.

Para estas succursaes do inferno imagi-

nado em plena Edade Media pelo poeta florentino, era enviado todo o preso politico a quem os maus tratos recebidos fizessem desentranhar-se em queixas nas cartas, que, aos sabbados, elles podiam mandar a suas familias e que eram sempre violadas.

Como se o destino quizesse provar áquelles tristes que o soffrimento poderia ser ainda muito maior, um dia rebentou nos carceres a epidemia do cholera. A fim de atalhar-lhe os progressos assustadores, cem dos presos foram transferidos para a cidadella de Cascaes. No momento da partida, alguns dos que ficavam cahiram atacados do terrivel morbo, e o mesmo aconteceu a mais de um dos que deviam marchar, o que augmentou ainda a lancinante magoa da separação nos que a desgraça encadeara com vinculos inquebrantaveis.

O auctor da lugubre narrativa foi um dos que partiram. Para furtar ás pesquisas dos esbirros o manuscripto da sua obra, que já era volumosa, havia-o enterrado, no chão, ao pé da cabeceira do leito onde dormia. Valendo-se da escuridão da noite, pouco antes de raiar a madrugada em que sahiram de S. Julião, tirou os papeis do esconderijo e, tendo feito uma pequena abertura no colchão que lhe pertencia e que devia acompanhar-o, teve artes de occultal-o tão bem entre a lã, que o poude salvar. Tremendo castigo receberia, sem duvida, se lhe houvessem apanhado o libello implacavel.

Em 9 de julho de 1833 voltaram os presos politicos para dentro das lobregas muralhas da Torre, havendo deixado para sempre em Cascaes, durante os quarenta e um dias que lá estiveram, quinze companheiros de infortunio. Um d'estes foi Borges Carneiro, prostrado pela morte quando já o arrebol do triumpho brilhava para a causa de que fóra admiravel propugnador.

Sommado aquelle numero ao dos fallecimentos occorridos na Torre (34), e ao dos havidos no hospital da Feitoria (25), obtem-se a totalidade de 74.

Tantos foram os presos que ali perderam a vida, além de mais 4 que vieram morrer no hospital do Limoeiro, para onde os tinham transferido.



Na acintosa perseguição também se deram casos macabros, que despertariam o riso se não fôra a miserrima situação de quem n'elles tomou parte. O preso Velho Costa, por exemplo, tinha na tampa do bahu e na cobertura da cama as letras iniciaes dos seus dois appellidos. Pois os innocentes V. e C foram interpretados como significando *Viva a Constituição*, e estiveram quasi a acarretar serios dissabores ao pobre do homem. Outro dos encarcerados pediu, por escripto, que lhe restituissem a navalha de barba, e Telles Jordão lançou no requerimento o seguinte despacho: «O supplicante reze amiudadas vezes o responso de Santo Antonio.» Nunca, de certo, a não ser d'esta vez, se attribuiram á famosa oração propriedades depilatorias.

Despacho analogo deu certo chaveiro — quereria imitar o governador? — a um recluso, que solicitava um baralho de cartas, para jogar com os companheiros: «mande buscar umas contas e reze.»



UMA ENTRADA PARA AS MASMORRAS DAS CASAMATAS

Sem embargo, os presos lá conseguiam inventar maneiras engenhosas de tornar menos crueis e enfadonhas as horas interminaveis do captiveiro: a par do trabalho, as distrações sempre lhes dulcificaram um tanto a dorida e monotona existencia.

Foi assim que um amator de xadrez fez de cartão um taboleiro para o jogo, e de miolo de pão amassado e envernizado as figuras, que, posto não fossem primores artisticos, tinham fôrma assaz definida, para que um peão se não confundisse com um rei, nem um cavallo com uma torre.

Tambem com miolo de pão modelou, o mesmo preso, uma redução do monumento do Terreiro do Paço.

Outros dedicavam-se a trabalhos de cartonagem, alguns dos quaes ostentavam tamanho luxo que os fcrros eram de marroquim, de seda e até de velludo. Mas lá veiu um dia em que Telles prohibiu que entrasse na Torre mais papellão — para papellão bastava elle, diria certamente algum preso galhofeiro — e por um triz deixou de acabar a industria.

Todavia, as faculdades inventivas dos presos derrotaram o mau humor do desmancha-prazeres, e d'ahi em deante o cartão foi substituido por folhas de papel pardo,

colladas umas ás outras até se obter a espessura necessaria.

Para substituir o baralho, cuja entrada o tal chaveiro prohibira, fabricou-se outro, ou mais, sendo as cartas pintadas com vinho, sumo de limão, de cebola ou de salsa, e outros ingredientes.

Dentro das masmorras também se faziam trabalhos de papel picado, fundições de chumbo e estanho, obras de torno, assim como pul-

seiras, collares e cordões fabricados com cabello vindo de Lisboa e de outros logares, occulto dentro das mangas das camisas engommadas, nas quaes se dava um ponto para se não ver o conteúdo. A's vezes o cabello era cortado aos proprios encarce-

rados, que para este fim o deixavam crescer muito.

Alguns dos improvisados artistas dedicaram-se a trabalhos em madeira, que aplainavam com pedaços de vidro, e cortavam com um canivete e uma faca, transformados em serrote. Um d'aquelles artefactos representava a masmorra onde penava o seu auctor, com as grades, as portas e as tarimas. Quiz vel-o Telles Jordão e escangalhou-o. Não dava para mais o seu apoucado bestunto.

Outra occupação de alguns dos presos eram as obras de alfayate e sapateiro. Quando alguém estreava fato novo, ia mostrar-se a todos os companheiros, ladeado

por uma escolta improvisada, que não parava de bradar: «Mette gente! Mette gente!» A' brincadeira, nem as pessoas de mais respeito escapavam.

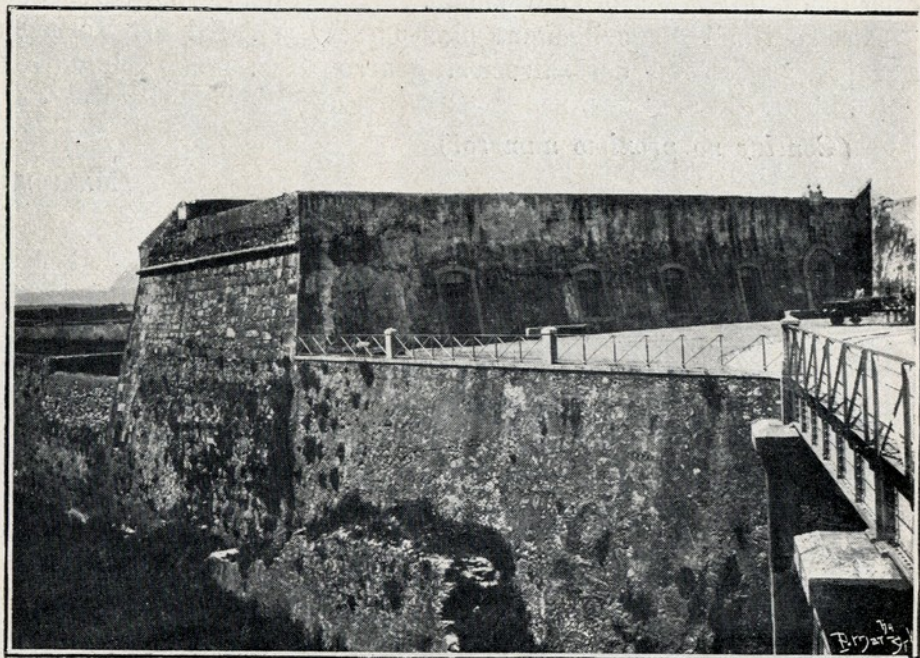
Um ferrador hespanhol fez-se barbeiro e auferiu lucros razoaveis.

Dentro das masmorras viviam alguns animaes, que os donos amestraram, chegando até a ensinar-lhes diversas habilidades. Uma cadelinha, chamada *Revelina* e por ter nascido no revelim, fingia-se morta; um coelho puxava-a ao longo do lagedo, enquanto um pombo saltava ora para cima d'um, ora para cima do outro. Havia gatos que se faziam mortos, davam a mão ou saltavam para o hombro do dono; perdizes, que deixavam embasbacados a quem as via *trabalhar*.

N'um ambiente em que tudo parecia falar de morte, alguns entes começaram a viver: diz-nos Silva Lopes que uma gallinha chocou e tirou pintos.

Varios presos dedicaram-se ao desenho,

fazendo retratos, traçando quadros a carvão, pelas muralhas. Um representava Ignez de Castro e os filhos ajoelhados aos pés de Affonso IV, e foi elogiado pelo proprio Telles Jordão, o que certamente não queria dizer muito sobre o seu merecimento. Ape-



O REVELIM DE S. JULIÃO DA BARRA

sar d'isso, o *Bachá* mandou apagal-o. Acima do critico, o governador!

Os trabalhos litterarios tambem ajudaram muitos a padecer mais resignados a perda da liberdade. Borges Carneiro escreveu em S. Julião um tratado de grammatica portugueza e traduziu algumas das *Cartas a meu filho*, do conde de Chesterfield, nas horas que não consagrava ao ensino da musica vocal.

Lições de musica instrumental dava-as o professor Costa Lami. Dois dos seus discipulos tão anciosos estavam por aprender a tocar piano, que construíram um teclado de papel, onde conseguiram exercitar-se.

As poesias e outros trabalhos compostos sob aquellas abobadas tão más inspiradoras, eram lidos a um cenaculo de entendidos e, ás vezes, emendados de accordo com o parecer dos ouvintes.

Presos, que para ali tinham entrado analphabetos, aprenderam a ler e a escrever, e prestaram-se depois a instruir outros no que

se lhes havia ensinado. Para o leccionamento do francez e do inglez, organisaram-se vocabularios, visto não os haver, nem os deixarem entrar na Torre. Até novembro de 1829 permittira-se que de fóra viessem livros, mas n'aquelle mez terminou a concessão, o que não impediu que os trabalhos espirituaes proseguissem activamenté.

Para o Natal d'aquelle anno planeou-se a representação de um entremez, genero

litterario então muito em moda. Pintou-se o scenario com uma mistura de vermelhão e carvão, principiaram os ensaios, mas como Telles Jordão chegou para governar a praça, os planos goraram, e só puderam ter a execução no entrudo de 1833, porque o *Bachá* estava longe. A representação fez effeito e devia repetir-se na páschoa immediata. Tal não succedeu. Porquê? Antes d'isso, tinha voltado o execrando emprazador.

*(Conclue no proximo numero.)*

MAXIMILIANO DE AZEVEDO.



D. MIGUEL DE BRAGANÇA

Arte portuguesa



VELOSO SALGADO — RETRATO DE SILVA PORTO



## Impressões de viagem de Mark Twain

# Wimptem — Uma caçada nocturna



ASSIM que chegámos á hospedaría, dei corda ao pedómetro e meti-o na algibeira, pois tinha que o levar no dia immediato, para ir notando as milhas que conseguiríamos galgar.

Estavamos na cama, ás dez horas, porque nos queríamos levantar de madrugada e palmilhar por ali fora, a caminho de casa. Espertinei, mas o Harris, meu factotum, ferrou logo no somno.

Abomino um sujeito com o somno fulminante, ha nisso um não sei quê, indefinivel, que, suposto não chegue a involver um insulto, não deixa de ser insolencia; e que custa a tragar como a breca. E eu, para ali, a rabiar com o caso e a querer chamar o somno; mas quanto mais me esforçava mais ia espartinando. E a sentir-me tão só, na escuridão, tendo por companhia unica um jantar por digerir. Pós-se-me a cabeça a trabalhar, a emprender nos primordios de todo e qualquer assunto; mas nunca passou dos primordios; era pegar e largar; voava de assunto para assunto com velocidade frenetica. Decorrida uma hora, andava-me o cerebro numa dobadoira, e eu, morto de cansaço, estafado de todo.

Era tal a fadiga, que afinal principiou a reagir contra a excitação nervosa; imaginando estar acordado, dormitava, effectivamente, com momentanea inconsciencia, abalada, de vez em quando, por um estremeção fisico, que por pouco me não escanchava as juntas — com a illusão instantanea de que me ia despenhando da beira de um precipicio. Depois de haver dado o meu trambulhão nuns oito a dez precipicios e de ter descoberto, assim, que ametade do meu cerebro dormitava oito ou dez vezes, sem que a espartinada e azafamada metade sequer o suspeitasse, as inconsciencias periodicas principiaram a estender o seu marasmo, gradualmente, por maior porção do meu territorio cerebral, até que porfim imergi numa somnolencia, cada vez mais funda e estava, sem duvida, a ponto de descambar num solido, bemaventurado e insonhifero lethargo, quando... que foi aquillo?

As minhas lubrificadas faculdades sacudiram-se parcialmente, recuperando vitalidade, e assumiram uma attitude receptiva.

E agora, lá de uma distancia illimitada, incommensuravel, veiu o que quer que fôsse a crescer, a crescer, a aproximar-se, e que a breve espaço era um som reconhecivel — dir-se-ia, antes, uma sensação, ao principio.

E agora, o som estava distante uma boa milha—o borborinho de uma trovoadá, talvez,—e a ouvir-se, agora, mais próximo,— não chegaria a um quarto de milha; seria acaso o roçar estridulo, aspero das peças de qualquer maquinismo, lá ao longe? Não era, e sentia-se, agora, de mais perto; seria o tropel compassado de um regimento, a marchar? E a aproximar-se, mais, mais — até que por fim era dentro e muito dentro do aposento: um rato a roer o forro do sobrado. E eu a tolher a respiração, por semelhante ninharia?

Em summa, o que lá vae, lá vae; toca a dormir outra vez, e a recuperar o tempo perdido. Pensamento inconsiderado, comtudo. Inconsciamente, maquinalmente — pus-me a escutar, attento, o tal som, e não menos inconsciamente, a contar as investidas do quebra-nozes daquelle ratinho. Dali a pouco, todo eu em afflicções, incomportaveis, com aquelle meu recreio, e comtudo, é possível que eu as pudesse supportar, se o rato houvesse attendido, firme, á sua empreitada; mas, qual historia! Parava, de vez em quando, e eu, de ouvido á escuta, á espera de que elle principiasse outra vez, e a padecer muito mais do que no acto de elle estar para ali a tasquinhar.

E neste comenos, a offerecer mentalmente, um premio de cinco — seis — sete — dez dolares, a trôco daquelle rato; mas por fim já ia offerecendo alviçaras inteiramente além das minhas posses. Calafetei as orelhas, — isto é, dobrei as abas para baixo, revirei-as em cinco ou seis dobras, apertei-as contra o orificio auricular, — mas não serviu para nada: tão aguçada se achava a faculdade perceptiva, pela excitação dos nervos, que se tornára o proprio micróphone, a ponto de poder ouvir, sem embaraço, através das camadas sobrepostas.

A raiva tornou-se-me em frenesi: Até que, finalmente, fiz o mesmo que toda a gente, antes de mim — a encabeçar com Adão, — resolvi-me a atirar-lhe com qualquer coisa. Debrucei-me e deitei mão aos çapatos de jornada, depois, sentei-me na cama, e pus-me a escutar, a ver se pescava donde viria o ruido. Mas não consegui; era tão ilocalizavel como o fretenir de um grilo; e quando uma pessoa suppõe que é para ali, é sempre esse o ponto onde menos será.

Assim, pois, atirei o çapato, ao acaso, e com vigor retrincado. Foi bater na parede, por cima da cabeça do Harris, e caíu sobre este. nunca imaginei ter pulso para alcançar tão longe. Acordei o Harris, e fiquei satisfeitissimo até que percebi que se não zangara. Depois, tive pêne. Não tardou em ferrar no somno, o que muito estimei; acto-continuo, porém, o rato outra vez na faina, e eu, como uma bicha, outra vez. Não queria acordar novamente o Harris — a roedela ia porém continuando, até que me vi obrigado a atirar com outro çapato. Parti o espêlho, desta feita, — havia dois, no quarto — acertei no maior, já se vê. O Harris tornou a acordar, mas não se queixou, e eu cada vez com mais pêne.

Resolvi aguentar com o auge do tormento, antes do que incomodá-lo, terceira vez.

Miscou-se o rato, eventualmente, e eu ia já a pegar no somno, eis que um relógio entra a dar horas; contei-as, até que se calou, e estava a ponto de cair em somnolencia, eis que outro relógio se põe a badalar; contei: depois, os dois anjos do relógio da Casa da Camara pegam a soprar nas immensas trombetas, uns sons meigos, ricos, melodiosos. Não me lembro de ter ouvido toada de tanto encanto, tão sobrenatural e misterioza — mas, quando pegaram a trombetear os quartos de hora, quis-me parecer que estavam a repisar a coisa, um tudo nada. Cada vez que eu ferrava o nariz no travesseiro, nova bulha a acordar-me! Cada vez que acordava, notava a ausencia da colcha da cama, e lá tinha que me debruçar para o chão, a pescá-la.

Até que por fim me desamparou de todo o somno. Reconheci o facto de estar permanentemente, desesperançadamente acordado. Farto de dar voltas e viravoltas na cama, e sem já poder conter-me, occorreu-me que talvez não fôsse má ideia o vestir-me e ir lá fóra, até á praça, proceder a uma boa refrescadela, na fonte, fumar e reflectir, até ver o fim áquella noite aziága.

Parecia-me que poderia vestir-me ás escuras, sem despertar o Harris. Tinha desterrado os çapatos em perseguição do rato, mas para uma noite de verão, remediavam os chinélos. Ergui-me, pois, devagarinho, e gradualmente, fui achando o preciso, — á excepção de uma peúga. E eu a ver que

não havia meio de achar o rastro áquella peúga, por mais que tentasse orientar-me

Mas havia de encontrá-la, quer sim quer não; assim, pois, fui andando, de gatinhas, com um chinélo calçado e outro na mão; é pus-me a apalpar, de mansinho, de roda de mim, a tactear o soalho, mas sem resultado. Alarguei o meu circulo de acção, e continuei a apalpar, a tactear. E como estalejava o sobrado, a cada pressão dos meus joelhos! E cada vez que eu embicava em qualquer objecto, a parecer-me que fazia trinta e cinco ou trinta e seis vezes mais bulha, do que o teria feito, de dia. Em tães casos, esperava sempre, contendo a respiração, até me convencer de que o Harris não tinha acordado — depois, eu lá, ia outra vez, a rastejar. Fui indo, indo, mas sem poder encontrar a peúga; dir-se-ia não poder encontrar fósse o que fósse, além de mobilia. Que eu me lembrasse, no quarto nem por isso abundavam moveis, quando me deitei, e comtudo, o recinto estava a abarrotar de trastes, actualmente — cadeiras, muito em especial — cadeiras por toda a parte — haver-se-iam acomodado ali varias familias, neste entretanto, porventura? E a parecer-me que não podia affirmar se era ou não qualquer cadeira, sem lhe ir logo marrar, de chapa! Foi-se-me alterando a bilis, por graus firmes e seguros, e á proporção que se iam multiplicando as apalpadelas, descambei em fazer commentarios, pouco confessaveis, de mim para mim.

Até que finalmente, com um virulento accesso de irritação, protestei prescindir da peúga; pús-me a pé, e investi para a porta — segundo eu suppunha — eis que, de subito, difusa, espectral, me acho em confronto com a minha imagem, no espelho intacto. Tolheu-se-me a respiração, com o sobresalto; manifestou-se-me, aliás, que estava perdido e sem ter a minima ideia do sitio em que me achava. Quando tal percebi, incanzinei-me, a ponto, que tive que me sentar no chão, e deitar a mão ao que quer que era, para não aluir o tecto com a explosão das minhas opiniões.

Se acaso ali houvesse um espelho, é possível que tivesse ajudado a orientar-me; mas havia dois, e era o mesmo do que se fóssem um cento; e demais, occupavam dois sitios oppostos, de cada lado do quarto.

E eu a ver a difusa claridade das jané-las, mas, nas condições de inversão em que me encontrava, estavam exactamente onde não deviam de estar, e assim, pois, em vez de me ajudar, muito mais concorriam a confundir-me.

No impeto de me pôr a pé, atirei ao chão um guarda-chuva; fez um estampido, tal qual um tiro de pistola, ao bater naquelle sobrado rijo, liso e virgem de alcatifa; ringí com os dentes; e sopeei a respiração — o Harris nem buliu, sequer. Ergui devagarinho e cautamente o guarda-chuva e encostei-o á parede, mas, assim que o larguei, es-corregou-lhe o calcanhar e foi-se abaixo, com outra explosão. Encolhi-me todo, e pús-me á escuta, um momento, com silenciosa furia — não houve novidade, tudo em absoluto socego. Com o maximo esmero, solicitude e cuidado, tornei mais uma vez a erguer o guarda-chuva, encolhi a mão, e elle ahí vae, outra vez.

Fui educado com decencia e carinho, e não obstante, a não serem a solemnidade e o pavôr, que me infundia a solidão daquella vastissima quadra, palpita-me que houvera soltado qualquer coisa, que nunca poderia figurar num manual de civilidade, sem lhe prejudicar a venda.

Se o meu poder de raciocinio não se achasse absolutamente estancado pela estafa que apanhara, não era eu que jámais tentaria pôr a prumo um guarda-chuva, ás escuras, num daquelles sobrados allemães, lisos como vidro; ninguem é capaz de o conseguir, de dia, sem quatro estenderetes por um exito feliz. Valia-me uma consolação, ainda assim — o Harris, sem tujir nem mugir — nem sequer deu signal de si.

O guarda-chuva não me podia orientar — havia quatro, encostados ás paredes, no quarto, e todos semelhantes. Pareceu-me, pois, que poderia ir apalpando a parede, até dar com a porta. Pús-me a pé, e encetei a operação, mas preguei com um quadro em terra. Nem por isso era muito grande, mas fez uma terramotada nem que fósse um panorama. O Harris não emittiu o minimo som, e eu a sentir que, se continuasse as experiencias com os quadros tinha a certeza de o acordar. O melhor era desistir de me ver dali para fóra. Sim! topava outra vez com a Tavola Redonda delrei Arthur — já a ti-

Arte portuguesa



SILVA PORTO — FEIRA NO MINHO



nha encontrado, mais de uma vez — e servir-me-ia como que de ponto de partida, na minha viagem de exploração em busca da cama; que eu, se topasse com ella, não deixaria, talvez, de encontrar o jarro; lograria estancar a ardente sede e enfiar-me em valle de lençoes. E lá fui indo outra vez de gatinhas, visto que assim podia ir mais depressa, e com mais confiança, tambem, sem pregar com coisa nenhuma no chão. Dali a pouco, encontrei a mēsa, com a testa — esfreguei o galo, um nadinha, pús-me a pé, com as mãos no ar e os dedos espalmados, para me equilibrar. — Tropecei numa cadeira; depois embiquei com a parede, e depois com um sofá, depois com um bordão de alpinista, depois com outro sofá. Atarantei-me de todo, — se eu estava persuadido de que não havia ali outro sofá! Tenteei caminho para a mēsa e meti noutra direcção; embiquei com mais meia duzia de cadeiras.

E agora, occorreu-me — o que já me devêra ter occorrido, isto é, que a mēsa era redonda, e portanto, de valor negativo como base de operações; assim, pois, tornei a metter-me ao caminho, á ventura, por entre aquella brenha de cadeiras e sofás — mas vagueei a esmo através de regiões infamiliarissimas, e a pouco espaço preguei com um castiçal, de cangalhas, de cima da prateleira do fogão; tataranhei para apanhar o castiçal, tombei um jarro, com um fragôr de caqueirada, e pensei de mim para comigo,

«ora até que te encontrei — bem me parecia a mim que te tinha á mão de semear!» E o Harris a vociferar «assassinos, ladrões!» rematando com «Quem me accode, que morro afogado!»

O estampido acordara o hotel, em péso. O senhor X investiu por ali dentro, em camisa de noite, talar, e de castiçal na mão, o joven Z, atrás d'elle, com outro castiçal; desfilou por outra porta outra procissão, com castiças e lanternas, o dono do hotel e dois hospedes allemães, em roupas nocturnas, e uma creada, em eguaes circumstancias.

Olhei em redor; achei-me ao pé do leito do Harris, a uma excursão domingueira do meu ninho de repouso. Havia apenas um sofá, encostado á parede; havia só uma cadeira, em que uma alma christan pudesse embicar; — e eu a revoltear de roda da mesma, como qualquer planeta, e a collidir com ella, tal qual um cometa, toda a santa noite.

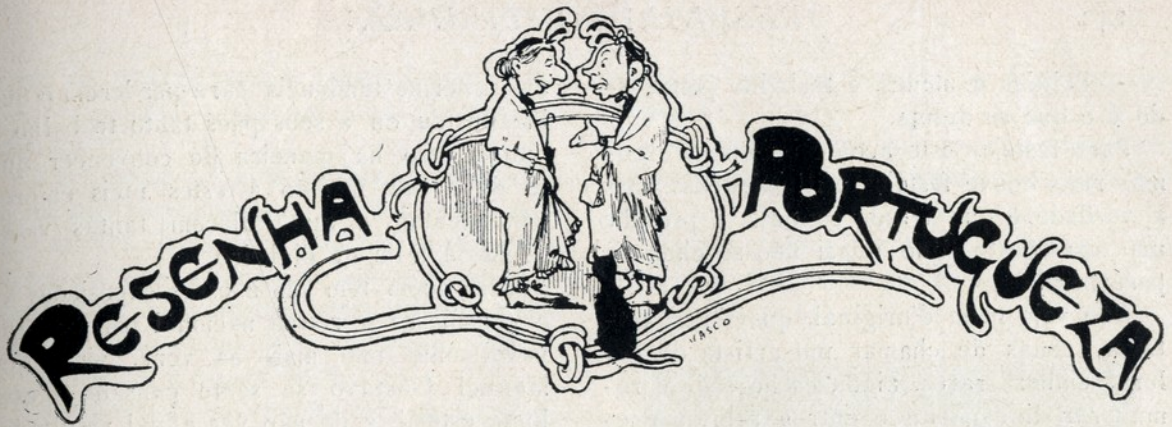
Expús a fôrma porque empregara o meu tempo, e o motivo.

Depois, retirou-se o dono do hotel, e o sequito respectivo; e os restantes, e eu na conta, fômos tratando de nos paramentarmos para o almoço, visto que o dia estava prestes a romper.

Deitei o olho, de sorrate, para o meu pedómetro, e verifiquei ter andado quarenta e sete milhas. Mas não me inquietei; eu, no fim de contas, andava a gosar uma excursão pedestre.

*Versão do inglés por MANOEL DE MACEDO.*





### O parlamento

Afim de se tratar da Constituição, abriu a camara dos deputados, e no momento em que escrevo, discute-se na especialidade o respectivo projecto.

A opinião de muitos, e entre elles o re-lactor o sr. dr. José de Castro, é que o projecto buscando agradar a todos, deu em resultado não agradar a ninguem.

Depois, houve uma abundancia referente á Constituição, e oxalá que de tantos, se consiga obter o que quer que seja de perduravel, com vida, porque enxertos não costumam, em politica, provar bem.

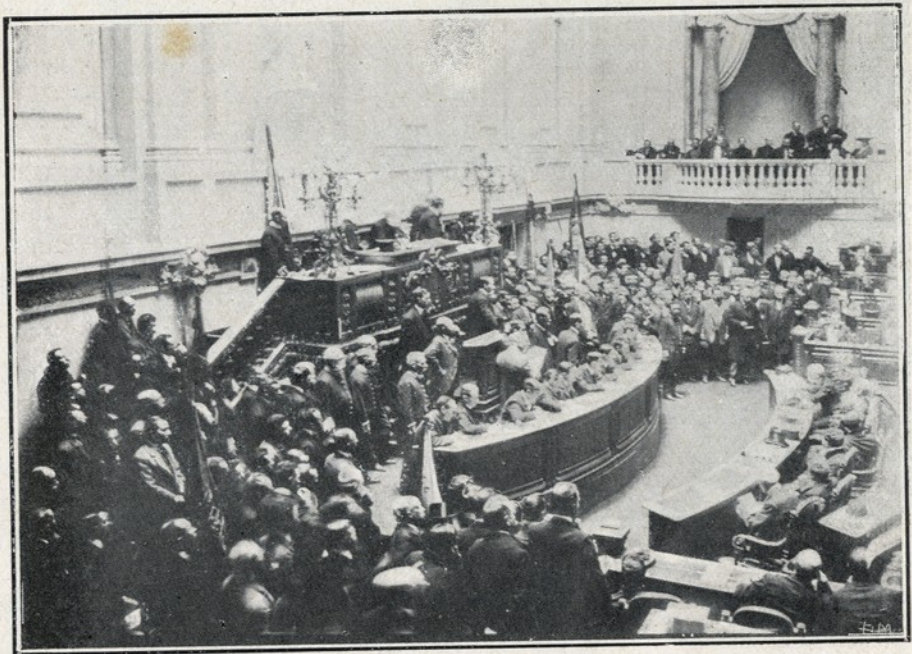
Mas as sessões na camara não teem corrido como seria para de-sejar, isto é, com a maxima serenidade.

Ha alli muito sangue novo, e a mocidade é sempre irreflectida, e realmente para discutir o codigo fundamental de um paiz necessita-se de sangue-frio, pesar bem todas as opiniões, e não se deixar, sob nenhuma fórma, desorientar nem perder o seu ponto de vista.

O momento que se atravessa é grave, o peor periodo para o actual regimen.

As nações estrangeiras não desfitam de nós os olhos, esperam que se approve a Constituição para reconhecerem a republica portugueza, qualquer desacerto, qualquer falta de tino, um excitamento de paixões, póde trazer consequencias perigosas.

Se todos se compenetrarem dos seus papeis, se não houver a pretensão da saliencia, de se derramarem ondas d'eloquen-



UMA SESSÃO DAS CONSTITUINTES

cia, se á uma pensarem, mas a valer, no paiz, evidentemente a arvore plantada dará fructos, e tanto mais que se póde dizer que o grito é geral:

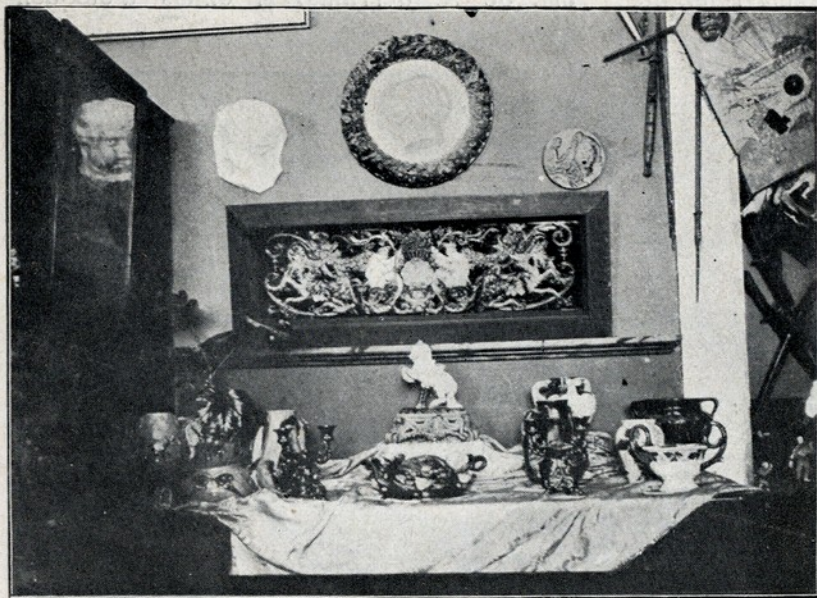
— Política a menos, e trabalho ponderado é o que se deseja.

Para festejar este acontecimento, n'algumas ruas houve festejos e illuminações, mas a verdade é que a tudo continúa a presidir um mau gosto, que quasi não se chega a perceber.

Não vejo nada d'original, quando se tratava apenas de chamar um artista de valor — embora raros, ainda os ha — de o remunerar lindamente e entregar-lhe a execução de projectos que se confiam a creaturas inexperientes ou que são tudo quanto ha de mais incompetentes.

### Manuel Gustavo

E' um brilhante artista, e bastava dizer que pertence á familia Bordallo Pinheiro, que no caricaturismo, na pintura, na medicina, tanto se tem distinguido, e, facto extraordinario, quasi sempre, quando os paes teem talento os filhos degeneram.



NA EXPOSIÇÃO DE MANUEL GUSTAVO

Não tem acontecido o que se tomou por axioma n'esta raça privilegiada, e é assim que Manuel Gustavo, um talento superior, evidenciando-se d'anno a anno, buscando vencer a rotina, inaugurou a sua quarta exposição em trabalhos de faiança.

Mas aqui, onde para as empresas inuteis ha logo capital, onde todos como que teem

uma enorme tendencia para perderem o que lhe custou ou a seus paes tanto trabalho a juntar, não ha maneira de convencer que se deve dar a mão a estes uteis empreendimentos, e que fallecem tantas vezes devido á falta de dinheiro.

Pois quem tem ido a essas exposições — e console-se a rotina nacional porque provavelmente não mais as verá, visto que Manuel Gustavo se sente cansado d'essa lucta esteril, e de não ver afinal resultados praticos, a alma encheu-se-lhe de desanimo ante a falta de concorrência, a ausencia d'estimulo, — vê que lá fóra não ha melhor.

E tudo se traduz n'este pequeno caso occorrido ha annos n'uma exposição.

Um endinheirado visita uma exposição de pintura, e pára ante um quadro emmoldurado.

Consulta o catalogo e lê 20000 réis.

— Não é lá muito barato, mas a moldura vale.

Dirige-se para o adquirir, quando lhe objectam, com o melhor sorriso, que ha engano da parte do comprador, porque o custo é de 20000 réis.

E o nosso homem, indignadissimo:

— Então o senhor julga que eu sou algum tolo? A moldura não custou mais de 20050 réis. E como é em segunda mão...

Este é dos taes que nunca mais foi a uma exposição.

### Sousa Bastos

Os leitores d'esta secção nada teem com os sentimentos que animam a pessoa que mensalmente se corresponde com elles por este meio; o seu dever é apenas transmittir-lhes os factos que entende registar n'este *magazine*, tirar illações, e nada mais.

Se o chronista está alegre, torna-se-lhes indifferente, se anda triste, não é cousa que os incommode, se um d'esses violentos ata-

ques de neurasthenia o assalta nada os levará a perder o appetite ou a tirar-lhes o somno.

Mas vendo-me hoje obrigado a noticiar mais um fallecimento, e infelizmente o mez dá sempre margem a que não consiga ex-himir-me a esta tarefa, o meu coração con-frange-se como poucas vezes me tem acontecido, visto tratar-se d'um amigo dilecto.

Refiro-me a Sousa Bastos.

Não conheci nunca uma vida tão acciden-tada como a sua, nunca vi um homem pos-suindo hoje contos de réis, e mezes depois não ter um real; mas com a sua vastissima ima-ginação, os seus enormes recursos, conse-guia immediatamente pôr-se ao lume d'agua.

Basta citar este exemplo.

O Theatro da Rua dos Condes inaugurara os seus espectaculos a 23 de dezembro de 1888 com uma allegoria de Baptista Machado, *Hontem e Hoje*, e a operetta em 2 actos, as *Duas Rainhas*, com musica de Luiz Dalhaunty.

Não se podia escolher nada de mais de-sastrado, e assim era uma empreza ao mar, constituída por Salvador Marques, um ex-celleste character, e Casimiro d'Almeida, mas que pareciam uns inexprientes na pra-tica, quando Sousa Bastos se lembrou, afim de ver se attrahia publico, d'escrever a continuação d'um *vaudeville* que obtivera grande exito, intitulado-o o *Casamento da Nitouche*.

Concluiu-o e ensaiou-o em quinze dias, obtendo um grande exito, obstando a que a empreza fechasse as portas não solvendo os seus compromissos.

No sorriso de Sousa Bastos havia como que dobres funebres, por aquella cabeça intelligente perpassavam sombras de mel-ancholia, n'aquella fronte elevada tocavam as azas da tristeza, como se no berço fosse embalado pela Dôr e pela Alegria, n'uma lucta, vindo afinal na vida a predominar um só d'esses sentimentos.

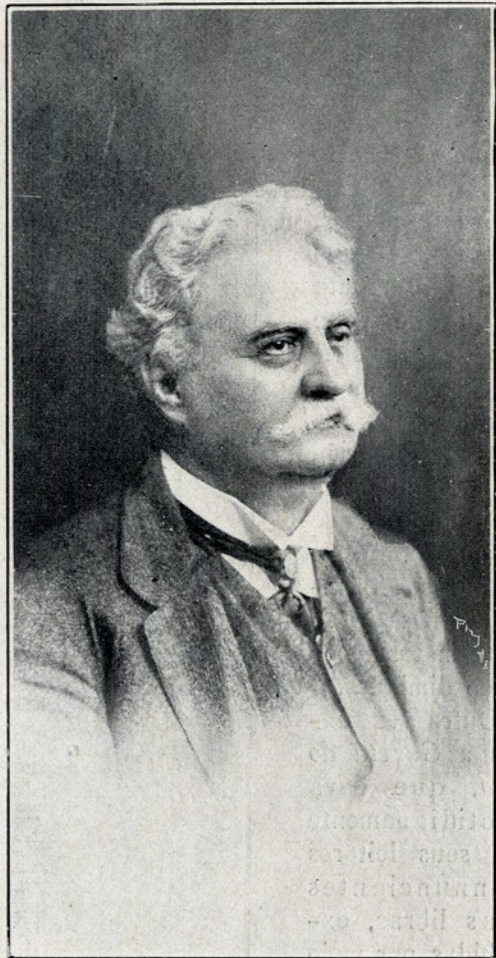
Nunca vi tantos, depois de o explorarem, fugirem do seu lado, suppondo que o tinham illudido, desconhecendo a bondade do seu coração.

O character de Sousa Bastos era frouxo, o que não lhe permittia conservar ran-cores, e a todos os serviços que prestou nunca acudiu a idéa como a um politico

velhaco, que em seguida ao favor accres-centava:

— Agora espero que o meu amigo não se esqueça que se eu precisar alguma vez de si...

Ha quarenta e tantos annos atraz, Sousa Bastos foi alanceado por enorme desgosto.



SOUSA BASTOS

Alguem a quem elle queria, que consti-tuia parte do seu ser, partira para Africa, uma viagem d'onde, devido á idade e ás circumstancias especiaes em que ia, não mais devia voltar.

Mas elle queria ver esse alguem.

Não se calcula os milagres que fez para alcançar o dinheiro com que podesse pagar uma passagem de 3.<sup>a</sup> classe, e ao chegar lá, como elle beijou essa creatura, e as la-grimas que derramou, constituem sentimen-tos tão preciosos, prantos d'um tal valor,

que eu, lembrando-os, não conheço nenhum cofre digno de as encerrar, por maior que seja o seu trabalho de joalheria, por mais trabalhado que sejam os seus rendilhados, por maior preço que se dê á sua antiguidade...

E sobre este assumpto detenho-me, porque entendo que não me é licito avançar mais...

Foi empresario, livreiro, editor, jornalista, auctor, traductor, fundou uma agencia d'annuncios—o verdadeiro homem dos sete officios.

Como editor, lembrou-se, um dia, pela diminuta quantia de vinte réis, de fazer chegar aos assignantes d'uma empreza litteraria, diariamente, oito paginas d'um romance em quarto, a duas columnas, fornecendo-lhes bastante materia por preço diminuto.

Outra vez fundou a *Gazeta do Dia*, que dava quotidianamente aos seus leitores e annunciantes duas libras, extrahidas por meio de sorteio.

Passando no theatro o seu exito foram as revistas.

Apanhava os typos em flagrante, transplantava-os para a scena — e a verdade era que os interpretes para essas suas peças eram de primeira ordem e mesmo os maus convertiam-se em razoaveis — fazia a critica leve sobre os acontecimentos, punha de lado as grandes phrases e os palavrões d'effeito, e com inexgottavel humorismo, beliscava sem offender, criticava não ferindo, obrigando a franca gargalhada a despertar

sã, sem o menor resaibo de doença contagiosa.

E ante os meus olhos perpassam, entre outras, *Coisas e Loisas... Tim Tim por Tim Tim... Tam Tam... Sal e Pimenta... A nove...*

Como lamento a sua morte, que pena tenho d'este homem que passou a vida a praticar o bem, a ser um perdulario, mas todo altruismo, e se teve inimigos, foram exactamente aquelles a quem elle, mais beneficiou...

### D. Maria Pia

Ao vê-la nas ruas de Turim, todos diriam que era uma sombra.

D. Maria Pia de Saboya curvada pelos annos, desventuras, recordações e tristeza incuravel, confrangia.

Ao entrar na Italia devia ter sentido uma punhalada agudissima no coração, e aos logares que com certeza o tempo não riscara da sua memoria, volveu os perspicazes olhos do pensamento.

Que de caminho percorrido,

brilhante no principio, quanto sombrio depois! Em Lisboa echos de triumpho, acclamações da multidão, homenagens de subditos, a riqueza, tudo novo, tudo esplendido.

Mais tarde vem o desmoronamento, a cidade em revolta, a enorme angustia de sentir como se vae o poder por entre os dedos tremulos, a invasão do vencedor que sobe como a maré, a fuga d'aquella segunda patria, tudo desfeito entre sangue e polvora,



D. MARIA PIA

como um quadro de batalha theatral por detraz d'um panno de gaze negra.

Tanto luxo a hobrear com a dôr, tantas vezes aquelles olhos azues se afogaram em pranto, quantas não se desejou a humildade em vez da grandeza!

E a partir d'ahi a saudade que produz a morte, o sentimento de não encontrar um logar gratamente melancolico onde espancar um pouco a terrivel tristeza, o buscar afastar-se sem treguas de si mesma, e após vencida, occultando os cabellos brancos sob

### Leal da Camara

Encontra-se em Lisboa o distincto caricaturista Leal da Camara, que com o seu lapis revolucionario se viu obrigado a homisiar-se de Portugal.

Sahindo d'aqui occultamente, refugiou-se no estrangeiro, e lá conseguiu crear um nome, ser alguem, e no *Assiette au Beurre*, as suas caricaturas, obedecendo apenas á sua arte pessoal, grangearam-lhe uma fama que, se continuasse em Portugal, nunca obteria.



O ALMOÇO A LEAL DA CAMARA

o louro simulado, as innumeras rugas sob cosmeticos, mas não podendo esconder os desgostos, regressou ao seu primitivo paiz, e onde com certeza ao entrar de novo, todas as pedras do palacio em que nascera se voltaram para ella como perguntando-lhe com ternura de mãe:

— Porque estás tão triste, minha filha? Tinhas-nos esquecido?

Se, como disse o poeta latino, a alma das cousas tambem choram, como devia ter chorado esse palacio, ao ver passar aquella sombra enlutada e curva!...

E' caso para se dizer: *ha males que veem por bem*.

A sua exposiçãõ no Theatro Nacional tem sido concorrida, e Leal da Camara muito festejado.

Muitos dos seus admiradores offereceram-lhe um almoço, que teve apenas o defeito de não ser sufficientemente annuciado, porque bastantes gostariam d'alli ir prestar a sua homenagem ao talentoso — e o adjectivo pôde applicar-se sem escrupulo, — caricaturista, não o tendo feito pelo motivo acima enuciado.

**Carlos Reis**

Foi nomeado director do Museu d'Arte Contemporanea, um artista distinctissimo, Carlos Reis, que exerceu com tanto relevo o cargo de director do Museu das Janellas Verdes.

Sendo um dos artistas mais estimados de Silva Porto, vimo-lo como pensionista do Estado, em Paris, em 1889, onde estudou, mas a valer e conscienciosamente, a sua arte.

E da sua obra vastissima recordarei um *Pôr do Sol*, e que nunca mais ninguem verá, porque se perdeu no naufragio do *Saint-André*, um retrato do Rei D. Carlos, e comprehendem bém os leitores que cito estes dois, ao acaso, para não alongar um artigo de simples notação.

As suas decorações no Bussaco, nos palacios Palmella, Valle Flór, Julio Seixas, demonstram bem o seu altissimo valor.

Instituiu a Sociedade Silva Porto, e, entre outras recompensas, recebeu as medalhas d'ouro nas exposições de Dresde e de Barcelona, e a d'honra na Sociedade Nacional de Bellas-Artes.

Foi uma escolha acertadissima, e das que se registam com o maior louvor.

**As bebidas no verão**

O regimen hygienico que se deve adoptar é assumpto de capital interesse para a saude.

A absorção d'agua no organismo na epocha actual, se não se effectuar com moderação attendendo ao que a hygiene dispõe nos seus preceitos mais vulgares, accusará grandes perturbações no funcionamento do corpo humano.

Beber agua logo que se tenha sede, é prejudicial, sobre tudo para o aparelho digestivo.

A grande questão consiste em se fazer

uso d'uma bebida que seja capaz, em certa quantidade, de mitigar a sede, de refrigerar o organismo é de diminuir a abundante secreção do suor, augmentando compensadamente a secreção da urina, e é com esse fim que se aconselha uma bebida altamente hygienica que conserva essas propriedades e que se prepara da seguinte fórma :

Tintura alcoolica de café, 8 grammas; essencia de limão, 10 gottas; cognac puro, 30 gr.; agua de flór de laranja, 90 gr.; xarope de baunilha, 60 gr.

Enche-se uma colher de sobremesa e deita-se n'um copo d'agua fresca, tomando uma vez ao dia, de tarde, tres horas depois de comer.

E' uma bebida ao mesmo tempo agradável e um excellent refrigero e diuretico; com o seu uso diminue a sede e o suor, produzindo um bem estar geral.

Deviam os cafés adopta-la, e o seu consumo traria mais beneficios á saude que todos os refrescos que alli se vendem.

Attendam os seguintes preceitos:

Sem terem decorrido duas horas depois de comer não se deve beber agua nem nenhum outro liquido;

Para diminuir a sede basta humedecer as faces e gargarejar com agua;

Entre todos os refrescos o melhor é a cerveja, por ser um tonico e diuretico;

A gazosa e a orchata tambem se podem utilizar;

Os gelados e os sorvetes só são beneficios como refrigerantes e digestivos, se tomados após a comida;

Em seguida a comer fructas, pimentos, tomates, pepinos, não bebam mais do que vinho.

E eis a que se reduz o regimen hygienico das bebidas durante os mezes de verão e é crível que os leitores agradeçam estas indicações, tanto mais que seguindo-as em nada se arrependerão.

PORTUGAL DA SILVA.

**DEBILITADOS** por **EXCESSOS** de forças phisicas e musculares, **peçoas** excessivamente **NERVOSAS**, curam se completamente com a

# Somatose

em pó ou liquida

(doce ou secca)

Vende-se

nas pharmacias e drogarias



## Trindade

A peça actualmente em scena n'este theatro, *Gente Miuda*, constituiu um grande exito em Madrid.

Os que ultimamente estiveram n'aquella cidade contavam maravilhas, que nunca se tinha escripto nada tão interessante, que era um genero completamente novo, que se ia dar um outro impulso ao theatro hespanhol.

E' claro que para estes enthusiasmos, a pratica theatral serve de muito, e, assim, não me exaltaram os elogios, escutando os apenas com o sangue-frio habitual.

Porque, — e ainda hei-de tratar n'esta secção dos varios theatros da Europa, e das suas phases, das suas transformações, da maneira como o interpretam, demonstrando a claro a difficuldade que ha em trasladar tudo onde reside o regionalismo e quando se tem um theatro seu, como a Hespanha, é um erro desvirtua-lo.

*Gente Miuda* padece d'um grande defeito: o ser uma peça typica, que nunca se poderia adaptar a portuguez.

Mudar algumas personagens, transmittir-lhe a nossa descolorida acção, pôr typos que não teem aquella energia brilhante, viva, ardente, caracteristica da nação hespanhola, é um erro, e o paiz visinho, que tem os seus actores, que tem os seus auctores, que tem os seus maestros, — oxalá

nós podessemos dizer o mesmo, — como que se enfatiou do seu reportorio tão interessante, tão cheio de côr, para explorar um genero em que tão descabido fica.

A verdade é que nunca uma peça hespanhola typica conseguiu agradar em portuguez.

Falta-nos tudo para interpretar as respectivas personagens, ignora-se em absoluto a maneira de lhes dar alma, e d'ahi, com a falta d'animação da comparsaria, com a ausencia d'interesse dos coristas, peças d'esse genero são sempre falhas.

E a tentativa tem sido sempre infructifera.

Recordo-me do insuccesso do *Duo da Africana*, da *Marcha de Cadiz*, d'uma comedia encantadora, *Genio Alegre*, e digam o que disserem, da *Manhã de Sol*, embora confiada a dois grandes artistas portuguezes.

Não ha outro remedio senão enveredar pela operetta franceza, e vamos lá pelas austriacas, sendo, porém, de receiar que o publico se sacie d'estas com mais rapidez do que as empezas desejariam.

## Coliseo dos Recreios

Funciona actualmente n'este theatro uma companhia italiana, que tem variado os seus espectaculos e attrahido immensa concorrencia.



Alguns artistas são de valor, embora o comico abuse um tanto, como succede na *Viuva Alegre*, inda que o publico, na sua parte grosseira, goste. O repertorio é variado, alegre, e, além d'isso, aquella casa de espectaculos, com as melhorias que ultimamente alli se introduziram, converteu-se n'um magnifico local, onde se desconhece por completo o calor.

### Theatro da Natureza

Assim o appellidaram os seus iniciadores em Portugal, e sinto muito dizer-lhes que é um erro, e de primeirissima ordem.

Theatro ab ar livre, concordaremos todos, agora chamar da natureza a uma scena onde vemos lonas pintadas, a um espectáculo dado á noite, é violar em demasia a nota.

Recitas d'aquella ordem são comprehensíveis no declinar da tarde, em que tudo em volta toma um aspecto diverso, em que o sol a pouco e pouco vae deixando de aquentar a terra, em que a folhagem assume um outro aspecto, em que o céo nos apresenta cambiantes diversas, em que tudo se conjuga para dar um aspecto novo ás cousas.

Mas merece-nos todo o applauso esta tentativa.

E' gente que busca sahir da rotina, que não se importou com umas criticas descaraveis, porque se é facil o censurar, o difficil é produzir ou assimilar bem, e obedecendo a propositos que os frequentadores de theatro não desconhecem. O publico parece que comprehendeu a arrojada iniciativa, porque tem correspondido, indo ao Passeio da Estrella em grande numero e applaudindo o sympathico grupo d'artistas, que bem merecem que os coadjuvem nos seus honestos esforços.

### Apollo

O sr. João Bastos imitou um *vaudeville*, que actualmente se representa n'este theatro, e que denominou *Fura-Bolos*.

E' uma peça alegre, um tanto livre, mas que se deve perdoar, attendendo ao enorme calor que, por vezes, temos atravessado.

A musica é do maestro Carlos Calderon, sendo o scenario d'Augusto Pina, Viegas e Machado.

### No Theatro Nacional

Realisaram-se no theatro Nacional Almeida Garrett as provas d'exame dos alumnos do 3.º anno do curso dramatico do Conservatorio.

Assim, ouvi varias scenas das peças de Ibsen, Strindberg, Maëterlinck e Maximo Gorki, referentes ao *Peer Gynt*, á *Saga de Pedro o Afortunado*, á *Intrusa* e á *Escoria*, pelas alumnas Ilda Ferreira, Marina Rodrigues, Sara Lima, Beatriz d'Almeida, Justina de Magalhães e os alumnos Reynaldo Azevedo, Joaquim Almada, João Henriques, Othello de Carvalho e Felix do Amaral.

Quando estas provas praticas eram dadas no Conservatorio, o pequeno salão enchia-se... porque a entrada era gratuita, agora, com os logares pagos, a indiferença foi enorme, e o resultado da bilheteira um desastre, e tanto mais que os espectadores que assistiram a uma recita no mesmo genero, e em que se interpretaram os classicos portuguezes soffreram tão grande desapontamento, que a ausencia de publico era de prever.

\*  
\*  
\*

Ha um artigo a fazer sobre theatro, attendendo á crise porque todos elles estão passando.

Na epocha finda os lucros das empresas não foram para ninguem os invejar, e o que mais se accentua é a falta d'artistas, e bem evidente é que deu a fallencia nos dramaturgos, tanto nacionaes — tão poucos elles eram! — como nos estrangeiros.

Mas com maus artistas e com peças de-testaveis, as exigencias d'aquelles foram n'um crescendo, e d'ahi ordenados hoje extraordinarios... e que na verdade não chegam para satisfazer as exigencias das *toilettes*.

Alexandre Dumas, filho, interrogado uma vez sobre a causa porque as mulheres de theatro não podiam ser honestas, respondeu

que era devido ao luxo com que se apresentavam em scena.

Realmente o auctor do *Demi-Monde*, da *Francillon*, da *Princesa George*, elle, que transplantou para o palco creaturas elegantes, d'alta sociedade, que deviam vestir primorosamente, podia falar assim ..

As emprezas estão sobrecarregadissimas: contribuições, sellos, alugueres, ordenados e falta de concorrência, nem tantos factores seriam precisos para as arruinar.

Depois, o que entende que deve ir de graça ao theatro generalisou-se, dando em resultado que uma pessoa que não janta no Tavares, *porque não tem dinheiro*, entende que deve abusar da amizade ou do conhecimento que tem com um jornalista, para lhe pedir uma entrada de favor, visto *que não tem dinheiro* para gastar em divertimentos.

O Apollo, a Trindade e o Coliseo dos

Recreios inauguraram esta epocha os seus espectaculos a meios preços, e parece que a tentativa não é para desprezar, porque as enchentes succedem-se, e realmente com bilhetes baratos não é muito facil pedir entradas gratuitas.

Creio que entre as soluções para resolver o problema theatral no futuro tem de se attender:

A condemnar desde já dois theatros que não se encontram em condições de funcionar e onde se dará, se não se attender este aviso, alguma hecatombe como a do Baquet: o Avenida e o Rua dos Condes;

Os artistas limitarem as suas ambições quanto aos ordenados, e o publico não exigir rigorosas *toilettes*;

E as emprezas reduzirem os preços dos logares, o que lhes dará um resultado superior ao que tem mantendo os habituaes.

PORTUGAL DA SILVA.

---

**FARINHA LACTEA NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910



## Curiosidades do tempo

### Duas autobiografias femininas

Publicaram ha pouco tempo as suas autobiografias duas grandes notabilidades femininas, uma europea e outra americana, de um grande humanita-

rismo ambas, uma nos seus escritos e propaganda, outra na sua acção social: Jane Adams e a baronêsa von Suttner.

Jane Adams é a mais notavel das mulheres americanas. Nem bella, nem rica, nem altamente collocada, não procurou a celebridade, que com ella veio têr. Modesta, retirada, simplicissima nas maneiras e no falar, tornou-se a «uncrowned queen» do mundo feminino americano.

Nasceu em 1857. Ainda muito pequena perdeu a mãe; era uma criancita doente, corcunda, descrita, quando contava seis annos, como feia, de pés tortos, obrigada pela curvatura das costas a andar com a cabeça toda inclinada a um lado. O pae era digno de tal filha, lavradôr simples, honesto, intelligente, altruista. Jane foi a mais nova de uma numerosa familia, sensitiva, emocional, de uma consciencia moral precoce, com uma intuição profetica das necessidades do futuro. Quando, com menos de 10 annos, viu as casas miseraveis da cidade proxima, parece têr tido a primeira noção do seu destino, perguntando insistentemente ao pae porque viviam assim aquellas pobres criaturas, e pensando que quando fôsse crescida teria talvez uma grande casa, não construida ao pé das outras casas, mas sim ao pé das pequeninas e mais escuras...

Quando cresceu, o seu alimento espiritual foram as obras de Carlyle, Ruskin, Browning, e o Novo Testamento. Fascinava-a um ideal de cultura, piedade e trabalho fisico que Port-Royal exemplificára melhor que qualquer ou-

tra seita. Em 1881 decidiu-se a estudar medicina e a ir vivêr entre os pobres, mas só em 1889 encontrou a sua real vocação. «Durante-a mór parte d'esse tempo estive espiritualmente desgovernada, só sentindo um grande desejo de um mundo verdadeiramente vivo, não me



JANE ADAMS

contentando com uma obscura reflexão intellectual ou estetica».

A historia de como encontrou a sua vocação é muitissimo interessante. A sua doença de espinha obrigou-a a estar de cama durante seis

mêses pouco depois de têr entrado para o Collegio feminino de medicina em Filadelfia. Feito o seu exame no primeiro anno, mandaram-na passar dois annos na Europa. Soffria extraordinariamente de neurastenia. Uma das mais pungentes das suas experiencias deu-se no East London, quando viu pela primeira vêz, á meia-noite, os casebres abarrotados dos bairros pobres da grande cidade.

Essa visão passou a sêr a sua preocupação constante.

A Italia trouxe-lhe algum allivio moral e fisico.

Voltou para a America, onde foi baptisada aos vinte e cinco annos, entrando para a igreja presbiteriana. Fê-lo por uma grande aspiração a um simbolo exterior da união e fraternidade, e convicta de que a igreja christã era uma enorme força no sentido dos ideaes democraticos.

«Apesar de não consciente de qualquer conversão emocional, diz ella, impus-me todas as expressões exteriorés da vida religiosa com a maior humildade e sinceridade.»

Após dois annos de permanencia em Baltimore e Illinois voltou á Europa. Chegava no momento da greve dos operarios dos fosforos em Londres, e foi então a sua iniciação no mundo das *trade-unions*.

Sentiu-se depois alternadamente attraida pelos positivistas e pelos velhos católicos, escrevendo por essa epoca nos seus apontamentos a esperanza de se realizar uma Catedral da humanidade bastante vasta para abrigar todos os homens de um commum proposito, e bastante bella para convencêr a todos a dedicarem-se á visão da solidariedade humana, — uma previsão do que haveria de sêr Hull House.

O impulso final que a lançou na sua carreira destinada foi o espectáculo de uma tourada em Hespanha. Caíra doente com uma sciatica em Roma, e após a convalescença na Riviera, veio parar a Madrid. Até ahí não falára a ninguem das vagas idéas que trazia em mente.

Era em abril de 1888. «Com grande surprêza e horrôr percebi que vira com relativa indifferença matar cinco touros e não sei quantos cavallos.» Os seus companheiros não puderam supportar o espectáculo, mas ella ficou até ao cabo, encarando a scena como um torneio.

Quando no fim os seus companheiros a increparam, não pensou muito no sanguinario da festa. «Mas á noite veio a inevitavel e natural reacção, e com grande tristeza me senti condemnada, não só por essa repugnante experiencia, mas tambem pelo estado moral que ella significava. Vi que me estava alheando da minha consciencia profunda no meio dos meus estudos e viagens.»

No dia seguinte tinha tomado a sua resolução, e quando foi visitar a Alhambra o plano tornara-se convincente e tangivel, posto que nebuloso ainda nos detalhes. Um mês depois estava em Londres visitando Toynbee Hall e o People's Palace. De volta a Chicago escolheu Hull House para ahí fundar a sua obra. Nesse velho edificio decidiu vivêr e «estabelecêr o

centro de uma vida civica e social mais alta, instituir e mantêr emprezas de educação e filantropia, e investigar e melhorar as condições do mundo industrial de Chicago. Desde o principio se viu que estavam promptas a executar os serviços mais humildes. Pediam-nos para lavar os recém-nascidos como para preparar os mortos para o funeral, tratar os doentes, dirigir as crianças».

Fizeram, ella e as suas companheiras, tudo isso e mais: tornaram Hull House um centro social para tudo que anima e illumina a vida. Fundaram clubs, bibliotecas, salas de leitura e museus de arte. Organizaram cooperativas, casas de hóspedes, gymnásios. Numa época em que chamar a um homem anarchista em Chicago era atira-lo á perdição, Hull House abria as suas portas hospitaleiras a todos os sonhadores e a todos os réprobos do mundo. Todos os reformadores encontraram em Hull House a sua Meca, um refugio onde pudessem abrigar-se e d'onde saiam com o ânimo refeito, a coragem renascida. E no meio de todos os seus multiformes trabalhos, Miss Adam era o confessor, o amigo, a conselheira de todos os necessitados, consoladora e guia. Ella e as suas coadjuutoras estavam sempre promptas para todas as obras. Jane Adams pouco a pouco tornou-se um verdadeiro poder, podendo dizêr-se que realizou em Hull House o seu antigo sonho de uma Catedral da Humanidade.

Emquanto Joanna Adams é uma democrata por convicção e nascimento, a outra mulher celebre que ha pouco publicou tambem a sua biografia, Bertha von Suttner, é uma aristocrata pelo seu nascimento e pelo seu matrimonio.

Filha do Conde Kinsky, foi a leitura das obras de Spencer, Buckle e Hodgson Pratt que abriu o seu espirito á causa pacifista. Começou por sonhar em pequenina que seria noiva de Francisco José. Passou-lhe a mania quando este casou com Isabel. Depois apaixonou-se por um rapaz que lhe não correspondia a essa paixão. A primeira proposta de casamento foi-lhe feita aos 13 annos. Aos desasete esteve para casar com um milionario já entrado em annos, projecto que elle desfez. Apaixonou-se depois por um principe do Caucaso, mas essa idea tambem não proseguuiu. Dedicou-se então ao canto, na esperanza de vir a sêr uma prima-donna, apaixonando-se pelo principe Wittgenstein com quem estudava musica. O principe morreu quando estavam noivos. A mãe jogou tudo quanto tinha, e Bertha foi ganhar a sua vida, accetando um logar em casa dos Von Suttner. Bertha e o joven barão apaixonaram-se um pelo outro. A mãe do barão oppôs-se ao casamento, decidindo-se Bertha a ir como secretaria e governanta para casa do celebre Alfredo Nobel, fundador dos premios conhecidos por todos. Por pouco tempo, comtudo, porque os namorados resolveram unir-se e fugirem, vivendo desde então bastante felizes. Eram muito pobres, mas tinham amigos no Caucaso, onde ella ganhou alguma cousa com os seus escritos, até que alguns annos depois a familia Sut-

ter perdoou, voltando os jovens para a casa da família em Harmanstadt.

Durante todos esses annos, apesar de contemporanea das guerras italiana, dinamarquês, austriaca, francêsa, não se interessou por ellas. E' curioso que uma mulher destinada a sêr tão celebre pela sua acção na cruzada pacifista, vivesse até aos quarenta annos absolutamente alheia ao assumpto que tão em destaque a collocaria. A idéa acordou no seu espirito quando soube que havia homens no mundo que olhavam a guerra como um mal que era preciso a todo o transe combatêr. Um amigo disse-lhe um dia casualmente que Hodgson Pratt fundára em Londres uma Associação da Paz. Indagou interessadamente do phenomeno, dedicando-lhe um capitulo num dos seus li-



BARONESA VON SUTTNER

vros. Já nesse tempo os seus livros eram apreciados, escrevendo ella com udo anonimamente, pelo que os attribuiam geralmente a um homem. Um d'elles mesmo foi attribuido a Max Nordau. Subitamente principiou a escrevêr o seu romance *Abaiço as armas*, conhecido hoje no mundo inteiro. «Quería servir a Liga da Paz, diz ella, e como melhor do que escrevendo um livro que propagasse as suas ideas?»

Difficilmente encontrou quem lh'o editasse. Andou o manuscrito de Herodes para Pilatos, recusando-o todos. Um editôr declarou-lhe que o accitaria se supprimissem todas as passagens que atacavam o militarismo. Por fim encontrou um homem que ousou accitar a obra: o exito foi immediato e universal.

A passagem mais interessante da sua auto-

biografia é talvez a que descreve as suas relações e a sua amizade com Nobel, que culminaram a quando a instituição dos premios. O começo d'essa amizade foi curioso. Bertha estava desesperada pela impossibilidade do seu casamento com o barão. A mãe d'este, na esperança de a affastar, chamou-lhe a attenção para o seguinte annuncio de um jornal: «Cavalheiro rico, culto, e já edoso, deseja encontrar uma senhora tambem não nova, que saiba linguas, para sua secretária e governanta.»

Ella respondeu. O homem rico era Alfredo Nobel. Sobre elle escreve a autôra: «Falar com Nobel sobre o Universo e a humanidade, sobre a arte e a vida, sobre os problemas do tempo e da eternidade era um intenso gozo intellectual. Estava cheio de fé no ideal abstracto de uma futura humanidade mais alta, quando os homens viessem ao mundo com uns cerebros melhor desenvolvidos,—mas repleto de desgosto, e desconfiança pela maioria dos seus contemporâneos, pois conhecêra muitos caracteres baixos, egoistas, insinceros. Desconfiava de si mesmo, e era excessivamente acanhado. Achava-se repulsivo, julgando-se incapaz de inspirar sentimentos de simpatia.»

Depois da publicação do romance *Abaiço as armas* escrevia Nobel á baronêza: «Acabo de lêr a sua admiravel obra-prima. Dizem-nos que ha duas mil linguas: portanto mil novecentas e noventa e nove a mais. Mas certamente nenhuma ha em que não devesse sêr traduzido, lido e estudado o seu maravilhoso trabalho.»

Quanto tempo levou a escrevêr essa maravilha? Dir-me-á na proxima vez que eu tiver a honra e felicidade de apertar essa mão de amazona que tão valentementê faz a guerra á guerra.»

Cinco annos antes (1885) escrevêra-lhe: «Que lhe direi de mim,— naufrago da mocidade, da alegria, da esperanza? Coração vazio cujo inventario é uma pagina branca,— ou cinzenta?»

Em 1891 Nobel felicitava-a pela sua campanha contra «esse horrôr dos horrôres», e aventava as seguintes ideas: «Seria demasiado pedir, por exemplo, que por um anno os governos europeus se compromettessem a submeter a um tribunal, qualquer difficuldade que se levantasse entre elles; ou, se se recusassem a dar esse passo, a addiar todo e qualquer acto de hostilidade até que expirasse o periodo estipulado? E, suppondo que uma questão grave se levantasse, não pensa que nove vezes em cada dez ella se resolveria durante o armisticio obrigatorio que elles teriam de respeitar?»

Em 1892 Nobel veio ao Congresso da Paz em Berne. Aberto o Congresso a Baronêza e seu marido visitaram Nobel em Zurich. Ella sustentava então numa revista a causa da paz, e promettia enviar-lh'a com outras publicações, para lhe dar não só informações mas enthusiasmo. Nobel respondeu: «Muito bem, procure fazê-lo. Nada aprecio mais do que sêr capaz de sentir enthusiasmo, uma capacidade que a minha experiencia da vida e os meus semelhantes os homens muitissimo enfraqueceram.» Fa-

tando da maneira como a guerra poderia acabar dizia:

«Talvez as minhas fabricas deem fim á guerra mais depressa que os vossos Congressos; no



A MARCHA DA PAZ  
(Westminster Gazette.)

dia em que dois corpos de exercito puderem aniquilar-se mutuamente em um segundo, talvez todas as nações recuem com horrôr e licenciem as suas tropas.»

Foi nessa visita em Zurich que Nobel pronunciou pela primeira vez a idea de um premio de paz. «Gostaria de consagrar uma parte da minha fortuna, disse elle, á fundação de um premio a sêr concedido todos os cinco annos, — por seis vêzes, porque se em trinta annos os homens não tiverem conseguido reformar o presente sistema, terão infallivelmente caído na barbaria. O premio seria concedido áquelle ou áquella que tivesse levado a Europa a um maior passo no sentido das ideas da pacificação universal. Não tenho falado propriamente do desarmamento, que só se poderá obter muito lentamente, nem da arbitragem obrigatoria entre as nações. Mas o resultado que tenho em



Com estes dois em sentinella da paz os outros todos terão de estar quietos.  
(Minneapolis Journal.)

vista conseguir-se-a cêdo, — quero dizêr, que todos os Estados concordem solidariamente em atacar o primeiro aggressôr. Então as guerras ter-se-ão tornado impossiveis. E o resul-

tado será forçar ainda o mais contencioso Estado a recorrer a um tribunal ou a conservar-se quieto. Se a Triplíce Alliança, em lugar de comprehendêr sómente três Estados os incluísse a todos, a paz estaria por todos os seculos assegurada.»

A Baronêsa conservou Nobel sempre ao corrente dos progressos do movimento pacifista. Na sua ultima carta para ella, datada de 21 de Novembro de 1896, escrevia-lhe: «Estou encantado de vêr como o movimento ganhou terreno. E isso devido á civilização das massas, e principalmente aos destruidôres dos preconceitos, entre os quaes tem tão alto logar.»

Alfredo Nobel morreu a 12 do mês seguinte. Foi enviada á Baronêsa uma copia do testamento, e imagine-se a sua satisfação ao sabêr que elle deixára um quinto da sua enorme for-



O ISOLAMENTO DA AUSTRIA  
(Pasquino, Turim.)

tuna para o estabelecimento de um premio annual a sêr concedido «ao homem ou mulher que trabalhasse com mais eficiencia para a fraternização da humanidade, a diminuição dos exercitos e a promoção de Congressos de Paz.» A Baronêsa viu a bella colheita da semente que lançara: se não fôra ella não haveria o premio da paz de Nobel.

Em 1905 era-lhe concedido o premio — tardio reconhecimento do valôr da sua obra.

De então até hoje não tem ella arrefecido. Com inabalavel perseverança, acompanhando a vanguarda da cruzada humanitária, assistiu ás conferencias da Haya, a quasi todos os congressos da paz que se realizaram na Europa, e visitou a America, onde a sua autobiografia foi agora tambem publicada em traducção ingleza.

Mais do que nunca, a mulher pode hoje representar um papel importantissimo no movimento civilizador; mais do que nunca as suas qualidades são utilizaveis no periodo critico em que as sociedades vão entrando; — e como poucas excellentemente o comprehenderam Jane Adams e a baronessa Von Suttner, a autora de *Abaixo as armas* e a fundadora de Hull House.

### O feminismo no Japão

O feminismo faz no Japão importantes progressos. O movimento começou por volta de 1870. As jovens japonesas começaram então a ir estudar para os Estados-Unidos, onde se contam annualmente mais de 5:000 raparigas estudantes japonesas. De volta á patria dedicam-se principalmente ás letras. E crevem para grande numero de jornaes e revistas, e tem um periodico especial *O seculo XX*, que é o orgão do partido feminino avançado e reclama para a mulher liberdades juridicas e o direito de voto.

### A vida em Marrocos

O visitante de Tanger pode muito bem nada ver que não seja plenamente europeu. Os guias indigenas são profundamente europeizados, os hoteis todos modernos, as pessoas de alguma importancia todas sob a protecção de algum governo europeu, isto é, livres de serem presas, tortura-



A DIPLOMACIA A' FRANÇA: — Está-se tornando pietorica, Marianna; deve tomar alguns saes de Marrocos.

(Pasquino, Turim.)

das, despojadas de tudo que possuirem por algum cobrador de impostos. Mas um passeio de 40 milhas para Tetuão leva-nos para um ambiente completamente mouro.

Diz um padre inglês que um franco pode



GUILHERME: — Quando vocês estiverem embulhadas será tempo de eu afirmar os meus direitos!

(Pasquino, Turim.)

ahi livrar da fome durante um mês uma das mil e cem crianças mouras que a peste e as depredações do governo deixaram a cargo d'elle. Morrem aos centos, porque em Marrocos não ha ninguem para combater as epidemias e a fome, e restringir as naturaes tendencias das tribus guerreiras e do governo a saquearem o territorio. Claro que essas crianças crescem sem amparo, e quando mais tarde começam a ganhar a vida como agricultôres ou commerciantes a sua ambição não é amontoar riquêzas (nos de baixa origem) mas simplesmente evitarem o morrer á fome. A sorte é invariavel: em um anno a sua loja ou o seu campo são saqueados por uma incursão tribal; em outro é igualmente assaltado por uma calamidade natural que, como a primeira, ninguem encontra que a procure evitar; outro anno, cae-lhe em cima algum sujeito bastante rico para peitar os juizes; outro anno traz-lhe um pouquinho de prosperidade que, descoberta pelo governante local, torna o seu estado mais miseravel ainda. O governante comprou o seu lugar, que mantem até que ao sultão convenha vendê-lo a outro: portanto tem de fazer e escondêr rapidamente o seu peculio. Vende a propriedade do nosso amigo, mete-o na prisão até que elle largue para ali

o ultimo ceutil. De resto, um dia a tortura levará esse mesmo dinheiro das mãos do governante para as do sultão.

O característico da vida marroquina não é a incerteza da propriedade, mas a certeza da

espoliação. Ninguém trabalha, porque ninguém tiraria disso outra vantagem que não fosse o ser torturado e roubado. A mendicidade é o melhor estado, e a protecção estrangeira o ideal de todos.

## Vida na Sciencia e na Industria

### Os poços de petroleo na California

De onde procederão os jactos de petróleo das regiões petrolíferas? Quanto tempo continuarão a correr esses mananciaes, que fizeram a fortuna de muitos e a ruina de não poucos? O problema está inquietando profundamente os commerciantes de petroleo californianos.

Muitos poderão proclamar os seus poços praticamente inexauríveis. Mas não tem a certeza d'isso, e ninguém a pode têr. Não ha duvida de que todos os jactos dos grandes campos da California estão sobre a mesma fonte subterranea. Mas é de extrema difficuldade para os geologos o certificarem-se da exacta natureza e extensão da camada geologica que encerra e d'onde brota o petroleo. Este poderá percorrêr, antes de chegar aos poços, centenas de kilómetros. Por seu lado os engenheiros preoccupam-se com outro problema: o determinar a quantidade de petroleo que deverá ser explorada, pois a grandissima fonte obriga a despesas enormes de exploração, de armazenagem, de embarque, e ainda de seguro contra o fogo, perigo imminente e reconhecido.

Um outro problema importantissimo é o da collocação do petroleo. Apesar de um dos jactos têr fornecido mais de 700 mil libras de liquido, de que se armazenou grande parte, a Companhia ainda não distribuiu dividendo, pois o enormissimo caudal, inteiramente inesperado, antecipou-se a quaesquer combinações mercantis que se poderiam têr realizado. A producção d'esse poço está em mais de 100 mil libras de armazenagem, transporte e conservação. Tem 12 metros na bôca, e o petroleo sae como um *geyser* impetuoso.

Entre as varias teorias sobre a fonte mencionaremos a de Morsehead, que a julga influenciada directamente pelas aguas do Oceano, que está a umas 60 milhas de distancia, mas que poderá com ella communicar por canaes subterrâneos. Effectivamente, o jacto varia em intensidade com as marés. Outras auctoridades, porém, contestam esta teoria, dizendo que a mesma causa que produz as marés pode occasionar o levantamento e abaixamento de um grande lago subterrâneo de petroleo. Segundo alguns engenheiros o jôrro dá

vazão a um pôço alimentado por pequeninas correntes muito extensas, podendo as origens estar muito longe do ponto de afloramento; segundo outros o petroleo forma uma corrente arteziana, e jaz a grande profundidade sobre um lençol de agua, de forma que quando se tiver esgotado completamente será seguido de um enorme jacto de agua simples.

Esta teoria approxima-se da de Morsehead. O facto é que o poço já lançou dentes que parecem de tubarão e foseis da era terciária.

### Efeitos da electricidade nos rebanhos de carneiros

Varias experiencias feitas pelo professor Wentworth, um especialista californiano, demonstram os extraordinarios efeitos da electricidade sobre as culturas e os rebanhos. No anno passado provou-se que duplicou o numero de nascimentos e augmentou consideravelmente a quantidade de lan obtida, em virtude dessa influencia. No seu campo de experiencias em Tyler Place Roseville (California) o professor dividiu um rebanho de duas mil cabeças, mandando metade para campos que estavam sob a influencia dos fios da grande Companhia de Electricidade do Oeste, e conservando a outra metade em sitio fóra de qualquer influencia electrica. Nos primeiros campos obteve-se uma media de mais de dois cordeiros para cada ovelha, e no segundo uma media de menos de um. Semelhantes differenças declara o prof. Wendworth que se notaram na lan tosquiada. A do primeiro rebanho pesava mais vinte por cento que a do segundo.

Estão-se preparando ambos os campos para a cultura da aveia, augmentando-se ainda a intensidade da corrente electrica. Segundo o professor ha todas as razões para crêr que a colheita do campo electrizado será dupla da do outro. Estas experiencias estão sendo seguidas com o maior interesse pelos agricultores e commerciantes da California, bem como pelos scientistas e pelo publico em geral. Já varias experiencias se tinham feito nestes ultimos tempos para determinar a influencia da electricidade sobre as plantas, mas o professor Wentworth foi o primeiro a descobrir os seus curiosos efeitos sobre os animaes.



**Tres gigantescos  
animaes marinhos**

Mostram as nossas duas gravuras juntas tres gigantescos habitantes do oceano. Na primeira vemos um rapazinho entre dois respeitaveis bacalhaus, tidos como os maiores pescados até hoje. O da direita mediu 1<sup>m</sup>,70 de comprimento pesando

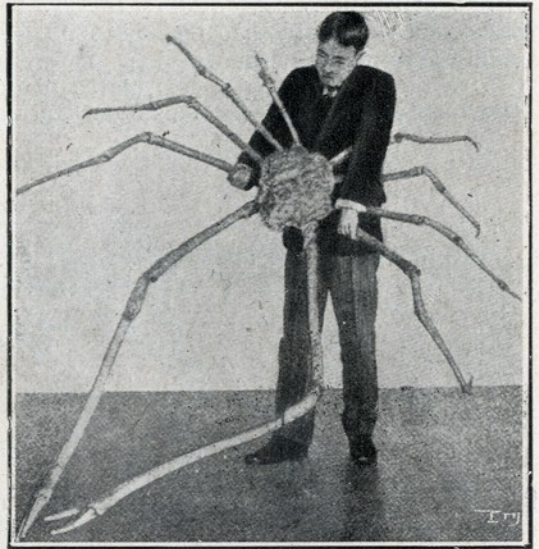


DOIS BACALHAUS GIGANTES

nada menos que 27 kilos; ambos foram pescados nas aguas de Battle Harbour, na costa do Lavradôr, por pescadores da Terra Nova.

**Schubert e Goethe**

Escrevendo numa revista inglêsa sobre Schubert, Mr. Basil de Selincourt diz que Schubert seguiu Goethe o mais que um musico pode seguir um poeta, e que entre umas cincoenta das suas peças das quaes a letra é de Goethe, pelo menos umas vinte são consummadas obras-primas. No lirismo amorôso e no lirismo naturalista Schubert iguala a exactidão e a envergadura de sentimento do poeta. Tratando outros temas de Goethe a replica de Schubert é igualmente rica, e a musica do rei de Thule, diz Selincourt, é mais pungente e apaixonada do que a poesia de Goethe.



UM GIGANTESCO CARANGUEJO

A segunda gravura mostra um caranguejo japonês que mede 4 metros de extremo a extremo das suas patas. O corpo tem 30 centímetros de largura. A especie encontra-se perto das costas japônêsas, algumas vezes a uma profundidade de 300 metros.

A proposito de caranguejos do Japão, lembremos os originaes caranguejos de Dan-No-Ura, de que tão interessantemente falou aos nossos leitores o illustre autôr dos *Traços do Extremo-Oriente* nos *Serões* de fevereiro d'este anno (pag. 401).

## Vida na arte

**Interessante descoberta  
em Corfu**

Sob a direcção do sr. Doerpfeld, encarregado de missão pelo imperador da Allemanha, foram feitas importantes pesquisas na acrópole de Corfu, pesquisas que trouxeram a lume belas esculturas coloridas de um templo a Apolo datando do vi seculo antes de Jesus Christo. Estas esculturas são do maior interesse para a historia da arte.

Um grupo central representa Perseu degolando a górgona Medusa, de cujo sangue nasce o Pégaso. A Medusa apresenta a particularidade de sêr enorme em proporção com o heroe e o cavallo.



# Serões das senhõras



## Chronica da moda

Um encanto particular se desprende nesta quadra do anno, em que a atmosphaera dourada pelos raios do sol forma um quadro deslumbrante para a elegancia e para a graça feminina.

As cassas, as musselinas, as gazes, as nanzouks e os *linons*, são finalmente toda essa variedade de tecidos leves e vaporosos, que reinam em toda a sua belleza e com todo o fugôr, por essas praias, thermas e campos para onde se refugia a sociedade elegante, para se divertir e se tratar.

Os bordados são o supremo chic e estão largamente em evidencia, sendo applicados sob varias formas, em vestidos, como indicam duas das nossas gravuras.

As rendas nunca estiveram tanto em realce, apresentando muita novidade alguns modelos de cabeções, fichus, *jabots* todos confeccionados de lindas rendas valencianas de *torchon*, de *crochet*, etc.

A predilecção pelos tecidos de riscas pretas e brancas continua invariavel, e com tendencia a persistir por algum tempo ainda.

Os vestidos de taffettá e de *moirée* surgem novamente depois de terem estado um pouco em decadencia. Serão estes os tecidos procurados para as *toilettes* de outomno; por ora são os linhos de côr e os *voiles* que dão toda a nota de leveza e frescura que o estio requer.

As saias continuam com o

corde de macho á frente e atraz, sendo os pannos dos lados lisos; outras porém já trazem algumas pregas para as favorecer em largura.

Em todas as *toilettes* se nota uma mistura de qualquer côr viva para lhes dar um certo realce. O vermelho encarniçado, o verde, e o *vieil or* são tons que se prestam sobre a maioria dos tecidos, e que ligam bem com a maior parte das côres.

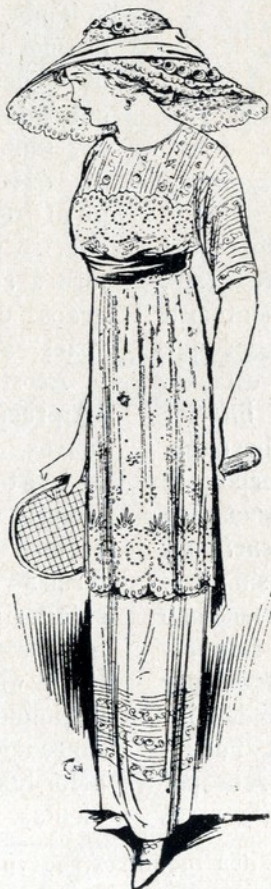
O preto é no entanto o que dá a nota de mais distincção, quando introduzido em qualquer vestido, casaco ou chapéu, e que fica sempre em harmonia.

A sarja é sempre usada para vestidos *tailleurs*, e terá tambem grande moda para o proximo outomno. Para os vestidos *tailleurs*, a mais completa simplicidade nos feitos, é sempre o caracteristico meio attractivo da mais completa distincção. Os casacos continuam sobre o curto, e guarnecidos na gola e nos canhões por qualquer especie de renda.

Para as bluzas a forma japoneza está sendo cada vez mais introduzida.

Os galões entrançados estão sendo novamente usados para guarnição de vestidos. Os botões oxydados são tambem um enfeite muito moderno e que só por si dão um certo realce a qualquer vestido *tailleur*; outra qualidade de botões tambem de novidade são em ambar defumado, outros ainda de esmalte preto e que ficam sempre bem em qualquer vestido de côr, principalmente azul escuro.

Uma manifestação da moderna elegancia são os sapatos



de côr de linho, ou de suede. A côr cinzenta é extremamente chic, posto que já um pouco mais vulgar. Em geral, a novi-



dade consiste na côr do sapato igual á do vestido, ou a qualquer enfeite deste.

Duas das nossas gravuras representam a forma de applicar os largos bordados que são a maior novidade da presente estação. O vestido é formado na parte inferior do corpo e superior da saia pelo bordado. As mangas a parte superior do corpo e a segunda saia são feitas de cambraia fina com preguinhas e entremeios *valencianos*.

Como se vê, são de uma inteira simplicidade tanto o vestido como a bluzinha, mas não ha *toilette* mais mimosa e fresca para qualquer praia. O vestido é completado por uma fita de veludo preto em volta da cintura, tendo as pontas cahidas atraz. Poderse-ha variar, substituindo a fita preta por uma de côr.

A nossa 3.<sup>a</sup> gravura representa um vestido de setim *éolienne*, *popeline* de soie, ou *crepe* da China, porque qualquer destes tecidos se presta á sua confecção. O corpo de forma japoneza é aberto á frente deixando vêr um peitilho de largo bordado estylo oriental, sendo as mangas guarnecidas do mesmo bordado. A *guimpe* deve ser feita de *filet* dourado.

A saia forma um avental á frente, levemente franzido e findando por entremeio bordado, igual ao das mangas. Na cintura um grosso cordão de seda.

Finalmente damos um môdelo de um chapéu de palha tagal, tendo a aba forrada por dentro de velludo preto, e sendo apenas enfeitado por elegantes laçadas de fita e fivela formada de flórsinhas meudas, e que pela gravura se poderá copiar facilmente, visto tão simples ser a sua execução.

### Vade-mecum da mulher

Toda a mulher, mesmo a mais rica, deve dedicar-se ao culto da simplicidade, tanto pelo lado da estetica como pelo da economia que, só por si, conjura a ruina, a desgraça, e... muitas vezes a deshonra.

Acostumemo-nos a apreciar as côres suaves, o branco e o preto, que são sempre duraveis; a preferir sempre as formas simples, os enfeites sobrios, e graças a esta nobre e altiva simplicidade, nunca nos succederá ser humilhada pela riqueza e pelo luxo, nem jámais nos tornaremos ridiculas.



Não é pelo sentimento e pela compreensão do bello que a mulher obedece variando continuamente a sua *toilette*; é pelo contrario, por um espirito de futilidade, uma inconstancia, — o que lhe faz merecer a designação de frivola, e o desdem dos filsofos.

Nada denuncia tanto a nossa pobreza como os vãos esforços que fazemos para mostrar uma riqueza que não possuímos.

Nada nos torna tão respeitadas pelas pessoas de bem, (as unicas cuja opinião devemos apreciar), como a franqueza da nossa vida, e o desprezo de falsas ostentações.

A mulher intelligente não se limita aos encantos do seu vestuario. Ella deve cultivar tambem o seu fisico: mesmo trabalhando, póde conservar as suas mãos delicadas, cuidar um pouco no seu cabello, pensar na conservação dos seus dentes; e pelo exercicio, e por um regimen dietetico apropriado, impedir a deformação do seu corpo, quer tornando-se pesada e grosseira, quer excessivamente delgada.

Não que a mulher pense em tudo isto como objecto principal da sua vida, mas, pensando assim, ella cumpre um dos seus deveres humanos.

Os exaggeros da moda, fazendo desaparecer completamente a graça feminina sob

os atavios de uma pura convenção, despojam-na do seu maior encanto.

Nenhum vestido se adapta tão bem a uma mulher como o que é feito por ella propria.

A natureza pôz nos dedos da mulher uma arte encantadora, que ella tem por instincto, uma arte tão puramente sua, como a seda é para o bicho de seda, ou a teia é para a ligeira e fina aranha.

O espirito da simplicidade não é um dom que se herda, mas sim o resultado de uma conquista laboriosa.

#### A mulher japoneza

E' graciosa a mulher japoneza?

Eis uma pergunta que terá varias opiniões, havendo, no emtanto, quem affirme que não ha figura mais perfeita, nem mais gra-

ciosa, do que a delicada figura das raparigas do Extremo Oriente.

As creanças attingindo a idade dos quatorze annos, ou quando já tenham o desenvolvimento pleno, são verdadeiros modelos de symetria. Chegadas, porém, a essa idade, começam a ligar fortemente os seus vestuarios em volta dos quadris, impedindo-lhes quasi os movimentos, no intuito de interromper todo o desenvolvimento.

Entre as classes pobres, augmentam a deformidade, obrigando as creanças desde



tenra idade, a carregar fardos sobre as costas, sendo estes seguros por meio de umas largas correias, que passam sobre os hombros, e atravessam á frente.

Quando uma rapariga japoneza attinge a idade dos dezeseis annos sem progresso de deformação, é um caso tão pouco natural, que cáe no desagrado em tudo, excepto quando tem uma fina educação.

Com a idade porém, tornam-se novamente tão graciosas, que não ha quem tenha uma expressão mais dôce nem mais suave do que uma japoneza de cabellos brancos. Um constante sorriso de felicidade lhes illumina o rosto, porque são sempre muito queridas e respeitadas pelos novos.

Seja qual' fór a sua condição, ella sabe sempre insinuar-se, e suggerir a idéa de pertencer á mais alta nobreza.

### **Gelados, sorvetes e refrescos**

N'estes dias de calor insupportavel, nada se torna tão apreciavel como um agradável refresco ou uma sobremesa gelada.

As seguintes receitas, além de faceis, são também pouco dispendiosas.

#### **Limonada**

Fervem-se dois copos d'agua com 250 grammas de assucar, de fórma a ficar um xarope. Vasa-se esse liquido por cima das cascas de seis limões, deixando-as de môlho durante duas horas. Em seguida junta-se-lhe o summo esprimido dos limões e quatro copos de agua. Cõa-se tudo por um panno fino, e serve-se por uma caneca. Esta porção dará para quatorze copos. Deitando-se-lhe um pouco de gelo, será preferivel.

#### **Gelado de morangos**

Tenha-se meio kilo de morangos, e depois de se lhes tirar o pé, esmaguem-se dentro de uma tigela, até ficar como uma pasta; passe-se por um passador, e em seguida, junte-se-lhe duzentas e cincoenta grammas de assucar, o sumo de um limão, e uns pingos de cochonilla para avivar a côr. Dissolvem-se tres folhas de gelatina em dois copos de agua, e uma vez dissolvidas, junte-se-lhes a massa dos morangos. Es-

tando quasi gelado, deita-se-lhe um copo de qualquer licôr, e deixa-se acabar de gelar.

Serve-se em pratinhos ou copos de vidro.

#### **Gelado de bananas**

Descascam-se e esmagam-se dez bananas, espreme-se bem todo o summo de duas laranjas, adoça-se ao gôsto da pessoa. Gela-se ligeiramente, e juntam-se-lhe duas claras de ovo bem batidas, com um pouco de assucar. Torna-se a gelar, mas sem ficar muito duro.

Serve-se n'um prato de vidro.

#### **Ponche Romano**

Corta-se em tiras finas, a superficie da casca de 4 limões, deitando-as para dentro de uma tigela.

Fervem-se dois copos de agua com meio kilo de assucar, e, ainda a ferver, vasa-se para dentro da tigela onde estão as cascas. Juntam-se-lhe tres folhas de gelatina préviamente dissolvidas em um pouco de agua, e o summo de seis limões.

Quando estiver quasi gelado, junta-se-lhe dois copinhos de rhum, e deixa-se acabar de gelar. Serve-se em copos.

### **Receitas uteis**

Para fortificar o cabello e torna-lo solto, esfregar o casco duas ou tres vezes por semana com a seguinte loção: Agua de colonia 30 grammas, espirito de vinho rectificado 60 grammas, bicarbonato de soda 15 grammas, agua distillada 180 grammas.

Aquecendo o limão antes de o espremer obtem-se muito maior porção de summo.

Para as pessoas que tem a pelle lustrosa, recommenda-se a lavagem com sabonete de borax.

### **Pensamentos**

A simplicidade é para a vida uma carta de seguro contra o infortunio.

*C. Wagner.*

Os livros são para a mocidade um guia, e para a velhice uma distracção.

*Jérémy Collier.*